

HISTORIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

CRISE DO ENSINO NA EUROPA, DETERMINADA PELA RENASCENÇA

§. 1 — Reforma da Universidade por D. João III, em 1537

Depois da reforma da Universidade de Lisboa, por D. Manoel, decretada nos estatutos ou Ordenanças de 1504, pouco se sabe do desenvolvimento dos estudos humanistas em Portugal; porém nas principaes Universidades da Europa floresciaam como professores e alumnos, portuguezes que honravam a sua patria, como Ayres Barbosa, que estudara na Italia e ensinara vinte annos em Salamanca regendo as cadeiras de grego e latim; Henrique Caiado, discipulo de Cataldo Siculo e de Angelo Policiano; Antonio Pinheiro, que estudara no Collegio de Santa Barbara, onde era principal André de Gouvêa, o mestre insigne de Montaigne; Pedro Margalho, que se doutorara em Paris e ensinara em Salamanca; Damião de Goes, que se formou em Padua; André de Resende, que estudou em Flandres, Jorge Coelho, Alvaro Gomes, Antonio Luiz, Jeronymo Cardoso, e tantos outros portuguezes que cooperaram no fervor philologico e critico da Renascença. Os humanistas eram as potencias da época, e os reis não sómente os attrahiam para as suas côrtes, como lhes entregavam a educação dos principes. Ayres Barbosa foi chamado de Salamanca, em 1521, para vir dirigir a educação dos principes D. Affonso e D. Henrique, irmãos de D. João III; André de Resende foi chamado tambem a Portugal para mestre do infan-

te Dom Duarte, em 1534, indo n'esse mesmo anno a Salamanca contractar a vinda de Nicoláo Clenardo para o Estudo geral de Lisboa e para o ensino do infante Dom Henrique. Fallava-se latim nas escholas do palacio e nas aulas da Universidade; André de Resende descreve este uso, na *Vida do Infante D. Duarte*: «Estando Elrey que Deus guarde, em Evora, quando eu vim de França e Flandes, no anno de 1534, fiz-lhe menção da erudição e virtudes do licenciado Nicoláo Clenardo, flamengo, que eu de Lovaina conhecia, e com quem me exercitava na lingua hebraica hum pouco de tempo, e contratara entre elle e D. Fernando Colon, sevilhano, quomo se viesse a Hespanha, e logo com promessa que se Elrey nosso senhor se quizesse servir d'elle, viria pera este reino. Ora, ao tempo que eu vim, elle estava em Salamanca já fóra D. Fernando, e lia em aquella Universidade com muita honra e frequencia; dei conta a Elrey que me parecia muito pera mestre do Infante D. Henrique, que seguia o estado ecclesiastico. Quadrou isto a Elrey, e mandou-me a Salamanca pera o persuadir que viesse, e em nome de sua Alteza, assentasse com elle o partido que me parecesse rasoado e honesto. Eu o fiz assim e o trouxe commigo, e depois de beijarmos a mão a Elrey, o levei ao Infante D. Henrique pera o mesmo. Fez-lhe Clenardo uma breve falla, e o Infante lhe disse que lhe respondesse e dicesse quanto com sua vinda folgava. Eu por logo começar a desenovelar o Infante lhe respondi:—Senhor, boca tem V. A. elle per sim lho diga, e pois ha de ser seu mestre, nom se acovarde a lhe falar em latim. O Infante o fez, que começou e ajudei-o eu. E pareceu-lhe tão bem o que eu fiz em o constranger a fallar latim, que logo assentou que d'ahi em diante quomo o mestre viesse e estivessem á lição, todos os presentes fallassem latim. Muitos houve que tinham opinião de letrados, que per não descobrirem o fio de quam mal sabiam fallar latim, escolheram antes não ir á lição nem entrar emquanto o mestre lá estivesse, e nom he necessario nomeal-os. O Infante Dom Duarte como principe discreto, e que em publico nom queria que se lhe enxergasse qualquer falta, me chamou a seu aposento, e dixe-me: Bem vistes quomo o Infante meu senhor, poz ley, que todos fallassem latim; as lições se começarão d'aqui a tres dias, folgaria que se nom enxergasse tanto em mim este defeito; qualquer afronta que por isso houver de receber seja antes aqui commosco só. Alegrei-me em extremo, e louvei-lhe muito isto, e comecei logo a fallar-lhe em latim, e fazêllo fallar e desempenar a lingua; foi a coisa em tres dias, de maneira que perdido o primeiro medo se desenvolveu tanto que, quando veyo á primeira lição fez espanto aos que tal nom esperavam vêr, quam facil e nom laboriosamente fallava.» (Cap. 10.) Nicoláo Clenardo falla da

sua vinda a Portugal em uma carta datada de Evora em 26 de março de 1535, e d'ella se tiram importantes relações para o estado do ensino n'essa época que precedeu a reforma da Universidade. Começa por explicar o motivo por que deixou a Universidade de Salamanca para vir ser mestre do paço em Portugal; Cleonardo detestava o ruido dos Geraes, odiava o systema da eleição dos lentes pelos estudantes, e não se conformava com o uso de ser interrogado o lente á porta da aula para satisfazer ou esclarecer as duvidas da lição. Estes mesmos usos existiam na Universidade de Lisboa, e Cleonardo não professou n'esta Universidade nem em Coimbra em 1537, como pretendem Mariz e Barbosa Machado. Escreve o notavel humanista: « Creio meu querido mestre, que já te-reis ouvido dizer com que condições deixei Salamanca para vir a Portugal, convidado pelo rei. Confesso que me agradou essa Universidade tão famosa, onde havia encontrado amigos tão dedicados e de um tão vasto saber, que de bom grado, se podessem, me converteriam em barra, com o proposito de conservar, pelo eterno attractivo do ouro, um estrangeiro que poderia escapar-lhes. E creio que o teriam conseguido se me deixasse ficar entre elles mais tempo, porque o vosso discipulo, apesar da sua mediocridade, havia adquirido uma geral estima, elle, que sempre se torna mais acanhado quando lhe cumpre lisongeiar alguém ou tornar-se amavel. E todavia as propostas de um rei desataram de repente os meus laços. Não é contar aqui com um rendimento superior ao que recebia na Universidade, que, além d'isso para ao diante prometia ser mais avultado; mas como sou inimigo do tumulto e suspiro pela solidão, a vida que tenho agora deixa-me mais senhor de mim. — Eu previa entretanto que me tornaria a victima do publico de um modo que não convinha nem á minha indole nem aos meus estudos. Por isso acceitei o que Portugal espontaneamente me offerecia, sem que o podesse adivinhar; e dou graças a Deus de ter fortalecido a minha coragem no meio do assombro de Salamanca inteira. Recuperei com effeito a tranquillidade e o repouso, aos quaes já não me era permittido aspirar. Vou a casa do principe, irmão do rei, ás duas ou tres horas depois do meio dia. Acabado o meu trabalho, volto para casa, e nada mais tenho a fazer na côrte. O trabalho que me sustenta é muito menos consideravel do que aquelle por que recebia cem philippus, e em vez de philippus é o dobro em bons ducados, e algumas vezes mais, com que Portugal me gratifica. Todavia, não me cumpre encarecer estes lucros pecuniarios em que nada ha de excessivo; porque eu tambem não desejo outra cousa senão satisfazer as minhas necessidades presentes e não me vér exposto de novo ás difficuldades que me atormentavam na patria. Como assim, direis vós, contaes

por pouco 500 thalers do Rheno, porque esta quantia equivale a 100\$000 reis em Portugal? » ¹ Clenardo não se conformava com o costume da Universidade de Salamanca, em que os lentes ficavam depois da lição á porta da aula para responderem ás duvidas dos estudantes. Este costume existia na Universidade de Lisboa, como vimos já pela disposição dos estatutos de D. Manoel. Clenardo protesta contra isso: « Demais a mais é uso d'este paiz, que reina igualmente na Italia, que depois da lição os professores se deixem consultar por toda a gente como verdadeiros oraculos; qualquer necidade que accomette o espirito, ou que anda nos labios do estudante menos atilado, se o professor se nega a escutal-a com benevolencia, e a responder como se fosse uma cousa seria, parece haver commettido um crime de lesa-magestade. » Clenardo liga a subserviencia dos lentes em attender os alumnos, á dependencia dos votos com que os alumnos elegiam os seus mestres: « O caso não fica aqui: e se mais tarde vaga qualquer cadeira, o pequeno malvado, o unico de quem se não devia receber, vingasse, escondido no seio da multidão: tira-vos a maior parte dos votos, e de nada vos serve possuir vastos conhecimentos. Nunca vistes em Louvain, diante da loja do livreiro Jaspas, esses circulos que se denominam a *chancellaria dos ineptos*? Mui bem. Em Salamanca são tantos os professores como os grupos de estudantes no meio dos quaes os desventurados experimentam maior tormento do que emquanto dura a hora da lição. Mas o maior numero applaude-se da sua miseria, porque tira d'ahi um agouro favoravel para os successos das luctas academicas; por esse modo pôde-se proxima-mente apreciar o numero d'aquelles que lhe hão de conceder os seus votos. E ainda que alguns se encontram que nada têm a esperar, e ja gosam as cadeiras mais lucrativas, todavia este uso prevaleceu de tal maneira, que todos se sujeitam a elle. Além de que ha um regulamento que estatue que qualquer *cathedratico* (é a expressão consagrada) ha de ficar á porta da sua aula para responder ás duvidas dos seus ouvintes. Eu resignava-me a arrastar esta cadeira, mas deixava perceber que estes interrogatorios me não eram agradaveis, e que não estava acostumado a semelhantes praticas. » A pratica da eleição do lente pelos votos dos estudantes, que vemos em Salamanca, foi tambem decretada por Dom João III

¹ Esta Carta foi pela primeira vez publicada por Lopes de Mendonça, *Annaes das Sciencias e Lettras*, t. 1, pag. 131 a 146.

por disposição datada de Evora em 29 de junho de 1534. A eleição dos lentes veio a ser substituída pela nomeação regia, mas a tradição pedagogica persistiu nas Universidades allemãs modificada na fórma dos *Privat-Docenten*, verdadeiros impulsores de renovação do ensino, apoiando na frequencia dos ouvintes o direito para entrarem no quadro do magisterio official.

Na supracitada disposição de 1534, Dom João III estabelece a regra para a eleição dos lentes: « Eu El-rei faço saber a vós Rector, lentes e conselheiros da Universidade do studo da minha cidade de Lixboa, que por algũas justas causas que me a isso movem, me praz que d'aqui em diante nas vacaturas das cadeiras do dito studo que seja de propriedade ou de substituição nom votem soamente vós dito Rector cõ os conselheiros e ouvintes que segundo seus statutos devem votar, e graduados na faculdade de que fôr a tal cadeira a saber: em theologia votarão soamente com o dito Rector os graduados conselheiros e ouvintes que tiverem cursos pera votar da faculdade de theologia; e nas de direito e em hũas e em outras polla conformidade das faculdades votarão com o dito Rector legistas e canonistas que segundo os statutos devem votar. E nas de medicina soamente os medicos com o dito Rector. E nas de artes votarão theologos, medicos e artistas graduados ou ouvintes que tiverem cursos conforme aos statutos pera poderem votar com o dicto Rector, por serem faculdades subordinadas. E por tanto vos mando que assi o cumpraes, e guardees d'aqui em diante e façaes comprir e guardar sem embargo de qualquer statuto, etc. »

A subordinação das faculdades era apenas uma vaga intuição da necessidade de uma hierarchia theorica, para dirigir o ensino, necessidade realisada sobre uma base subjectiva por Bacon. Aqui vemos o ensino secundario do antigo *trivium* medieval ainda incorporado na Universidade. Fernão de Oliveira, na sua *Grammatica portugueza*, allude ás luctas de competencia entre os varios graduados em Artes: « Mas os *Grammaticos* zombam dos *Logicos*, e os *Summulistas* apupam os *Rheitoricos*. » (*Gramm.* cap. 38.)

A reforma da Universidade de Lisboa e sua trasladação para Coimbra em 1537 foi precedida de um primeiro desenvolvimento do ensino secundario, que os Jesuitas mais tarde continuaram de um modo exclusivo. Acompanhavam os principes nos seus estudos elementares os moços fidalgos; as casas nobres a exemplo do paço tambem contractavam pedagogos, e os bispos nas suas dioceses sustentavam escholas de latim. Fernão de Oliveira, que redigiu a primeira *Grammatica* da lingua portugueza, publicada em 1536, fôra mestre em casa de D. Antão de Almada, capitão geral de Portugal: « cria com muito cuidado Dom Antão seu filho a quem

Deus guarde e prospere; para cuja doutrina com muyta despeza me trouxe a sua casa e graciosa e compridamente me conserva n'ella.» A educação das classes pobres fazia-se accidentalmente nos mosteiros; diz Fernão de Oliveira, explicando certas fórmãs dialectaes do portuguez: «sendo eu moço pequeno, fui creado em Sam Domingos de Evora, onde faziam zombaria de my os da terra, por que eu assi pronunciava, segundo o que aprendera na Beira.» (*Ib.*, cap. 47.) Fernão de Oliveira confessa que a sua Grammatica foi a primeira tentativa que em Portugal se fez da lingua nacional: «e como escrevi sem ter outro exemplo antes de mi, e isto muito mais escusará o defeito da ordem que tive em meu proceder se foi errada.» (Cap. 50.) A tentativa, embora continuada por João de Barros, em uma Grammatica composta para uso do príncipe Dom Philippe, a quem ensinava o prégador Frei João Soares, não fructificou, porque todo o empenho convergia para o estudo exclusivo do latim. O proprio Fernão de Oliveira estava sob a auctoridade dos velhos grammaticos e rhetoricos da decadencia romana e da Edade media, cujas doutrinas resurgiram na Renascença; estudava os phenomenos da lingua nacional abonando-se com Marciano Capella, Quintiliano, Marco Varrão, Probo Grammatico, e dos modernos com Nebrissa.

Em 1537 já florescia em Coimbra a escola de Grammatica de Lopo Gallego; Gabriel Pereira, erudito eborense, que inventariou os documentos do archivo da Universidade, escreve: «Da escola de Grammatica de mestre Lopo Galego, ha uma relação de 1537 com o titulo *Catalogus scholasticorum grammatices artis sub lupo galaico preceptore anno MDXXXVII conimbricensis universitatis*, que menciona 43 alumnos. Parece que a escola soffrera decadencia em 1540.»¹ Em um alvará de D. João III de 4 de julho de 1541, dirigido ao Bispo Reitor, dispõe-se sobre o ensino da Grammatica: «e quanto ao que dizees da falta que hi ha da primeira regra de grammatica por Christovão d'Abreu, mestre della, ter muitos scholares, eu tenho ora provido de outros dous mestres, que hãde começar a ler o primeiro dia de outubro deste presente anno nas casas que o Cancellario já pera isso tem ordenadas.» Em outro Alvará de 5 de julho, de 1541, diz o rei: «que eu ei por bem e me praz por algũas rezoens que a ello me movem, que os scholares da grammatica da primeira e segunda regra e assi os da *schola de Lopo Galego* nã paguem os cruzados que per outra provisãõ minha tinha mandado que paguassẽ pera ajuda da paga dos mestres, e

¹ *Bolet. da Sociedade de Geographia*, serie 2.^a, n.º 2, pag. 119 (1880).

per este mando que se não use mais da dita provisão por quanto eu ei por revoguada e mando a Dioguo d'Azevedo, bedel, a quem tinha dado carguo de arrecadar os ditos cruzados, que nã falle mais n'isso...» A necessidade imperiosa de fallar em latim dentro das aulas da Universidade, fazia com que o estudo da grammatica se tornasse da maxima urgencia. Quando o infante D. Henrique, discipulo de Clenardo foi nomeado Arcebispo de Braga, chamou para a sua diocese o celebre humanista, que regeu n'aquella cidade uma cadeira de latim, como se sabe por uma carta dirigida por Clenardo a Francisco Hovesio datada de Braga em 27 de fevereiro de 1538; elle descreve o prurido que dominava então no estudo do latim: «Se alguma vez Braga possuiu realmente o nome de Augusta, deveria ella ser denominada augustissima, durante a minha permanencia alli; porque a propria Roma difficilmente viu tantos *Bispos, Cardiaes, Patriarchas* e outros dignatarios como eu criei n'esta cidade n'um abrir e fechar de olhos. Accrescentae a isto senadores, consules e outros magistrados, que pela rua caminhavam, não desdenhando algumas vezes de comprarem alfices na feira...» Estas palavras alludem ao costume das antigas eschololas, em que os alumnos tomavam titulos sagrados e greco-romanos, para se distinguirem nas classes. Estes costumes duraram no ensino publico europeu até á reforma fundamental realisada sob a Convenção franceza; Lacroix, no seus *Essais sur l'Enseignement en général*, descrevendo essas reformas assombrosas da pedagogia pelo espirito revolucionario servido por Lagrange, Laplace e Garat, descreve esses usos escolares conservados até ao fim do seculo XVIII: «As fórmulas romanas, que se tinha introduzido como meio de emulação nas classes, não merecem importancia diante de espiritos sérios. Estes *Imperadores, Consules*, e Cadeiras, ligados a grandes recordações, quer em relação aos homens, quer em relação ás cousas, depois de degradadas pelas applicações infantis, não faziam senão servir de alimento ao pedantismo do mestre, que se empavonava no governo dos seus marmanjos, como um dictator n'aquelle da nação que tivesse conquistado o imperio do mundo.» (Op. cit., p. 113.)

Clenardo empregava este velho systema de emulação, que ainda encontrámos na nossa infancia em uma eschola primaria dividida em duas classes, Grecia e Troia, com as suas bandeiras, erguidas ou abatidas, segundo o merito das sabbatinas. Continúa Clenardo, descrevendo a sua eschola de latim: «Havia em Braga umas trinta pessoas que se occupavam de bellas-lettras; eu não me preocupei com ellas, resolvido como estava a estabelecer uma eschola sobre bases sérias. Querendo fazer um ensaio da intelligencia das crianças, tentei ensinar publicamente alguns pequenos por

tal modo ignorantes da lingua latina, que nem mesmo tivessem ouvido pronunciar d'ella uma syllaba. Apenas constou esta noticia, a novidade do projecto atrahiu em torno de mim uma multidão tal, que o local a não podia conter. Nenhuma idade faltava: vinham individuos de toda a parte. Com crianças de cinco annos, concorriam padres, escravos mouros, uns e outros já entrados em idade. Ainda mais, até paes vinham com os filhos, prestando ao mestre tanta deferencia como os mais obedientes discipulos. Sósinho no meio de tão diversos espiritos, não proferindo uma palavra que não fosse latina, e isto diante de pessoas que nada sabiam d'esta lingua, tive a satisfação de vêr, em poucos mezes, que graças a esse uso quotidiano, entendiam-se quasi correntemente, e que os mais pequenos mesmo papagueavam em latim, quando nem começado haviam ainda a aprender o alphabeto. De resto eu fugia cuidadosamente de apresentar aos meus discipulos qualquer cousa que os pudesse desgostar, e não era por antiphrase que a minha eschola se denominava *Ludus*, visto que eu brincava n'ella a valer.» É aqui que vêmos definir-se a fórma methodologica do ensino por *seducção* em vez do emprego da *pancada*. O *Ludus* de Clenardo derivava da tradição escholar da *Maison Joyeuse*, fundada no seculo xv pelo celebre pedagogo Victorino de Feltre, mestre dos filhos do Marquez de Gonzaga; o systema da pancada, sustentado pelo latinista Sterck, mais conhecido pelo nome de Fortius, prevaleceu em Portugal até á primeira metade do seculo xix, como adiante veremos. Eis como Clenardo descreve um dos seus divertimentos escholares: «Possuia tres escravos... Estavam longe de serem profundos grammaticos; aconteceu porém haverem contraído o habito de me perceberem quando eu fallava latim, e de me responderem n'esse idioma, embora peccassem contra as regras de Prisciano. Levava-os para a aula, fazia-os travar dialogos diante dos meus discipulos, e conversava com elles ácerca de um sem numero de assumptos, e o meu auditorio não perdia palavra, olhando como um prodigio que um africano fallasse latim.— Vamos, *Dente-Comprido*, dizia eu, vira-te! E elle dava duas cabriolas, e os espectadores riam.— Tu, *Negrinho*, anda de gatas! E quando o escravo punha as mãos no chão, as gargalhadas não tinham fim. *Carvão*, tendo recebido ordem para correr, cumpria-a no mesmo instante. D'este modo eu ensinava mil cousas menos com a voz do que com o gesto, e os termos á sombra d'estes brinquedos, ficavam gravados na memoria das crianças...» Os Jesuitas quando tomaram conta do ensino publico adoptaram estes divertimentos escholares nos seus *Ludi prioris* e *Ludi solemnnes*, porém com o tempo tornaram-se violentos cahindo no regimen da pancada, de que os accusa Verney. Clenardo publicou em Braga em 1538 as suas

Institutiones Grammaticæ Latinæ; elle não quiz tomar parte na reforma da Universidade por D. João III, sahindo de Portugal em 1540. No entanto, por uma carta dirigida a João Vaz, Clenardo allude a uma visita aos estudos de Coimbra em 1537, por ventura na sua passagem de Evora para Braga, em occasião de ferias; n'essa carta falla do ensino da lingua grega pelo allemão Vicente Fabricio nas Escolas de Santa Cruz, que então era o foco mais activo dos estudos elementares, onde convergia toda a mocidade da aristocracia. O uso de fallar latim nas aulas da Universidade foi novamente decretado por D. João III, no *Regimento dos Lentes e Estudantes*, assignado em 9 de novembro de 1537 em que se contém a reforma da Universidade; alli se diz: «Primeiramente hei por bem que os lentes leiam em latim, e o Rector mandaraa que se cumpra assi. E acabada a liçam farã circulo aa porta dos geeraes honde lerem, e responderão aas perguntas que os scholares lhe fizerem, e não o cumprindo o Rector os mandaraa apontar, e assi mandaraa, que os scholares das portas das scholas pera dentro falem latim, segundo forma da provisã que eu já sobre isso passei, a qual o Rector veraa e mandaraa comprir.»

Á maneira do Arcebispo de Braga, tambem o Bispo de Ceuta, Frei Diogo da Silva, por provisão de 22 de Janeiro de 1539 instituiu em Olivença «que do monte maior do celleiro da mesma villa se dessem todos os annos pela festa da Assumpção sete moios de trigo a um mestre, que alli ensinasse *Grammatica* e *Poetica latina* aos estudantes do bispado, e que deva ser eleito de dois em dois annos pelos proprios discipulos.»¹ Acompanhando a Renascença do seculo XVI na sua phase philologica, a reforma da Universidade nasceu d'esta corrente humanista, da qual os Jesuitas se serviram para reagirem contra as novas doutrinas theologico-criticas e scientifico-philosophicas.

Além do abuso do exagerado humanismo, o ensino estava viciado pelo emprego exclusivo da memoria, que conduzia a sciencia á confusão com o pedantismo doutoral. Do abuso da memoria podemos tomar um factio da *Vida do Infante D. Duarte* contado pelo seu mestre André de Resende, e que é ao mesmo tempo um esboço dos objectos de estudo elementar: «posso dar testemunho do excellente engenho e pasmosa memoria de que nosso Senhor o doutou. Liamos ha tempo em Lisboa a *Dialectica*, e depois de lhe ter lido os principios por a arte de Joanne Cetario, tornamo-nos a *Artes*; foi o Infante D. Henrique visital-o huma sésta estando nós

¹ Levy Maria Jordão, *Hist. ecclesiastica ultramarina*, tom. I, pag. 46.

em lição, levantei-me eu e dava-lhe espaço pera pratica e conversação. Nom, nom, dixeu o Infante D. Henrique; eu nom quero interromper a lição, sentai-vos e prosegui. Virei-me ao Infante D. Duarte e disse-lhe: Pois, Senhor, o Infante vosso irmão quer estar á lição, bem será que saiba quanto V. A. tem aproveitado cõ lho ouvir de sua bocca. Cerrou o Infante o livro, e em latim competente resumiu o tratado de Porphirio *De Predicabilibus*, e as *Categorias de Artes e Perihermeneas*, tão solta e despachadamente, que o Infante seu irmão ficou attonito. Nom é isto tanto quanto o que agora direi: liamos tambem o livro *De Officiis*, e lêramos este dia o capitulo *De Justitia*. Repitiu de coor assi quomo jaz, e des que acabou lhe disse agora: Esto lho quero dizer ás versas. E começou da derradeira palavra proseguindo até á primeira sem titubar nem fazer intervallo. O que eu hei por cousa digna de admiração, porque dizer de coor uma pagina ou capitulo per sua recta ordem, o entendimento vai ajudando a memoria e ministrando-lhe as palavras, que a sentença requiere; mas ao revez em que a sentença se disturba e totalmente desbarata, pôde cada hum em si experimentar quam difficil e laboriosa cousa he, e reter ordem de palavras em tanta desordem de sentença.» André de Resende admirava esta violencia da memoria diante dos exemplos da antiguidade: «Ora louvem os escriptores quanto quizerem a memoria de Marco Cato, ou de Cyro, ou de Cyneas embaixador de Pirro; eu esta do Infante haveria por digna de maior admiração.» (Cap. 10.) Esta desgraçada cultura da memoria, que na expressão popular se identifica com a intelligencia, continuou a ser considerada como o objectivo do ensino, sendo esta direcção deploravelmente continuada e exagerada sob a direcção dos Jesuitas.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

5.^a EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA

(Grupo do Leão)

O artigo, que segue, não é o trabalho de um crítico, mas a impressão sincera de um visitante obscuro, que foi, como contemporâneo dos artistas expositores, observar os esforços da sua actividade, do seu talento, do seu progresso, no curto periodo d'um anno. Não é uma historia circumstanciada da exposição, o que vai lêr-se; é antes, a largo traço, a synthese d'aquelle agrupamento, a idéa que foi direita ao cerebro sem arrendados de palavra, e sem minucias de estylo, e que a gente conserva por dilatados annos na memoria, como uma definição precisa para indicar um acontecimento.

Não ha evolução d'arte, que não corresponda a uma evolução social, e o Grupo do Leão nascendo em seguida ao movimento camoneano de 1880, trouxe d'esse bello resurgir o esforço vigoroso para a lucta e imaginou, que podia, simplesmente com o auxilio do seu talento, levantar-se á inspiração da grande arte e levantar o publico a essa comprehensão.

Depois com uma periodicidade, que já se podia annunciar nos calendarios, veio fazendo annualmente as suas exposições, regulando, pautando as coisas, pensando nas molduras, cortando um pouco pela *bohemia*, e pintando para o publico, como se o artista verdadeiro devesse alguma vez pensar n'essa entidade anonyma.

Par e passo, essa revivescencia nacional, que parecia dever

operar-se por occasião do tricentenário, veio amortecer na lei das rolhas, nas vergonhas do bando precatório, na dissolução do galão branco, no medo imbecil do cholera, nas reformas politicas, na bysantina questão de Braga e Guimarães, de que se occupou calorosamente o parlamento nacional, á falta de melhor orientação!

A energia masculina do Grupo do Leão amolleceu naturalmente sob as deleterias influencias do meio, e os melhores artistas, aquelles mesmo em que se nota decidido talento, apresentaram este anno quadriculos insignificantes, uma pobreza triste de ideal, como são por exemplo o *Logar de Coimbrões*, de Silva Porto, o *Bairro dos pescadores na Povoia*, a *Ermida de S. Sebastião no Lumiar*, e outros, que nem pensamos enumerar, porque esses bastam, como exemplificação, para demonstrar a nossa these. E, entretanto, deve dizer-se com justiça, o nome d'este artista é um dos mais laureados, senão o mais laureado da exposição; é d'elle o bello quadro *Os campinos*, um estudo formoso do natural, em que o pittoresco viver do Alemtejo parece adivinhar-se na tela; suas são algumas das melhores paizagens expostas, apesar do desamor com que por vezes a vegetação é tratada; sua é aquella *Praia da Foz*, de uma tonalidade aspera, como as bravuras do mar junto da costa! Pois, apesar de todo o seu talento, o artista não apresenta um quadro, em que a sua inspiração fecunde um bello pensamento original!

Outro grande artista, Columbano B. Pinheiro! — que tristeza, porém, quando se repara nos seus trabalhos! Oito retratos, uns esbocetos, duas cabeças de estudo, e como genero de composição apenas o *Mendigo* e o *Trecho difficil*.

Que diabo! não pôde dizer-se que a branca fada da inspiração fosse prodiga dos seus favores para com um artista, qualificado de genial! Isto, como argumento para a nossa these, porque, de resto, talvez houvesse graves defeitos a notar na anatomia e physiologia de movimentos do seu mendigo, no desprezo das suas roupas, nas ulceras, que se entrevêem pelos rasgões das calças, se é que o são as manchas vermelhas distanciadadas das pernas, com que o artista quiz significar aquella enfermidade asquerosa.

Nos gallinaceos e coelhos de Gyrão não podêmos pensar, como uma affirmação de arte; é provavel tambem, que o artista não tenha essa pretensão, e se limite a fazer a pequena arte... para uso das salas de jantar das modestas casas burguezas; faz bem, embora podesse fazer melhor. E, todavia, não sahindo mesmo do seu genero, os assumptos de composição não faltam a um observador intelligente; o seu quadro *Uma familia* é uma prova de que se pôde ser animalista e ter intuição artistica, e se Gyrão se orientar n'esse caminho, dar-nos-ha por certo alguma cousa superior aos seus bellos gallos e coelhos.

Malhoa apresenta um grande quadro *Viatico ao Termo*; aqui o assumpto veio ao encontro da paleta do artista, este porém não soube tirar d'elle todo o proveito. Ha correcção nas figuras, desenho de mestre, quando se considera cada uma de per si, mas no todo do seu quadro falta harmonia entre os personagens e o meio; vê-se que as figuras obedecem á necessidade de serem vistas pelos futuros espectadores, e não se diluem, permitta-se-nos a expressão, na natureza, indifferente á costumeira catholica!

São cruas, algumas como que espetadas alli sem terem lá que fazer; mas estão, para que as vejam, accusando d'esta fórma a concepção do artista, que não pôde acompanhar o vôo primitivo da inspiração; tomamos nós entretanto, que todos os seus quadros nascessem d'um pensamento original e não obedecessem, como os esguios rectangulos do *Pateo do Martel* e da *Aldéa do Gravito* á mais absoluta carencia de inspiração e de bom gosto, que pôde offerecer-nos um artista de talento, como é Malhoa, e que o prova aliás no quadro do *Viatico*, e no *Nascer do sol e Cahir da tarde*. Aquillo não se expõe.

Christino dá melhores provas com o buril, do que as dá com o pincel! Mas veja o leitor, que o assumpto d'um quadro seu *A doka da Ribeira Velha*! Não lembra ao diabo... esta franciscana pobreza de concepção!

Tres artistas da provincia, ou, melhor, que vivem recentemente na provincia, expõem juntamente com os seus contemporaneos de Lisboa. Primeiro o snr. Martins, de Thomar, que podia ser mais feliz na escolha dos seus assumptos, tendo alli á mão como tem, a natureza encantadora, de um perfume suave de bucolismo, que ornamenta o pittoresco Nabão, mas que em todo o caso exprime com suavidade; depois o snr. Pinto, de Portalegre, terra de que reproduz os aspectos, e por ultimo o snr. Vieira, de Leiria, cuja famosa *Janella do Alcaçar* não chega a ser um assumpto, mas que é uma opulenta decoração, á parte a predilecção pelo amarello, e cuja paisagem da Nazareth tem a suave alegria das marinhas beijadas pelo sol e perfumadas pela exhalação quente das algas.

Depois ha ainda Ramalho, que quasi nada expõe, Vaz que sofre do mesmo mal dos restantes, e que dá prova da sua falta de orientação artistica com a exposição da *Torre das Cabaças*, que falseia a natureza no *Outoño*, dando-lhe um colorido que nunca ella teve, e que nos molharia a boa vontade de o admirarmos com o seu *Dia chuvoso*, se a *Praia-mar do Sado* não viesse resgatar os seus creditos e se o bello carvão do convento de Christo não fosse uma affirmacção do que esse artista é capaz de comprehender.

Depois Villaça, manda-nos de Paris o seu *Ultimo beijo do dia*,

que mal podemos apreciar porque não é nossa aquella natureza, e por ultimo Sousa Pinto, que nos envia da grande cidade dois quadros com duas idéas e uma cabeça de camponez, em que ellas parecem não existir. A sua *Colheita de batatas* é para nós o que de melhor vimos na exposição; ha um pensamento alli e ha vida, que é a verdade, em todo esse pensamento. Aquelle rapaz que accende a fogueira, com as bochechas ruborizadas pela chamma, assoprando cuidadosamente para que o lume se não apague, vê na imaginação o banquete do precioso tuberculo, saboreia-o de antemão, como o trabalhador que vê a gloria no fim da sua lide trabalhosa. E não é menos verdadeiro, se ainda o não é mais, apesar de n'ellé se reparar menos, o typo que está em pé, o companheiro infantil do pequeno incendiario da resteva. Como é verdadeira a sua tranquillidade *pose* em frente d'esse lume, que vê engrandecer, attitudé naturalissima de qualquer criança, e de qualquer adulto mesmo, ao pé d'uma fogueira cuja chamma se vê ondular suavemente, como se diante d'esse bom amigo o lume, que nos aquece, o nosso pensamento adormecesse tepido e aconchegado, em uma dôce e tremula caricia! Não discutimos o pintor, é claro, accusamos apenas a concepção do artista. Sob o primeiro ponto de vista devemos dizer até, que o que ha sobretudo de bom no seu quadro é effeito magnifico da chamma, que não diz em verdade com o meio que nos parece falso, adocicado e tenue. A natureza não é realmente aquillo, como não é tambem a interpretada pelos *realistas* do grupo.

Deixando a escultura por ser uma secção á parte, embora seja notavel já o talento do unico artista que expoz, não fallo tambem das senhoras que apresentaram trabalhos; não porque o não mereçam pela sua intelligencia, pelo seu talento, e mais que tudo pelo arrojo em cortar o preconceito, que exige que a mulher portugueza viva sómente para o *pot-au-feu*, ou para o crochet e piano da sala de visitas; mas os seus trabalhos não têm uma larga significação artistica, são como as franjas espumosas e rendilhadas do mar, — um sorriso e não uma severa magestade. Por isso eu peço perdão, para, mesmo omitindo-as, perguntar a mim mesmo: O que foi a 5.^a Exposição de arte moderna?... e responder, sem embaraço, apesar da sua presença — uma prova de que ha talento nos nossos artistas, mas que não ha orientação, ou porque os acanha a influencia do meio, ou porque a sua educação artistica e sobretudo litteraria é insufficientissima. Esta ultima causa julgo-a de enorme importancia.

Corollario. O Grupo do Leão terá de metter no seu cerebro idéas, não só para que as suas telas sejam verdadeiras obras de arte, mas para que essa força subjectiva, seja como que a jangada

poderosa que os faça caminhar serenamente e triunphantemente, através do nosso meio, que é ainda um charco, e no qual podem com facilidade submergir.

« Os artistas do presente e do futuro, diz o biologista Letourneau, nunca poderão exceder os seus antepassados senão pondo nas suas obras o que faltava aos mestres da Renascença — idéas —. » Ai de mim ! Eis ahi a falta que eu tive a infelicidade de notar na 5.^a Exposição de arte moderna, quando a visitei, como um simples contemporaneo d'esses rapazes de talento.

Lisboa — Janeiro de 1886.

J. AUGUSTO VIEIRA.

A SAINT-BARTHÉLEMY

INEDITOS PORTUGUEZES A SEU RESPEITO

(Continuado da pag. 311)

Estava chegado o momento da crise.

Catherine finge adherir ás idéas de seu filho, ella propria apres-
sa o casamento de sua filha Marguerite com Henri de Bearn, de
maneira que quando os legados de Roma chegavam com o *sim* de
D. Sebastião de Portugal, esse *sim* tão difficil de alcançar ao disci-
pulo dos jesuitas, já encontraram Margot noiva d'Henriot ¹.

O cardeal chegava *trop tard*.

Charles IX atravessava um d'esses periodos terriveis do homem
invejoso, indeciso e violento.

As arguições do cardeal Alessandrino e ás do geral dos jesuitas,
Francisco de Borgia, elle responde: « Si j'avais quelque autre
moyen de me venger de mes ennemis, je ne ferais point ce ma-
riage; mais je n'ai pas d'autre moyen que celui-ci. »

¹ Este casamento, que muitos apresentam como prova da perfidia da
côrte, e feito adrede a fazer convergir a Paris os principaes calvinistas, já
tinha sido anteriormente combinado entre Antoine de Bourbon e Catherine
em 1561, época em que a côrte estava inclinada senão a abraçar, pelo me-
nos a deixar livre curso á expansão calvinista. Conjuntamente com o ca-
samento de Marguerite e de Henri devia realisar-se o do duque d'Orleans
com Catherine de Bourbon. Este projecto abandonado, e realisado onze an-
nos depois, é apresentado pelos contradictores da premeditação, como prova
de que o casamento não tinha por fim chamar os huguenotes á emboscada.
Fraco argumento.

Os contradictores da premeditação interpretam *inimigos* por hespanhoes e resolvem o problema!

Parece-nos que aquellas *mes ennemis* são deveras os inimigos pessoais de Charles, os inimigos proximos, isto é, os huguenotes, — ou sua mãe.

Se não fosse aos huguenotes que se referia, não seria ao legado do Papa que elle iria dizer: que se estava armando contra Philippe ou contra sua mãe; e tanto assim é que, á noticia da carnificina, o mesmo cardeal exclamou: «Louvado Deus! o rei cumpriu a sua palavra.»

Cretineau Joly, assalariado escriptor dos jesuitas, e que só poz no papel o que elles mandaram, referindo-se a esta entrevista diz: que tanto o cardeal-sobrinho como o geral Borgia «ne prévoyaient pas que sous ces demonstrations de paix, que sous ce langage de conciliation, on put cacher la pensée de la Saint-Barthélemy. Le cardinal était italien, le jésuite avait été l'ami de Charles-Quint et de Philippe II. Ils furent tous deux trompés par la duplicité de Catherine de Médicis... et ces deux hommes, que la nature de leur caractère ou de leur talent portait à la réflexion, ne purent rien saisir de la trame qui, au témoignage des historiens, s'ourdissait déjà, trame qui aboutit à un attentat.»

Como é que então o cardeal ao saber do *attentado* exclamou que o rei tinha cumprido a sua palavra?

Dêmos agora a palavra aos historiadores portuguezes, hespanhoes e italianos, cujo testemunho tem seu valor.

Davila, escriptor toscano do fim do seculo xvi, vinte annos depois do *attentado*, e que lêmos em traducção hespanhola na *Historia de las guerras civiles de Francia*, diz que Marguerite de Valois nunca deu o *sim*, e que no acto do casamento se contentou com uma ligeira inclinação de cabeça; que foi ella uma das instigadoras do *attentado*; que «Mourevello» esperou tres dias primeiro que conseguisse desfechar contra o Almirante, e que se á noticia do ferimento d'este el-rei mandou fechar as portas de Paris, foi para que os huguenotes não fugissem.

Luiz Cabrera de Cordova, na sua chronica de *Filippe segundo rey de España*, diz: «El-Rey arrendito de su tolerancia, determinò matarle (a Coligny) para su quietud e seguridad, i de los Estados de los amigos persuadido, que si los Huguenotes vencian en Flandres, tomarian tanta arrogancia que devia temer.»

Os chronistas portuguezes são accordes na dissimulação de Charles IX, pôde-se até afiançar que era a opinião geral dos historiadores mais essencialmente monarchicos e mais proximos dos acontecimentos.

Fr. Manuel dos Santos, na *Historia Sebastica* escreve «que El-

Rey de França Carlos IX desejando verse livre das armas dos Hugonotes, dos quaes era cabeça formidavel o Almirante d'aquelle Reyno Gaspar de Coligni, Hereje soberbo, e feroz; e não tendo forças seguras para declarar-se contra elles, por lhes assistir a Rainha scismatica de Inglaterra, e os Principes Protestantes da Allemanha, pareceu-lhes destruillos por arte na falta de forças; a este fim dispoz os meyoys com summo segredo e dissimulação, e foy hum dos exteriores que ideou para alicinar ao Almirante, e aos seus praticas, casar a irmã Madama Margarida de Valoes com o Principe de Bearne Henrique de Borbon então hereje. . . »

Mais adiante continúa: « aos 6 deste (setembro) chegou hum Expresso de Paris ¹ que tirou a todos da duvida: porque deu a noticia das chamadas Matinas de S. Bartholomeu: foy o caso, que El-Rey Carlos tendo juntos e dentro de Paris, como em rede ao Almirante, a Princeza de Bearne, e aos principaes Francezes Hugonotes, chamados para serem presentes ao matrimonio do Principe Henrique de Borbon com sua irmã Margarite, deu em segredo as ordens necessarias para que na noite de 24 de agosto fossem mortos quantos Hereges havia na cidade, começando pelo Almirante, de sorte que em Paris e outros lugares matáram a ferro mais de trinta mil Hugonotes, e todos acabariaõ; mas fugiraõ muitos para Inglaterra e Alemanha, que ao depois voltaraõ a França, e para que não parecesse que a mortandade fôra casual, sendo no outro dia 25 de agosto, em que celebramos a festa do seu glorioso S. Luiz, o Rey Carlos entrou no Parlamento, e nelle declarou que o castigo, que viraõ executado nos Hereges, fora de seu mandado: porque a vontade constante d'elle Rey era, que em toda a França não houvesse outra religiaõ mais que a Catholica Romana. . . mas esperando por esta presente occasião que *dispoz, e traçou, soffrendo e dissimulando* as insolencias dos Hereges que haviam visto; portanto revogava todos os editos, etc. »

Na lealdade com que fazemos esta narrativa cumpre-nos dizer que Jean de Vivone, embaixador de Charles junto de Philippe tendo partido pouco antes da Saint-Barthélemy para Madrid, confessa que ficou admirado quando soube na côrte hespanhola do caso. O que elle não diz é que se tivesse admirado de vér os aparelhos de guerra destinados a Hespanha, servindo contra os herejes.

Este testemunho de Vivone, depois marquez de Pisani, pôde ficar de quarentena. Vivone era homem da côrte, sempre na reserva

¹ Deve ser o portador do documento que adiante publicamos.

e na defensiva, não se compromettendo nem compromettendo seus amos; como fez com Henri III de quem foi embaixador junto do Papa Sixto V, cuja defeza sempre fez, mesmo depois do assassinato do chefe da Liga em Blois.

Os principaes huguenotes veem pois a Paris assistir ao casamento. Catherine julga azada a occasião de se desfazer de um rival no poder, e de aniquilar a seita que ia crescendo.

Filippe II está victorioso, por toda a parte, ou com o duque d'Alba, ou com seu irmão bastardo as suas armas são victoriosas, é conveniente tirar-lhe as suspeitas que elle e o rei de Portugal tinham de que os armamentos que se faziam em França eram deveras contra elles.

A Saint-Barthélemy era a tranquillidade no interior, a recuperação do poder, e a paz com a Hespanha.

Convém primeiro, para realisar o attentado, tirar o apoio ao rei com o assassinato de Coligny prevendo uma das reviravoltas tão naturaes ao seu character, e assim o seu espirito versatil voltará de novo ás antigas tenções.

Cabe aqui o documento do «Segundo Tomo das Cartas da Europa. Do anno de 1560 até o anno de 1575», que pertenceu ao collegio dos jesuitas de Coimbra e existe hoje na bibliotheca de

Evora. Cod. $\frac{\text{GVIII}}{2. 2.}$.

Certa relação da morte das cabeças dos hereges de França tirada da carta del Rei

Segunda-feira 18 d'agosto recebeo ElRey de Navarra a Ir de ElRei da França á porta da see de Paris na forma que costumaõ as filhas de França. Acompanhava conforme ao concerto até á capella e d'a hy se retirou ElRey de Navarra sem estar a missa as casas do bispo desta cidade donde aviaõ saido. fes o officio o cardeal de Borbon posto que não houvesse dispença do Papa: não foraõ os embaixadores convidados mais que pera verem das ianellas o auto, ás quaes não foraõ o embaixador do Papa, nẽ de Castella, nẽ de Portugal. Sesta-fir^a a noute 22 de Agosto as dez horas de plla menhã vindo o almirante do passo pera sua casa lendo hũa carta lhe atiraraõ de hua ianella com hũ arcabus que levava trez pelouros de bronze deraõ-lhe plla mãõ direita, e cortaraõ-lhe dois dedos, e tomando-o plla braço esquerdo lhe quebraraõ as canas, e pareçendolhe que escaparia disse mao arcabuzeiro. O homem que o

ferio se salvou em hũ cavallo que deixara a hua porta que a caza tinha pera a outra rua que era da sr.^a Nvers molher que foy do duque de Guisa morto, o qual dizem que se chamava Capitaõ Michael de guarda do Duque Daniu. Aconselháram ao almirante os que lhe acodirão que se fosse mostrar a ElRey de frança, ãõ quiz senaõ irse a sua casa a qual o foraõ logo visitar todos os grandes assy catholicos como Ugonotis. Disse que tinha que fallar a ElRey, e offereçendose muitos para levar recado entre os quais foy ElRey de Navarra ñõ delle o quis fiar. ElRey christianissimo o foy ver depois de iantar, e a Rainha sua may daNiu, e Lanzon irmaõs legitimos del Rey todos iuntamente muy acompanhados com todas as guardas reformadas, detevese ElRey hũ pedaço na visita dizendolhe que se fosse pera o paço, no qual lhe mandarãõ despeiar as casas em que pousava a molher do principe de Condé morto, Elle o ãõ aceitou Sabbado á noute se recolheu ElRey ás oito horas e a Rainha sua may e o duque Daniu, e depois de fechado o passo se tornarãõ a levantar todos tres a dez horas, e chamarãõ o cavaleiro de Angoleima irmaõ bastardo de ElRey, e os duques de Umala e Guisa os quais atee aqlla hora ãõ sabiaõ nada disto, e os mandaraõ que fossem matar o Almirante, e todas as cabeças dos Ugonotes.

ElRey de frança mandou matar todos os que estavaõ dentro do passo e reter ElRey de Navarra, e o principe de Cond, in herdrº do morto, e saõ trez servidores que contra ElRey ãõ avião tomado armas.

Sayo o Irmãõ bastardo delRey com estes duques á méa noite, e entrou primº dizendo que queria ver o Almirante e preguntou como estava, entrarãõ os Duques apos elle, e quando o Almirante os vio se fes morto, e o deitarãõ por hua ianella fora na rua, onde o acabaraõ de matar. O Conde Valenty seu genro, cuia molher estando prenhe despirãõ os soldados e roubarãõ a casa, e o Duque de Guisa a mandou cobrir com hũ farragoulo seu, e salva la mata-rãõ o conde Roxafocãõ o conde de Alcier o capitãõ Pilas bracomort, finalmente todas as cabeças dos Ugonotes. E ãõ se salvou mais que o Conde Gondomeri que matou a ElRey Anrique ãõ iusta, por ordem delRey forãõ em alcanse do Conde Gondomeri o cavaleiro de Angoleima, e o Duque de Guisa com quinhentos cavalos mas escapou. Estiverãõ todos estes mortos atee ás quatro horas depois do meio dia nus na rua, e em hũ carro até quinze delles os levarãõ a enforcar a forza ordinaria da cidade; e ElRey christianiss.º mandou dizer aos capitães dos quarteis da Cidade, de noute que se pusessem em armas, e tanto que se tangesse hũ certo sino degolassem todos os Ugonotes que achassem, e lhes saqueassem as casas repartindo o sacco ás cõpanhias pllas ruas da Cidade o que se fez com muito zello as cinco horas de plla manhã, he de crer que

morreo muita gente porque senão perdoou a homens nã a molheres em todo este dia e a volta com o furor do povo se saqueavão algumas casas de catholicos : iunto da porta do embaixador de Portugal vierão matar hũ ministro dos Ugonotes, e iunto na visinhança quatro ou cinco casas allem donde elle pousava batiaõ hũa casa ao fazer desta com artelharia. E em outra que contesta com o quintal do embaixador matarão o marquez de Tenri e Monsenhor do Pever ; o capitão do quartel em que caem as casas do embaixador as quatro horas ante-menhã lhe veo bater a porta avisando-o que se pusesse em armas porque a cidade estava nellas e ElRey mandava degolar os Ugonotes.

Na Igreja dos innocentes desta cidade de Paris se diz que a vinte e sinco de Agosto que foi o dia em que esta se escreveo floreceo hũa arvore que estava seca, agente aceitou por milagre, e he tanto o concurso desta que não permite deixar chegar a arvore. O embaixador mandou hũ homẽ la, mas não hera vindo ao escrever desta. Disse que ElRey de Navarra come com elRey de França posto que se lhe tenha posto grande guarda, e que nos cofres do Almirante se acharão papeis que saõ ¹ em deserviço delRey. Esta cousa tão grande se deve attribuir a nosso Sr ElRey christianiss^o e a Rainha sua may mostrarão bem com quanta resão possuem este nome que quem vio França no estado em que esteve de cuio remedio parece que o iuizo humano desconfiava vendo ontem derribar as cruces em abatimento da honra de d^s, ver se oie porẽ nas os homẽs nos chapeos pera andar seguros não tem que dizer senão hæc mutatio dextro excelsi a domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris ; não se pode deixar de confessar o valor de elRey em aver querido sacrificar sua irmã e reter em sy tanto tempo hũ feito taõ façanhoso pera o qual estava taõ falto de ministros fieis e de segredo.

Affirma-se que a armada que estava em Bordeos tinha ordem dElRey pera no mesmo tempo que isto se fisesse ir sobre a Arrochela, e o resto da gente por terra. Estes dias passados se entenderu que os da Arrochela deitarão os catholicos todos fora, e se fortalecerão, e meterão m^{tos} mantimentos dentro. E convem ainda que isto não fosse a ElRei de França estar armado pois determina pacificar seu Reino atee ver o que nos outros lugares socede.

¹ No original não se lê bem se é *saõ* ou *tiraõ*.

Este documento tem a vantagem de ser escripto durante « a carnificina premeditada, methodica, de rua em rua sem dó nem piedade. » O diplomata exulta de contentamento, e sem pensar em desculpar a causa do attentado, ou em attenuar o seu effeito, trata de despachar o correio, enquanto a « côrte vai em vestuario de gala vêr o cadaver de Coligny na forca. »

O embaixador acreditava — como toda a gente — o que era mais natural e logico, dado o character ambicioso e sem escrupulos de Catherine, e a indole perversa e violenta, animo indeciso e sem iniciativa de Charles IX.

N'aquelle tempo ainda se não apreciava a historia através de uma sentimentalidade doentia; e o embaixador portuguez tinha a sã philosophia de que um rei podia pensar como um bandido, tanto mais quando essa maneira de pensar estava d'accordo com os costumes da época. Nenhum contemporaneo de Charles seria capaz de escrever, á maneira de prova historica: « On l'applaudit, on l'aime. Il est heureux: comment serait'il mechant? »

Parece-nos tambem que a qualidade da testemunha não pôde ser melhor. D. João Gomes da Silva devia de estar bem informado do que se passava na côrte, devia conhecê-la a fundo, não só por tel-a frequentado quando se tratou da alliança de Margarida com o monarcha portuguez, e depois por occasião dos trabalhos da *Liga catholica*; mas tambem pela amizade intima — officialmente recommendada pela côrte portugueza — com os jesuitas.

Luiz Gonçalves da Camara dominava completamente o animo de D. Sebastião. Em Portugal e fóra d'elle só se fazia o que os jesuitas ordenavam. O documento que acabamos de publicar seria ainda uma prova d'essa influencia, se os actos de todo o reinado do infeliz allucinado a não proclamassem bem alto.

Mal chega a carta logo os jesuitas se apoderam d'ella, tiram copia e a mandam para o collegio de Coimbra. Esta cópia vai fazer parte do ensinamento moral dos estudantes, e marcar a orientação da sua tolerancia.

O documento original ou desapareceu, ou está tão bem arreadado que não ha meio de se dar com elle; graças pois aos jesuitas que d'elle tiraram cópia, esta cópia deve ter um grande peso na opinião dos historiadores, hoje que se pretende refazer a historia pelos documentos diplomaticos. Dos embaixadores então em Paris, quer elles fossem do Papa ou de Isabel, de Philippe II ou da republica de Veneza, não creio que houvesse nenhum tão bem informado, tão desinteressado para dizer a verdade como o nosso.

Elle tinha como seus informantes os jesuitas. O proprio rei, ou antes Luiz Gonçalves, lhe recommenda, por occasião do projecto

de casamento, que não faça nada « sem consultar primeiramente o padre Francisco. » ¹

*

Embora as narrativas de conspiração de palacio guardem profundo silencio sobre a interferencia dos jesuitas, não é de crêr que elles não tivessem conhecimento do que se planeava.

O confessor do duque d'Anjou — uma das cabeças e dos mais fortes braços do morticínio — era o padre Auger, ² sendo além d'isso seu amigo intimo e conselheiro confidencial, e quem, na manhã da batalha de Jarnac, o armou cavalleiro; não é de crêr pois que ignorasse o que fazia o pupillo, e que a sua opinião não fosse a dos assessores da embaixada.

Cabe aqui a transcripção de mais dous documentos que no Codice da bibliotheca de Evora se seguem ao antecedente, e que tendo com elle relação, dão mais alguns esclarecimentos sobre a politica do « verdadeiro Hercules Gallico », como a Charles XI chamou no sermão de 8 de setembro fr. Luiz de Granada:

Novas que vierão de França o Anno de setenta e dois

As cousas da religião xpãa em França vão louvado n. s. encaminhadas como convem a augmento da fé, e extirpação das herezias, e procedendo conforme ao principio que tiverão na morte do Almirante, e das outras cabeças dos hereges, porque ia não tem os hereges nhũa outra confiança senão reduzirensê, ou sairensê de

¹ S. Francisco de Borja.

² Este sacerdote é talvez um dos poucos jesuitas que preferiu ser amigo do seu amigo, a ser exclusivamente um instrumento das intrigas de Roma alliada com os Guises. Confessor e amigo particular de Henri III, em vez de se collocar do lado da Liga e com os jesuitas contra o principe, acompanhou sempre este. d'onde lhe resultou ser obrigado a abandonar a côrte e a França. Entrando em Italia, os jesuitas fizeram todo o possivel para que elle não conseguisse chegar a Roma, onde ia justificar-se junto do Geral, morrendo em Como, na Lombardia, *æquitate animi summa et tranquillitate*, segunda affirma um escriptor da ordem.

França como fez o conde Gondomerin que se salvou em Inglaterra, porque ordinariam^{te} os prendem em todas as partes e executaõ como fizeraõ em Leaõ, Orleans, Burges, Toloza, Bordeos e se procedeo em Paris. ElRey cristianissimo publicou hua ley que dentro em hũ mes todas as pessoas suspeitas de religiaõ que tivessem officios, ou pensões suas ou as viessem renunciar, e naõ vindo dentro n'este termo as averia por vagas e proveria como a taes, esperasse que seja este hum grande freio p^a se reduzirem. Domingo 14 de setembro. A princeza de Condé criada, e doutrina da rainha de Navarra na sua ceita hã das mais obstinadas pessoas que nella avya fez confiaõ de fee foi a missa e logo a quinta feira seguinte 18 de Setembro o principe de Conde seu marido fez outra tal confissão da fee na Igreja de Saõ Germen nas maõs do Cardeal de Borbon seu thio, e ouviu missa ele, e tres Irmaõs seus, e por quaõ obstinados estes principes estavam naquella seyta, e como pessoas em cuja contumacia estava soo a confiança dos hereges, foy hum grande ponto p^a sua conversaõ.

Quando elrey christianissimo foi dar graças a N. S. a capella polla execuçaõ que mandara fazer no almirante, e nos outros hereges, levou consigo o Principe de Navarra o qual entrou logo na Igreja e tomou agoa benta com o Barrete na maõ, esteve a missa, e esperavasse q̃ m^{to} cedo fizesse confissão da fee nas maõs do Nuncio de S. Santidade. Hum ministro dos hereges tido em grande veneraçãõ entre elles de sua vontade se veyo a reduzir, e disse a ElRey christianissimo que tee entãõ tivera aquella opiniaõ sabendo que era falsa seguindo sua inclinaçaõ e sua vontade por lej pondo em obra, e execuçaõ todos os vicios que a carne lhe representava, e que entendia que com a mesma cousa, e tençaõ se affeioavaõ os outros ministros, que ele se punha em suas maõs nas quaes estava dar-lhe ainda com a emenda da qual ele podesse merecer a N. S. perdaõ de seus pecados. O Milagre de Paris he certo e foi assi. No terreiro da Igreja dos Innocentes de paris defronte de hua Imagem de N. Sr^a ha lã espinheiro, que avia annos que estava seco o qual quiz N. S. que milagrosamente o dia de S. Luiz que foi o seguinte depois da morte dos hereges reverdesse e se enchesse de folhas e frol, o qual milagre elrey christianissimo e a Rainha sua mai, e seus irmaõs foraõ ver como a tal e assi o povo.

Fizeraõ se em Paris tres procissões solenes a N. S. por este caso da morte dos herejes hã fez ElRey, outra a cidade, outra a Universidade os da Rochella aquerem entregar e mandaraõ dizer a ElRey de frança que lhe queriaõ ser fleis vaçalos, e ElRey manda tomar entrega delles, e quando a naõ fizesse seja batida. O Duque Giza estava ainda na corte disiasse que hia a Campanha donde he Governador com exercito p^a empedir a entrada ao principe de orã-

ge se se quisesse recolher em França, e 'com comissão de entrar em frandes e ajudar ao duque d'alva sendo necessario a conservação daquelles estados.

Bib. Evora. Cod. $\frac{CVIII}{2. 2.}$

Terminaremos com o seguinte documento extrahido do mesmo Codice e com o qual se conclue este assumpto na collecção de *Cartas da Europa* do Collegio de Coimbra:

Por cartas de Paris do derradeiro de setembro

Que aos 26 fez o Principe Biarne a que chamão Rey de Navarra confissão da fee nas mãos do Nuncio do papa como se esperava, e que tambem fez a mesma confissão a princeza sua irmã, e vão ambos a missa de maneja que louvado N. S. procedem agora como catholicos. Que os francezes Hugonotes que estão em frandes em Monsdeanao se sairão daquelle lugar com suas armas pelo partido que fizeraõ com o duque dalva que o tinha cercado querendo-se recolher em França donde sairão, foram mortos nas fronteiras daquelle Reino por mandado del Rey de França em Picardia dizem que o numero destes francezes era de quasi trez mil bons soldados, em que avia alguns capitães e gente de quem os hereges se puderaõ ajudar. Refere An^{to} Galvaã Correo de S. A. que no caminho da Cidade Irue e bordeos vio agora na entrada deste mez de outubro numero de hereges mortos¹ em que entãõ se fazia execução na qual iaõ cõtinuãdo. Que o Almirante e o Capitão Pilas e outros hereges principaes, que foraõ mortos em Paris dia de S. Bertolameo estão ainda agora dependurados na forca ordinaria de Paris onde se logo entãõ puzeraõ.

Escrevesse de Inglaterra que no mez de Agosto foi degolado Nontumberland que estava preso por catholico, o qual naquella ora de sua morte protestou morrer na nossa Santa fee, e que por ella ofereceria outra vida se a tivesse abomidando com m^{to} zelo, e

¹ Depois do attentado de Paris, as cidades da provincia, umas por instigações da cõrte, outras por iniciativa propria, continuaram o morticínio. Em Meaux matou-se até 25 de agosto; em La Charite até 26; em Orleans até 27; em Saumur e Angers até 29; em Lyon até 30. Durante o mez de setembro assassinou-se em Troyes até 2; em Bourges até 11; em Rouen até 17; em Romans até 20; em Toulouse até 23 e em Bordeaux até 3 d'outubro, o que coincide perfeitamente com a narrativa de A. Galvão.

palavras de fervor a falsa opinião dos hereges, e que esperava na misericórdia de N. S. que aquele Rejno de Inglaterra desse mais cedo obediência a Santa madre Igreja de Roma e já que ele o não podia ver tinha por certo verenno seus parentes e amigos. Este bom conde catolico era pessoa muj principal e retirandosse a Escorçia foi entregue por outro conde por dez mil cruzados que lhe derão.

Em conclusão :

Para a cõrte o movimento calvinista importaria pouco como agitação religiosa, se elle não tivesse por movel a quebra da integridade do poder real, nas pretensões feudaes dos nobres, no espirito de protecção commum e de collectivismo que começava a accentuar-se no terceiro-estado.

Sob este ponto de vista comprehende-se perfeitamente tudo quanto n'esta sombria e longa tragedia parece obscuro e contradictorio.

Determinada a destruição dos inimigos esperou-se a occasião azada para a sua execução. Cumpria salvar e aperfeiçoar a obra de Louis xi. Os alliados para isso eram indifferentes — e tanto se tratava de politica e não de religião — que n'um dia a realeza aproximava-se de D. Filippe II, de quem recebia conselhos e executava planos; e no outro ia procurar para esposa d'um principe de França a rainha Isabel d'Inglaterra.

Gregorio XIII entoando *Te Deum*, cunhando medalhas ou fazendo pintar quadros; — Filippe II exultando; — D. Sebastião correndo pressuroso a fazer festas, são pefeitamente logicos; para elles ha o duplo triumpho do poder absoluto e da orthodoxia;

Isabel não invadindo a França, se lamenta em altos gritos as atrocidades praticadas sobre os seus correligionarios, deve ficar satisfeita por ter sahido vencedor o principio da autoridade, e, digna filha de Henrique VIII, não será ella que anime qualquer movimento que se dirija contra a corõa;

O Bearnais abjurando pratica uma simples cobardia, provando com ella que, se no espirito de Charles IX havia em larga escala o sentimento do odio catholico, nem sempre do lado dos protestantes ambiciosos era acrisolada a crença nem heroico o procedimento.

Entre o sacrificio da vida e o da crença o filho de Jeanne d'Albret não hesitou.

N'esse dia Henri IV provou que podia muito bem ser avô de Louis XIV, o author da revogação do edito de Nantes.

Quinta do Pinheiro, junho de 1885.

LINO D'ASSUMPÇÃO.

0 CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PUBLICA

E O SEU PRIMEIRO RELATORIO GERAL

Por carta de lei de 23 de maio de 1884, foi creado junto ao ministerio do reino um conselho superior de instrução publica, em substituição da junta consultiva, e dividido em duas secções, uma de nomeação regia, permanente e composta de doze vogaes e a outra electiva, substituível de dois em dois annos e composta de vinte e dois vogaes escolhidos pelas faculdades da universidade, escólas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, escóla polytechnica, academia polytechnica, curso superior de letras, observatorio astronomico, archivo da Torre do Tombo, academias de bellas-artes, conservatorio, lyceus, professores de instrução primaria, collegios e escólas de ensino particular. Não discutiremos a organização do conselho superior, condemnavel na parte de nomeação regia, embora feita em determinadas condições de habilitação scientifica e litteraria, mas notavel na parte electiva, como uma transigencia dos poderes constituídos com os principios democraticos da nossa época. Não podemos, comtudo, deixar sem reparo a exclusão do corpo electivo de delegados dos institutos industriaes, commerciaes e agricola, e das escólas do exercito e naval, os quaes são, como os representados, estabelecimentos de instrução publica, apesar de dependerem, por quaesquer conveniencias de administração ou de economia, dos ministerios das obras publicas, da guerra e da marinha, em vez de ser do ministerio do reino, como os favorecidos. Era de justiça e de rasão que todos gosassem de igual direito na discussão e resolução dos negocios de instrução publica, visto

que concorrem do mesmo modo para o ensino e derramamento de conhecimentos scientificos, quer theoreticos, quer praticos. Se não discutimos a organização do conselho, também não discutiremos as disposições regulamentares e a distincção de funcções que incumbem aos vogaes da secção permanente e aos da secção electiva, porque estes são uma consequencia inevitavel d'aquella. O erro de origem reflecte-se necessariamente em todas as suas partes.

Analysaremos de preferencia os effeitos da nova creação. Em outubro do anno findo, reuniu-se pela primeira vez o conselho superior de instrucção publica, tendo sessões bastante tempestuosas, onde o vicio do parlamentarismo offuscou por vezes a seriedade das discussões pedagogicas, mas cujos resultados essenciaes se acham no interessante relatorio geral, devido á penna do snr. Jayme Moniz, illustre professor do Curso superior de letras, e datado de 30 de novembro ultimo.

O relatorio, que vem publicado no *Diario do Governo* de 2 de janeiro do corrente anno, abrange considerações, consultas e providencias ácerca da universidade de Coimbra, faculdade de theologia, cadeira de hebreu, faculdade e escolas de medicina, pharmaceuticos, instrumentos para as aulas, edificio para a escola medico-cirurgica de Lisboa, faculdade de mathematicas, frequencia e actos n'esta faculdade, observatorio da universidade, academia polytechnica do Porto, curso superior de letras, vencimentos do professorado, observatorio de Lisboa, archivo da Torre do Tombo, academia das bellas-artes do Porto, conservatorio, ensino secundario, edificios para lyceus, escolas normaes do ensino primario, escolas primarias, etc.

O conjunto do relatorio, se na ordem geral das materias obedece á serie philosophica dos graus de instrucção, partindo do superior para o inferior, revela ao mesmo tempo pela ausencia de um plano systematico do ensino, o espirito de indisciplina mental que presidiu ás deliberações e discussões do conselho. Da falta de criterio philosophico resulta a desconnexão e fragmentação das medidas propostas e aconselhadas ao governo. Conviria, antes de tudo, assentar as grandes linhas principaes da instrucção publica, que é só uma como a sciencia, apenas dividida em diversos graus, correspondentes ás necessidades dos diversos grãos de desenvolvimento cerebral, para, em seguida, com inteira segurança modificar e transformar pouco a pouco o que existe, adaptando-o á realisação de um systema de ensino scientifico e racional, como o aconselha a moderna pedagogia. D'este modo, não só seria mais facil a reforma dos actuaes institutos, escolas e faculdades, como mais positivo e pratico o resultado que se obteria. É pela adopção

de um plano geral de instrução publica, baseado na concepção philosophica do universo ou nos conhecimentos reaes ácerca das relações do homem e da natureza, que se conseguirá sabir do estado anarchico e revolucionario, em que se encontram as polytechnicas, os lyceus, e em geral todos os estabelecimentos de instrução. O desenvolvimento das sciencias mathematicas e physico-chimicas, historico-naturaes e sociaes, e a sua coordenação philosophica no decurso do nosso seculo exigem a remodelação do systema de ensino em novas bases, acabando com o regimen da instrução theologico-monarchica das universidades e seminarios e metaphysica das polytechnicas e institutos.

As resoluções tomadas pelo conselho não obedecem a um plano geral e definido, são antes o producto da desorientação pedagogica e do estado revolucionario das intelligencias. Não as examinaremos uma a uma; contentar-nos-hemos com analysar os pontos principaes do relatorio. Começa este pela faculdade de theologia. N'um plano rigorosamente moderno de reforma dos estudos, a eliminação d'esta faculdade seria uma exigencia inilludível, porque a ordem de conhecimentos de que ella se occupa acha-se fóra do quadro dos phenomenos reaes e positivos, sendo o sobrenatural e a existencia e as manifestações da divindade o assumpto das dissertações theologicas. N'um paiz com uma religião officialmente reconhecida e sustentada pelo orçamento do Estado, era impossivel tal suppressão. Comtudo, transigindo com as instituições vigentes, poderia o conselho aproveitar essa faculdade, destinando-a essencialmente á investigação e á critica do Velho e Novo Testamento. Foi principalmente pelo desenvolvimento d'estes estudos que algumas universidades, como as de Tübingen e Strasbourg, alcançaram o lustre e a fama de que gosam no mundo scientifico. Com effeito o conselho superior de instrução publica inclinou-se um pouco, mas muito a medo, n'este sentido. As reformas da faculdade propostas são o desdobramento do ensino da historia ecclesiastica, cuja importância e vastidão de materia não corresponde actualmentente ao tempo que lhe consagram, em demasia limitado, e bem assim o da Escriptura, o qual «circumscripto como ora existe a uma só cadeira, tambem com direito exige maior desenvolvimento, por se demonstrar de mui eminente categoria a funcção que lhe compete no organismo da instrução theologica, e porque assim o demandam a importância, cada dia maior, da investigação biblica e a reconhecida vastidão de suas provincias.» Por isso propõe que «os preliminares da hermeneutica e da exegetica, sob o titulo de isagoge, archeologia e critica biblicas» passem a ficar a ficar a cargo de um substituto no quarto anno. É muito pouco, mas ainda assim foi o sufficiente para provocar a animadversão do bispo-conde de Coim-

bra, a authoridade superior da diocese, contra o corpo docente da faculdade d'onde partiu a idéa da reforma.

Existem no continente duas escólas e uma faculdade de medicina, todas deficientemente organisadas e luctando com a falta de meios para o seu desenvolvimento indispensavel. Já por vezes se tem lembrado, na impossibilidade material de dotar as tres convenientemente, de as reduzir a duas, completando-as com o pessoal e com o subsidio destinado á sustentação da terceira. O conselho superior de instrucção publica, não tendo, como notámos, um plano definido, não pensou na reorganisação dos estudos medico-cirurgicos ; visou sómente a melhorar um pouco as precarias condições em que ao presente se encontram. Por isso propõe a creação de uma cadeira de anatomia geral e histologia nas escólas de Lisboa e Porto, como já existe na faculdade, e tanto n'aquellas, como n'esta, o desdobramento em duas da cadeira de medicina legal e hygiene. Nas referidas escólas propõe igualmente a fundação de um curso de anatomia topographica afim de favorecer e aperfeiçoar o exercicio da medicina operatoria, e lembra a conveniencia de augmentar o numero de cadeiras da clinica geral e de abrir cursos auxiliares de pathologia e clinica de molestias de olhos, de pelle, syphiliticas, nervosas e mentaes, e de creanças. «E, continúa o relator, porque a respeito da hygiene e medicina legal não baste o desdobramento já aconselhado, antes se faça inevitavel organizar a regencia d'estes dois ramos, dando-lhe o character de facto que lhe é devido, e dotando-a com os meios indispensaveis, entre os quaes se enumera como utilissimo á do segundo a creação de um necroterio ou morgue, foi ainda votado que deve ser instituido o ensino pratico d'aquellas disciplinas, relacionado com os serviços e institutos officiaes de sanidade publica e investigação judiciaria.» Semelhante reforma torna-se, com effeito, de inadiavel necessidade; as exigencias do serviço publico todos os dias a reclamam, sobretudo desde que o recente desenvolvimento da sciencia positiva do direito reconheceu á medicina a justa ingerencia nos actos de criminalidade. Diz com rasão o relator: «Todas as vantagens, já dos enfermos, já da sciencia, já do ensino, recommendam que, onde seja possivel, os professores de medicina exerçam a clinica hospitalar.» A sensata proposta do conselho sobre este assumpto pena é que não seja applicavel com a mesma facilidade á escóla do Porto e á faculdade de Coimbra, como é á escóla de Lisboa. Parecem-nos tambem dignas de séria attenção as propostas que se referem á visita dos professores aos paizes estrangeiros, ao adjuvato de anatomia e ao internato de clinica, quer nas condições indicadas no relatorio, quer em quaesquer outras que melhor se harmonisem com o interesse da sciencia e o estado desgraçado das nossas finanças. Pela ado-

ção da idéa já emitida da redução a duas das escolas de medicina do continente, não só se conseguiria com extrema facilidade pôr em execução todas estas propostas, como levar a effeito muitos outros melhoramentos uteis, convenientes, e mesmo indispensaveis ¹.

Manifestou-se o conselho contra o favor concedido pelo artigo 136.º do decreto de 29 de dezembro de 1836, que se refere aos pharmaceuticos de 2.ª classe, propondo a extincção d'esta categoria em consequencia da insufficientissima habilitação litteraria ou scientifica que se lhes exige. Parece-nos que esta medida seria efficaz, se ao mesmo tempo se augmentasse a pratica aos pharmaceuticos de 1.ª classe, os quaes actualmente raras vezes podem equiparar-se áquelles que tem com effeito oito annos de boa prática. Com frequencia se observa a inferioridade dos pharmaceuticos de 1.ª classe comparados aos de 2.ª, apesar da reconhecida e já proverbial incompetencia theorica d'estes ultimos, nas pharmacias onde uns e outros dirigem as manipulações.

Das escolas superiores uma, que mereceu especial attenção ao conselho superior de instrução publica, foi o Curso superior de letras, a cujo professorado pertence o illustre relator. « Existe no paiz, escreve o distincto professor, um curso superior onde deve realisar-se o ensino vulgarmente dito litterario, mas em tanta maneira deficiente em seu programma, tão desprovido de vantagens praticas em sua frequencia que já não suscita controversia a instante necessidade de o reorganisar abrindo-lhe espaçoso logar no

¹ Depois de escripto o presente artigo, lêmos na *Medicina contemporanea* de 14 de fevereiro uma severa censura ao relatorio geral. D'elle extrahimos os seguintes paragraphos :

« A necessidade de uma larga reforma do ensino medico em Portugal é cousa de urgencia tão evidente, offerece tão alta, tão palpavel primazia sobre as necessidades de todos os outros ramos da instrução superior, que ainda ninguem houve que ousasse contestal-o. » — « No ultimo conselho superior de instrução publica, os delegados das escolas, e particularmente o do Porto, apregoram a situação da vergonha até onde tem cahido a instrução medica do paiz, não descobriam na Europa nação que melhor pudésser posta a par da nossa do que a Turquia, e os seus clamores não encontraram senão applausos e defensores. »

« ... nós pensamos interpretar os sentimentos d'essas escolas exprimindo muito nitidamente o seu nenhum reconhecimento e muito positivamente entendemos, que mais cadeira de histologia, menos cadeira de histologia, os cursos medicos permanecerão igualmente miseraveis e igualmente vergonhosos emquanto lhes fallecerem os meios de crear e melhorar o seu ensino pratico... »

systema da nossa instrução publica. » Na realidade, o Curso superior de letras, como se acha organizado, não tem outra utilidade senão derramar na estreita área, a que estende a sua acção, uma somma notavel de noções claras e positivas contribuindo assim para a emancipação do espirito publico. Infelizmente a sua influencia, em vez de ser vastissima, como era para desejar, é em demasia restricta, tanto porque este curso não conduz a cousa alguma pratica, como porque a sua organização actual é deficiente sob qualquer ponto de vista que se encare. Aproveitando em grande parte o nucleo d'este curso, que ora existe, poder-se-hia formar um curso de sociologia, cujas vantagens espirituaes incontestaveis seria obvio encarecer. O conselho por proposta, segundo presumimos, do illustre relator deseja transformal-o n'uma escola normal para professores de instrução secundaria. Um curso de sociologia prestar-se-hia espontaneamente ao mesmo fim. O snr. Jayme Moniz nota que os professores de instrução secundaria, do plano da instrução intermédia, mathematicas, physico-chimica e historia natural, têm antecedente legitimo nos institutos superiores; não succede, porém, o mesmo com os professores de historia e geographia, de philosophia e de linguas e litteraturas. « Por isso propõe o conselho que se organise com as cadeiras actuaes do Curso superior, e as mais que forem necessarias, um estabelecimento onde se ensinem superiormente a historia, a philosophia e as letras, e possam habilitar-se professores para a secção dos lyceus vulgarmente chamada de humanidades. » Não conhecemos ainda detalhadamente o plano de reorganização do Curso superior de letras, mas o que desde já applaudimos é a sua reforma que julgamos urgente.

Os melhoramentos propostos para a academia das bellas-artes do Porto são poucos, rachiticos, mas indispensaveis: a criação de uma cadeira de desenho geometrico e de ornamentação e principios de geometria descriptiva com applicação ás sombras; e outra de desenho, modelação e pintura decorativa; e a abertura de dois cursos um de anatomia com applicação ás artes e hygiene de edificios, outro de historia da arte e archeologia.

As medidas votadas pelo conselho para o Conservatorio são insignificantes em proporção dos melhoramentos que necessita. A reforma deve começar pelos vencimentos dos professores. Os proprietarios vencem 200\$000 reis annuaes, os ajudantes 110\$000 reis! A reorganização do archivo nacional torna-se igualmente inadivavel. Os melhoramentos materiaes e a elevação das dotações, propostos pelo conselho para diversos institutos scientificos, são na sua maxima parte indispensaveis.

Passando a occupar-se da instrução secundaria, escreve o re-

lator: « Ninguém, mediocrementemente versado no ensino secundario, ignora as gravissimas difficuldades d'esta espinhosa materia em que as indicações, as ideias, os alvitres, são quasi tantos como as intelligencias chamadas a esclarecel-a. A França ainda não exulta com o caminho por ella aberto aos ramos de serviço da instrução intermédia; a Belgica talvez já confesse o defeito essencial de sua ultima legislação sobre o assumpto; a Hollanda está longe de gear para o systema que perfilhou a justa e honrosa fama com que os entendidos lhe celebram a sabedoria de sua instrução superior; e a propria Allemanha, tão a miude citada como inexcedivel modelo, não aspira á gloria de haver resolvido definitivamente a questão na actual fórma de seus gymnasios e escolas reaes. Mas a que serve recorrer a factos estrangeiros? O exemplo domestico basta a convencer-nos de quanto o negocio se compõe de diversissimos elementos que lhe são internos, se enreda em mui embaraçosas circumstancias do meio onde tem de ser decidido, e se prende ao que ha de psychologiquement mais delicado pelo fim a que se destina. » Se com effeito assim succede, como crêmos, tambem nos parece innegavel que a solução do problema está mais longe de attingir, já não diremos a perfeição, mas a desejada aproximação d'ella, no nosso paiz, do que na Allemanha, na Hollanda, na França e na Belgica. A instrução secundaria é um grau intermédio que serve ao mesmo tempo a uns de preparativo normal para a entrada nos cursos superiores ou particulares e technicos e outros de complemento de instrução antes de entrarem na vida pratica. Precisa, portanto, fornecer um certo numero de noções que preparem aquelles para o estudo e investigação das especialidades scientificas a que se consagram, e estes para a comprehensão das relações geraes dos phenomenos que se passam ao redor d'elles ou em si proprios. O grau secundario deve conjuntamente desenvolver o espirito e illustral-o com conhecimentos geraes e positivos de todas as ordens de phenomenos. A redução da parte da instrução secundaria que se refere ás sciencias naturaes em proveito da parte relativa ao estudo de humanidades, que o relatorio advoga, parece-nos contraria ás tendencias modernas do ensino publico. Ainda se ouvem os echos do ruidoso livro de Frary ácerca da *Question de latin*, para que possa passar desaperecebido semelhante facto. No *Genevois*, o grande naturalista Carl Vogt publicou uma serie de artigos onde, occupando-se dos estudos na Suissa, condemna os estudos classicos.

O physiologista Herzen, professor de Lausanne, sem ir tão longe, diz que a querer-se conservar os estudos classicos, é preciso pelo menos collocal-os nas classes superiores dos collegios; pois seguindo elle, os estudantes devem começar por um ensino mais

« real », como dizem os allemães, por uma iniciação geral nos conhecimentos positivos.

A accumulacão de materias n'um curto periodo é um dos erros que o conselho verbera com inteira justiça, porque « em taes circumstancias os alumnos não obtêm o indispensavel alicerce de noções, e o que acima de tudo é grande mal, não sabem proceder á mais ligeira analyse, carecem de facilidade de raciocinio, urdem sem nexo logico o pensamento, não observam com rigor os factos, classificam mal as idéas, desconhecem as mais simples relações, e ignoram o uso correcto da generalisação, bella e utilissima prenda da intelligencia humana. » Estes defeitos, derivados do pessimo methodo do ensino secundario, revelam-se a cada passo no exercicio da vida pratica, como todos os dias temos occasião de observar, mesmo em cerebros, que pela sua illustração superior deveriam têl-os corrigido. O illustre relator constata a necessidade do ensino intermédio se distinguir pela sua generalidade, « vendo na rigorosa consciencia, no pontual cumprimento da funcção preliminar que lhe compete, a condição vital da sua categoria. » Recebendo os alumnos pela instrucção intermédica as noções claras da relatividade das cousas e da mutua dependencia e ligacão dos phenomenos, evitar-se-ha no futuro a triste monstruosidade intellectual, hoje tão frequente, de bons mathematicos olharem com desdem as sciencias historicas, e de grandes capacidades em qualquer ramo das sciencias sociaes nada vérem para fóra do circulo acanhado da respectiva especialidade. Por esse motivo tem razão o conselho em propôr « que em regra todo o professor de lyceu seja obrigado a reger mais de uma cadeira ou de um curso, recebendo pelo excesso de trabalho condigna retribuição. »

Outra medida digna de applauso consiste na prohibição do exercicio do ensino particular aos professores publicos de instrucção secundaria ou superior. O conselho confundiu o ensino particular com o ensino livre, coisas inteiramente distinctas na nossa opinião. O ensino particular acceta os methodos e as doutrinas preconisadas officialmente, fazendo concorrência aos estabelecimentos sustentados pelo Estado e tendo por fim exclusivo a exploração mercantil. O ensino livre não ; rejeita os textos e os regulamentos officiaes, oppondo methodo a methodo e doutrina a doutrina ; assim como reprova os processos e os livros que têm a sancção do Estado, tambem não lhe vae pedir examinadores para validar os diplomas e cartas de exame dos seus alumnos. O snr. Jayme Moniz, reconhecendo a confusão em que cahiu o conselho, procura habilmente salvá-lo com excellentes e judiciosas considerações. « O ensino livre, escreve o illustre professor, não é só uma actividade auspiciosa ao serviço da sociedade do presente, antevê-se já que é

tambem uma promessa perenne de esperança para a sociedade do futuro. Quer as nações um dia tenham de vê-lo substituir totalmente ao ensino publico, quer ainda no maior progresso hajam sempre de manter diversos typos de estabelecimentos instructivos, sua utilidade é certamente assegurar-lhe as condições de desenvolvimento compatíveis com o meio social em que elle existe.» E mais adiante: «Estabelecimentos, directores, mestres, professores, methodos, práticas, ensaios, processos, cumpre consequentemente que sejam seus, até onde possivel seus. D'est'arte não lhe faltará um dos fins essenciaes a seu destino — os effeitos de uma força livre em materia de instrução — e não virá a invadir-lhe o logar o mesmo ensino official *disfarçado em apparencias de ensino particular* — uma situação inadmissivel. *O dever do ensino livre com os estabelecimentos do Estado é a concorrência: o dever do ensino livre consigo mesmo é a individualidade:* logo o severo cumprimento de ambos os deveres faz mister que este ensino se não componha com funcionarios alheios. O principio pedagogico, fundamento das escolas particulares, recusa, portanto, ao professorado official, as cadeiras que as constituem.» Como se vê, o illustre relator, estabelecendo sólidamente as differenças entre o ensino livre e o ensino official, parece esquecer-se de que entre nós ainda não existe aquelle, e sim este, *disfarçado em apparencias de ensino particular*. Por esta fórma procurou salvar a deploravel confusão do ensino livre com o ensino particular, — com bastante arte, é de justiça que se diga, — mas ao mesmo tempo attenuou o verdadeiro motivo que exigia a prohibição votada pelo conselho dos professores officiaes leccionarem nos collegios particulares: certos conluios, protecções e perseguições escandalosas de que são victimas os alumnos e os professores estranhos a essas intrigas de um vil mercantilismo e que conscienciosamente desejam obter os certificados de approvação nos exames. O snr. Jayme Moniz tentou habilmente encobrir essa nodoa que macula uma parte, felizmente minima, do professorado portuguez.

Medida sensata, afigurar-se-nos-hia tambem, se não fosse de execução difficilima a que o conselho propõe, — resalvando os professores e directores de escolas ruraes e os interesses creados ao abrigo da actual legislação, — de requerer dos que se votam ao exercicio da instrução «rigorosas condições de capacidade moral e technica, demonstrada por documentos ou provas publicas bastantes.» Dissêmos de execução difficilima, e diremos mesmo inexecutable na sociedade contemporanea porque não vá, o que é de reclear, converter-se semelhante medida n'uma arma offensiva contra a ampla manifestação da liberdade de consciencia, de pensamento e de palavra. Mais vale continuar a soffrer «os inconvenientes da

exagerada liberdade actual », como diz o relatório, do que condemnar o ensino livre, tão justamente preconizado, como vimos, a peccer, antes mesmo de ter dado apreciaveis signaes de vida no nosso meio. Parece-nos, portanto, que esta resolução do conselho, aproveitavel n'uma sociedade scientificamente organizada, que se aproxime do estado normal da civilisação futura, seria no nosso paiz uma peia a todos os progressos intellectuaes.

Na parte relativa á instrucção primaria, o primeiro relatório geral do conselho superior de instrucção publica carece de desenvolvimento. Ácerca das escólas normaes de ensino primario, propõe a revisão das leis e regulamentos respectivos, o que julgamos conveniente, porquanto as fundações d'esta natureza existentes em Portugal, peccam por imperfeitissimas, deficientes tanto nas disciplinas, como no numero, e em parte, na capacidade dos professores, e ainda no diminuto das pensões. É de todo o ponto de immediata necessidade levantar esses institutos de instrucção publica á altura que lhes compete occupar no systema geral do ensino. « Dedicados a desenvolver o character e aprimorar o espirito do futuro professor, a ministrar-lhe abundancia de conhecimentos, cópia de noções exactas ácerca da educação, e peculio de práticas e preceitos pedagogicos, os institutos normaes, diz o relator, requerem imperiosamente o maior cuidado para a propria organização que em tudo ha de ser considerada modelo. » A reorganisação das juntas escolares, a nomeação de um professor especial para o ensino complementar nas escólas que, accumulando este ensino e o elementar, o necessitem, e a concessão de subsidios e adiantamentos ás camaras municipaes e juntas de parochia para a edificação de escólas, abrangem as resoluções tomadas pelo conselho relativamente ao ensino primario.

Como se vê pela ligeira analyse, a que vimos de proceder, apesar do relatório conter algumas deliberações sensatas e inadiaveis, demonstra que o conselho superior de instrucção publica não satisfaria cabalmente á alta missão que lhe está destinada n'um systema normal do ensino, pela ausencia d'um plano geral e definitivo de reformas e de uma séria orientação scientifica e philosophica, quando não estivesse, desde o começo, condemnado pela sua viciosa organização.

TEIXEIRA BASTOS.

NATUREZA E FUNCCÕES DA ARTE

SUMMARIO: Definição da arte — Factos parallelos na arte e na sciencia: Observação, improvisação; Attenção, emoção; Abstracção e exaggeração — Comparação da arte com a sciencia — Theoria do genio artistico e scientifico — Classificação das artes — Factos elementares e componentes de cada uma — Architectura, esculptura, pintura, musica — Da poesia como arte synthetica — Comparação e correspondencia da serie das sciencias com a serie das artes — Répresentantes historicos da evolução artistica — Funccões da arte: exprimir a verdade, educar a humanidade. — Parallelo com as funccões da sciencia — Funccões de cada arte — Resumo e conclusão.

A arte é um processo para descobrir e exprimir a verdade. Não se conhecem senão dois: o outro é a sciencia.

A sciencia procede pela lenta decomposição dos factos, pela enumeração completa dos seus elementos, pela passagem gradual e medida do antecedente para o consequente, percorrendo todos os intermedios e apalmando todos os pormenores. A arte tem a improvisação impetuosa.

O homem de sciencia tem a attenção, que é um methodo de fixação pelo qual elle segura um facto e o retira d'entre os factos adjacentes.

O artista tem tambem o seu modo particular de tratar a realidade; em presença d'um objecto todo o verdadeiro artista experimenta uma emoção efficaz e obtem por um movimento da sensibilidade o que o homem de sciencia consegue por uma tensão da vontade; nos dois casos o resultado é o mesmo, multiplicar a intensidade da acção exercida pela realidade sobre o espirito. A emoção é uma attenção espontanea.

A attenção gera a abstracção: é um facto elementar de psychologia que quando o espirito se applica a um ponto da realidade, os outros pontos d'ella esmorecem e desaparecem da percepção;

assim o processo da intelligencia determina o producto da intelligencia; a mesma incapacidade de perceber simultaneamente um grupo d'objectos torna necessaria a separação d'esses objectos e o exame isolado de cada um; ora é a abstracção, seguida da comparação que torna possivel a generalisação, derradeiro producto e verdadeiro fim do trabalho scientifico.

Semelhantemente a emoção gera a exaggeração. Quem vê as coisas com paixão, vê-as alteradas e augmentadas. Assim a emoção poetica corresponde á analyse scientifica; uma e outra tem por fim retirar da realidade e isolar intencionalmente certos elementos d'ella que mantem entre si relações naturaes. Fazer uma obra de sciencia é construir series de factos homogeneos que exprimem e manifestam a lei que os domina. A invenção em sciencia consiste em descobrir esses factos homogeneos; a exposição em sciencia consiste em enumerar esses factos homogeneos. Fazer uma obra d'arte é construir um grupo de factos concordantes que constituem juntos um systema; a invenção em arte consiste em achar esses factos concordantes; a exposição em arte consiste em agrupar hierarchicamente esses factos concordantes. A sensibilidade artistica é um instrumento d'invenção e expressão.

A obra d'arte é um systema, por isso ella é adequada á realidade. Na obra d'arte ao lado dos factos dominadores que exprimem a lei, ha os factos inferiores que só servem para dar a illusão do concreto; o problema do realismo versa sobre este ponto.

Ha tres pontos de vista na interpretação da natureza: a causalidade, a finalidade e a necessidade; o primeiro é o da Sciencia, o segundo o da Arte, o terceiro o da Philosophia: os dois primeiros estão contidos no terceiro.

Não se tem podido até hoje determinar a natureza essencial e os factos elementares do genio tanto em sciencia como em arte. Comtudo a critica tem ultimamente apurado alguma coisa n'este assumpto.

O genio em sciencia consiste no dom de fazer hypotheses felizes. O genio em arte consiste na posse d'uma imaginação completa, isto é, na capacidade de apresentar um todo natural, com todos os seus elementos naturaes, dispostos na sua ordem natural, transfigurado pela emoção, e vehementemente ampliado nos seus factos essenciaes e dominadores pela exaggeração intencional e significativa. Vê-se que em ambos os casos a theoria tem de avançar muito mais para ser uma explicação satisfactoria. Para conseguilo seria preciso fazer a historia da sciencia e da arte sob o ponto de vista da psychologia dos povos, e a biographia dos sabios e dos artistas sob o ponto de vista da psychologia do individuo. Poucos problemas mais interessantes como especulação, nenhum tão impor-

tante na pratica. A embryogenia conduz á callipedia. Estudar como o genio é gerado, é aprender a fabricar o genio. Medite-se no alcance d'um tal poder.

Sendo a obra d'arte um conjuncto de signaes sensiveis representantes de factos naturaes, é claro que uma classificação das artes deveria ser feita sob este duplo ponto de vista da natureza dos signaes e da natureza das coisas significadas; comtudo como os signaes são apenas meios, é licito não considerar senão o outro factor. As artes dispostas na sua ordem hierarchica são: a Architectura, a Esculptura, a Pintura, a Musica, a Poesia.

A Architectura tem como meios d'expressão a quantidade, o numero, a fórma e a massa. A quantidade: uma das características da architectura grega contraposta á gothica é a symetria, isto é, a franca igualdade entre as duas metades do edificio; ora a igualdade é uma relação abstracta entre quantidade; um edificio grande e um edificio pequeno não tem o mesmo valor esthetico. O numero: outra característica da architectura grega é a simplicidade, isto é, o pequeno numero de elementos componentes, simplicidade que a distingue da architectura gothica inesgotavel na variedade e profusão dos seus ornamentos; é ainda a relação numerica entre o comprimento e o diametro que distingue, com outros caracteres, a columna jonica da dorica. A fórma: a linha com as suas duas qualidades, a direcção e a figura, servem para caracterisar as diversas ordens de architectura; a architectura grega é caracterizada pela presença predominante das horisontaes ou das obliquas que se aproximam da horisontal, a gothica pela abundancia das verticaes ou das obliquas que se aproximam da vertical; o angulo obtuso encima o frontão grego, o angulo agudo e a ogiva enxameiam na fachada gothica; as figuras elementares da geometria satisfazem o architecto grego, o artista medieval precisa das figuras mais complicadas e requintadas para expôr a sua idéa. Emfim a massa tem um valor capital na impressão que produz um edificio; é ao emprego de grandes massas solidas, pesadas e contínuas que a architectura egypcia deve o seu character d'immobilidade e eternidade; o espiritualismo penetrante da cathedral gothica é promovido pela presença das vastas superficies furadas, lavradas, vasculhadas pelo cinzel, pela abundancia das frestas e janellas, e pela magreza ideal e supplicante dos torreões e campanarios.

A Pintura de paizagem toma a realidade onde a tinha abandonado a architectura, e marca a transição d'esta para a Esculptura; tem por objecto os systemas naturaes em que se agrupam os seres inorganicos, e o mundo vegetal.

Das duas artes que tem por objecto o animal a Esculptura é a primeira, a Pintura a segunda. Sendo a vida uma mudança de ele-

mentos e uma constancia de fôrma, a Esculptura exprime da vida uma das faces, e a Pintura a outra. Para o esculptor um organismo é um systema d'ossos e musculos, dispostos em attitudes estaveis e exprimindo emoções duraveis. Para o pintor um organismo é um conjunto de cellulas incessantemente renovado pela maré sanguinea, sacudido pelas correntes nervosas, e manifestando no contraste da luz e da sombra as metamorphoses instantaneas da paixão delicada e complicada.

O proprio da Musica é ser uma arte essencialmente subjectiva. Emquanto a Architectura, a Esculptura e a Pintura representam aspectos do mundo physico, a Musica exprime factos do mundo moral; o som musical é a expressão directa da emoção, e na sua phase primitiva é o grito; nenhuma outra equivale em velocidade e intensidade a notação musical; os philosophos chamam-lhe a arte do infinito; o certo é que pela sua audaciosa simplificação da realidade que a leva a considerar as coisas como meras fontes de emoções vehementes, ella ganha em intensidade o que perde em amplitude. Incapaz de representar da natureza os innumeraveis elementos e as doudas combinações, ella prima em formular os estados de sensibilidade que esses elementos e systemas provocam na alma humana em que elles se reproduzem.

O emprego do grito, gemo do gesto, signal immediato e organico da paixão, mais effizaz que a palavra, a linha e a côr, é a força d'esta arte simples e violenta. A Musica é um triumphante systema d'interjeições.

A Poesia é a arte synthetica; quero dizer que emquanto as outras artes exprimem um ou mais aspectos da natureza ou a massa, ou o numero, ou o movimento, ou a vida, ou a alma, a poesia é apta para exprimir os todos, e isto por meio da palavra. Mas com o seu dom de ubiquidade, a palavra não possui a energia nativa dos signaes empregados pelas outras artes; a côr, a linha, o som determinam a *sensação*, a palavra apenas evoca a *imagem*, isto é, uma cópia desbotada da viva impressão dada pela realidade. Um listão de fogo n'um fundo de purpura, um grito de dôr partido das entranhas nunca poderão ser expressos por uma phrase ou uma serie de phrases. Mas graças á elasticidade do seu instrumento de expressão a Poesia poderá exprimir a somma dos factos coordenados no espaço mais a somma dos factos coordenados fóra do espaço, e conter no seu amplo seio a magestosa tragedia da natureza e o ardente drama da alma.

Dos tres generos de Poesia a lyrica corresponde ao individuo, a epopéa ao povo, o drama á humanidade. O romance, a um tempo epopéa e ode, drama e historia, parece ser a fôrma definitiva da arte escripta.

Construída assim a serie das artes é interessante e util compará-la com a série das sciencias. Resulta d'este exame que a sciencia e a arte reproduzem analogamente a natureza em toda a sua extensão como dois espelhos parallelos. Assim ao grupo de sciencias constituido pela Algebra, a Arithmetica, a Geometria e a Statica corresponde a Architectura que emprega a quantidade, o numero, a fórma e a massa. A Dança corresponde á Dynamica. A Pintura de paisagem corresponde ás sciencias que se occupam dos mundos inorganico e vegetal (Physica, Chimica, Geologia, Botanica). Á Biologia animal correspondem duas artes: a Escultura e a Pintura de figura. Á Musica corresponde a Psychologia, no capitulo da sensibilidade; a outras partes d'esta sciencia correspondem certos generos litterarios entre os quaes avulta o romance. A Poesia é como a Philosophia: a envergadura das suas azas tem o diametro da existencia.

Uma correspondencia analogica entre a sciencia e a arte se nota na sua evolução historica. Na primeira floração do pensamento apparecem a Mathematica, a Mecanica, a Astronomia, depois a Physica e a Chimica, finalmente a Biologia, a Psychologia e a Sociologia. Assim tambem no primeiro momento da evolução artistica, na Mesopotamia, na India, no Egypto apparecem os grandes monumentos architectonicos. A Esculptura tem uma explosão magnifica sob as primeiras dynastias egypcias, mas morre logo estrangulada pelo symbolismo hieratico. É á Grecia que coube elevar a Esculptura ao seu apogeo. É ainda a esta nobre raça que se deve a comprehensão da Dança como uma arte, bem differentes n'isto dos modernos que se recreiam com o baixo espectáculo dos bailados ou com a frivola diversão dos bailes. É só depois do desenvolvimento d'estas admiraveis artes que na Lombardia e na Toscana, em Flandres, na Hollanda, com os hespanhoes e os francezes surgem as maravilhas da pintura moderna. Finalmente a Musica, explosão directa da sensibilidade contemporanea, fecha o grande cyclo das creações artisticas. A Poesia como a Philosophia floresce em todas as zonas da historia. Assim as artes mais concretas só apparecem depois das mais abstractas, e o parallelo da Arte com a Sciencia se verifica ainda uma vez.

Além d'esta explicação da evolução artistica ha ainda outra, porque um facto historico é o ponto de intersecção de varias series distinctas, e para explical-o é preciso recompôr todas essas series de que elle é a extremidade commum. Se a Architectura se desenvolveu no Oriente e Edade-média foi porque esta arte depende intimamente da existencia d'uma consciencia collectiva, que nas épocas em questão era promovida pelo sentimento religioso; se elle não existe actualmente é porque não existe nas sociedades



contemporaneas uma verdadeira unidade moral; quanto á religião vive-se na superstição boçal, na transigencia covarde ou no atheismo inintelligente; o patriotismo só é despertado na guerra com o estrangeiro; se ha algum laço é puramente economico ou civil; por isso os monumentos architectonicos deveras modernos são os armazens, as fabricas, os arsenaes, as prisões. Mas um mundo vai nascer, já entrevisto nas obras dos grandes poetas, como o *Fausto* e o *Prometheus unbound* de Shelley, e é provavel que então essa admiravel arte volte ao seu antigo esplendor.

O desenvolvimento da Esculptura depende da conta em que se tem a vida corporal. O romano considerou o seu corpo como um instrumento de guerra e de prazer, o christianismo como um inimigo, o homem moderno como uma condição; só o grego sentiu a dignidade e a belleza da materia, só elle tratou ao seu corpo como a alguma coisa de precioso; na scena final do *Ajax* de Sophocles, o heroe moribundo despede-se dos seus membros como de camaradas e amigos; por isso só o helleno foi premiado com a Esculptura e a Dança, apotheoses da vida physica.

Segundo o professor Magnus, de Breslau, a acquisição do sentido das côres ter-se-hia feito por evolução e na mesma ordem por que ellas estão dispostas no espectro. O sabio allemão procura demonstrar essa theoria pelo exame dos documentos litterarios desde os Vedas e Homero. Se esta hypothese é verdadeira, combinando-a com a explosão de vida corporal que caracteriza a Renascença, teremos explicado a apparição das grandes escolas de pintura que se desenvolvem no fim da Edade-média.

A apparição da Musica, a mais nova das artes, coincide com um desenvolvimento superior da sensibilidade humana; o homem moderno possui uma sensibilidade mais delicada e profunda, isto é, capaz de vibrar mais intensamente ao contacto d'um maior numero de coisas e de coisas mais miudas. Ora a Musica, que não é mais que a systematisação dos signaes sonoros que são a expressão organica d'essas emoções, acompanha fielmente a evolução da sensibilidade.

Os povos europeus que tem representado um papel activo na historia da civilisação podem repartir-se em dois grupos: um constituído pelos hellenos, italianos, hespanhoes e francezes, o outros pelos inglezes e allemães; esta dyade fundamental mantem-se através da historia, e representa o que se póde chamar o binomio da cultura européa. Ora, entre as numerosas differenças que distinguem esses grupos uma das mais curiosas é a que diz respeito á sua imaginação. Os povos de cultura classica tem a imaginação physica; os de cultura germanica tem a imaginação moral. Os homens eminentes do grupo occidental, Homero (individual ou não),

Dante, Miguel Angelo, Descartes, Bonaparte, Hugo, possuiram em grau extraordinario o dom da visão geometrica, pittoresca ou topographica. Os homens eminentes do grupo germanico, Shakespeare, Kant, Shelley, Goethe, Beethoven, os psychologos inglezes e os historiadores allemães, possuiram em alto grau o dom da visão interior. Esta lei tem certamente excepções e tende a obliterar-se com o avançar do tempo, pelo character cosmopolita que vai adquirindo a civilisação; mas ella existe, e na poesia, arte synthetica, revela-se visivelmente: Dante é rei no mundo dos corpos, Shakespeare no mundo dos espiritos.

A sciencia tem duas funcções, uma a dominação da natureza pela industria, outra a satisfação da grande curiosidade que eleva o homem acima de si mesmo e o torna digno da insigne honra d'existir. Saber é prazer e poder.

A arte tem como a sciencia a sua funcção espiritual que é a reproducção dos systemas naturaes em que está organizado o universo, e a sua funcção temporal que é apresentar typos de perfeição individual, e crear uma unidade moral no seio das sociedades. A Architectura pela construcção dos grandes monumentos, torna como que visivel a alma collectiva e faz passar pelos olhos de cada individuo a grande idéa do todo humano de que elle é uma parcella. A pintura de paizagem serve para tornar presente ao homem das cidades afastado do seio da Natureza, a grande mãe de que elle nunca se deve esquecer. A Esculptura e a Pintura de figura servem para dar typos d'essa perfeição physica que o homem tem o dever de realisar tanto como a perfeição moral. A Musica, fazendo comprehender e experimentar as mais delicadas emoções, desenvolve em nós os sentimentos altruistas cuja posse está ligada á d'uma imaginação psychologica, isto é, ao dom de representar com intensidade e fidelidade os estados da sensibilidade alheia. A Poesia finalmente resume em si as funcções das outras artes.

A sciencia considera o mundo como um mecanismo a explicar; a arte, como um systema a reproduzir; a moral, como uma boa acção a ajudar. Na investigação scientifica, como na creação artistica, como na pratica da vida, um principio domina e illumina o resto: a veracidade, isto é, a conformidade com o real.

Novembro de 85.

G. MONIZ BARRETO.

DOS FUNGOS

SUA DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

(Estudos botânicos)

I

Por muito tempo pouco observado, quasi desconhecido mesmo, como prova a etymologia da sua denominação, o grande grupo vegetal das Cryptogamicas tornou-se actualmente objecto de sérios estudos, não contribuindo pouco para isso a precisão verdadeiramente scientifica e a confiança, que hoje se pôde ter nas observações do microscopio, instrumento que só em nossos dias adquiriu o seu mais alto grau de aperfeiçoamento.

O estudo aprofundado das Cryptogamicas descobriu n'este grande agrupamento, uma tal variedade de formas e de estrutura, que logo se fez sentir a necessidade da sua subdivisão em agrupamentos secundarios.

Assim se formaram as duas grandes classes das *Thallophytas* e das *Prothallophytas*, comprehendendo-se na primeira as *Algas*, os *Fungos* e os *Lichenes*, e na segunda — dividida por seu turno em dois sub-grupos — as *Hepaticas* e os *Musgos* d'um lado, e os *Fetos*, *Ophioglosséas*, *Equizetaceas*, *Rhizocarpicas* e *Lycopodeaceas*, do outro. As especies filiadas n'este ultimo sub-grupo recebem tambem o nome de *Cryptogamicas vasculares*, por opposição ás outras que se agrupam sob a denominação de *Cryptogamicas cellulares*.

As Algas formam pela sua estrutura elementarissima, a parte mais inferior do reino vegetal.

Os Fungos constituem um grupo de evolução parallela á das Algas, apenas differente d'estas pela ausencia de chlorophylla.

Os Lichenes, segundo uma theoria moderna, comprovada por numerosas observações, não são mais do que o resultado da união

intima d'um Fungo (Ascomyceta) vivendo como parasita sobre uma Alga de especie inferior.

Trataremos apenas dos Fungos.

A evolução d'este grupo, cuja origem permanece ainda em bastante obscuridade, segue passo a passo a das Algas, a ponto de alguns botanicos terem já pretendido reunir n'um só os dois grupos. Entretanto as suas condições physiologicas especiaes, resultantes da falta de chlorophylla e principalmente o seu modo de nutrição, mais semelhante ao dos animaes, que ao dos vegetaes, de tal modo os individualisa, que não só não permitem a sua reunião a qualquer outro grupo, como tem inclusivamente levado alguns botanicos eminentes a proporem a sua separação do reino vegetal, para irem constituir um quarto reino, intermediario aos dois reinos organicos, o que viria dar um grande apoio ás idéas de Hæckel, sobre o seu reino dos Protistas. Comtudo o seu parentesco com as Algas é notavel, quasi todos os processos de reproducção que se observam nas Algas, se encontram tambem nos Fungos, de modo que podem estes ser considerados como Algas metamorphoseadas pela adaptação e ás quaes, a ausencia de chlorophylla condemnou á vida parasita.

Todas as outras plantas se nutrem pela assimilação do carbonio e outras materias inorganicas, que no interior do vegetal se combinam, formando compostos mais ou menos complexos; os Fungos, pelo contrario, nutrem-se como os animaes de substancias organicas, que ellés encontram já elaboradas por outros organismos.

Este facto depende da impossibilidade, em que se encontram, pela falta de chlorophylla, de assimilar directamente o carbonio, que no entretanto lhes é tão necessario como ás outras plantas.

Outra consequencia da falta de materia verde é a faculdade, que tem os Fungos, de se nutrirem e percorrerem todas as phases do seu desenvolvimento na mais perfeita obscuridade. Algumas especies, porém, fazem excepção a esta regra, pois que necessitam da influencia da luz para a formação do seu aparelho reproductor.

Forçados pelas necessidades da sua alimentação, os Fungos tem que vegetar sobre outros organismos vivos ou mortos, ou sobre materias organicas em maior ou menor grau de decomposição. D'aqui a denominação de *Parasitas* para designar os que vivem á custa dos vegetaes e animaes vivos, e a de *Saprophytas* para designar os que vivem sobre materias organicas mortas.

Esta divisão, feita por De Bary, não pôde, comtudo, ser rigorosa, porque entre um e outro grupo não se encontram grandes differenças, sendo que até muitas especies, que n'uma phase do seu desenvolvimento vivem como *Parasitas*, n'uma phase posterior se tornam *Saprophytas*.

Um outro característico d'esta classe de plantas é o seu grande polymorphismo, isto é, a grande variedade de corpos reproductores, que podem ser produzidos por uma mesma especie em cada uma das differentes phases da sua existencia.

Cada uma d'estas phases, em um grande numero d'especies, é passada sobre uma planta differente; d'aqui resulta uma outra divisão para os Fungos parasitas dos vegetaes em *Monoxénes* e *Heteroxénes*, segundo podem completar o seu desenvolvimento sobre uma unica planta, como o *Claviceps purpurea*, que produz a *cra-vagem do centeio*, ou sobre diversas plantas, como a *Puccinia graminis*, que produz a ferrugem dos cereaes.

COMPOSIÇÃO CHIMICA. — As analyses chimicas tem recahido quasi unicamente sobre as grandes especies, Agaricos, Boletus, etc.; n'esses se tem encontrado 90 % d'agua, grande quantidade de substancias azotadas, differentes principios ternarios, como a *fungina* (cellulose dos fungos), *viscosina*, *mycetina*, etc.; materias gordas formadas pela reunião dos dois principios oleina e margarina, formando um composto a que Gobleby dá o nome de *agaricina*; grande numero de compostos assucarados; acidos organicos, taes como o oxalico, malico, citrico, pectico e fumarico; phosphatos, carbonatos, silicatos, e sulfatos de cal, ferro, soda, potassa, etc.; materias córantes, odorantes e toxicas. D'estas ultimas apenas se conhece um pequeno numero, como a *ergotina*, principio activo do Esporão do centeio, a *amanitina*, das Amanitas (Agaricineas), etc. A todas estas substancias venenosas se dava d'antes indiscriminadamente o nome de *Fungina*. As especies isentas de substancias toxicas, são comestiveis, como as *Tuberas*, *Agaricus campestris*, *Boletus edulis*, etc.

II

ORGANISAÇÃO ELEMENTAR. — A organização elementar dos Fungos é sempre muito simples: como todas as Cryptogamicas cellulares, são constituídos unicamente por cellulas.

Estas cellulas affectam diversas fórmãs, umas vezes são esphericas, como nos corpos reproductores, outras vezes cylindricas, como nos mycelios; muitas outras, que desempenham papeis especiaes, apresentam a fórmula de massas, garrafas, fusos, matrazes, etc. As cellulas reúnem-se muitas vezes em tecidos aparentemente parenchymatosos (receptaculos, stromas, etc.) que differem dos verdadeiros parenchymas vegetaes pelo seu modo de formação, que se effectua pela reunião de muitas cellulas cylindricas, collocadas ao lado umas das outras, ramificando-se indefinidamente, e emmaranhando as suas ramificações até formarem massas mais ou menos den-

sas e compactas, a que De Bary dá o nome de *pseudo-parenchymas*.

A parede das cellulas dos fungos é formada de cellulose, mas que se distingue da cellulose dos outros vegetaes por diferentes caracteres, entre elles pela sua completa insolubilidade no licôr cupro-ammoniacal de Schweizer, pelo que se tornou necessario dar-lhe um nome especial. Braconnot propôz o nome de *Fungina*.

A espessura d'esta parede varia muito, chegando a tomar grandes proporções e constituindo-se em reserva de materiaes nutritivos. Este espessamento raro se encontra, porém, localisado em determinados pontos a não ser n'um pequeno numero de especies em que toma a fórma espiralada, dando ás cellulas cylindricas a apparencia de trachêas.

A membrana cellular é transparente e incolor, algumas vezes, porém, toma a côr cinzenta; pôde cuticularisar-se, como acontece nos receptaculos chamados filamentosos. Tem tambem a propriedade de se gelificar, no todo ou em parte, contribuindo por este modo para a disseminação dos sporos.

O protoplasma differe tambem dos protoplasmas ordinarios em alguns dos seus caracteres, não apresentando nucleo, a não ser no interior das cellulas-mães, dentro das quaes os sporos se organisam em volta d'um nucleo central (Thecas).

O crescimento das cellulas dos Fungos é sempre terminal e observa-se que o protoplasma é sempre mais abundante junto da sua extremidade. Quando os filamentos cellulares se ramificam, essas ramificações tem sempre logar nos pontos em que o protoplasma é mais abundante.

MYCELIO. — Os Fungos são, como vimos, plantas exclusivamente cellulares; muitos d'elles (*Saccharomyces*) vivem mergulhados no proprio meio nutritivo, e consistem apenas n'uma unica cellula pequenissima, arredondada ou ovoide; outros apresentam-se divididos em duas partes, uma que mergulha na substancia nutritiva, e que tem o nome de *Mycelium*; a segunda, que se eleva sobre este, e que sustenta os orgãos reproductores.

O mycelio é a parte fundamental, o aparelho vegetativo dos Fungos, e apresenta-se sob a fórma de filamentos simples ou ramosos, emmaranhados, e anastomosados, formando uma massa filamentosa, que tem o nome de *Hypha*.

Em muitas especies, estes filamentos myceliaes são formados por uma unica cellula, que se alonga em fórma de tubo, ramificando-se ou não; em outras especies, o mycelio é constituído por filas de cellulas sobrepostas, que crescem pela sua extremidade livre (mycelio filamentoso); nas especies mais elevadas (*Agaricineas*, etc.) estes filamentos soldam-se formando feixes ou cordões ramificados,

com a apparencia de raizes, pelo que se denominam *rhizomorphos* (mycelio fibroso).

Em muitas outras especies, os mycelios tomam a fôrma de membranas, que crescem e se estendem por superficies consideraveis, constituindo assim o mycelio membranoso (Mycodermas).

Outras vezes o mycelio condensa-se em massas compactas de fôrmas diversas e de consistencia cornea, formando por este modo o mycelio tuberculoso ou *scleroide* (Esporão do centeio — *Claviceps purpurea*).

Este phenomeno resulta das condições mesologicas especiaes, em que se encontram os individuos. A mesma especie pôde produzir ou não estes corpos segundo as condições em que se encontrar. A formação d'estes tuberculos ou *sclerotes* tem lugar, quando as condições do meio não são favoraveis á formação do aparelho reproductor. Então o protoplasma, que enchia todo o mycelio, concentra-se em certos pontos d'elle, destruindo-se o resto; n'estes pontos a ramificação torna-se muito abundante e condensada, formando uma massa, que se torna cada vez mais compacta. A camada cellulósica externa endurece e fôrma uma membrana, que toma diversas côres e que envolve toda a massa central incolor.

Toda a substancia protoplasmica do mycelio se accumula n'estas massas tuberculosas, passando ao estado de vida latente, em que se conserva, até que reapareçam as condições favoraveis á continuação do desenvolvimento do individuo. N'este caso germinam, produzindo ou directamente o aparelho reproductor, ou um novo mycelio, que vai continuar o seu desenvolvimento.

A porção vegetativa dos Fungos, a que temos dado o nome de *mycelio*, seguindo a maior parte dos botanicos, que tratam da especialidade, é por Van Tieghem denominada *thallo*, reservando este o nome de *mycelio* para designar a parte filamentososa d'um *thallo* diferenciado, como, por exemplo, os filamentos radiciformes dos Agaricos, etc.

O mycelio pôde ser considerado como analogo á haste ou tronco dos vegetaes superiores, e como tal de duração variavel segundo as especies; umas vezes é annual fructificando apenas uma vez (monocarpico), outras vezes, e assim acontece no maior numero de casos, é persistente e dá successivamente muitas fructificações (polycarpico). No primeiro caso toda a substancia protoplasmica foi empregada na formação dos corpos reproductores; no segundo caso apenas se empregou uma parte d'essa substancia.

(Continúa).

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

A SURPREZA

(EPISODIO MILITAR)

A noite estava escura como breu.

Havia um movimento enorme no Quartel-General: as ordenanças partiam em todas as direcções; na sala de espera os officiaes do Estado-Maior conversavam n'um tom baixo, n'uma animação symptomatica...

— O General mandou chamar o Athayde! A empresa é difficil... — trocavam a espaços — Sahem ás 10 horas...

E o dialogo foi correndo em phrases entrecortadas. O tinir recesso das espadas no gancho, punha por alli o *tlim-tlim*... caracteristico.

Em baixo os passos descanzados da sentinella...

De quarto a quarto os gritos de — *Alerta* — cortavam a dolencia do espaço.

Soou o clarim. Os officiaes applicaram o ouvido. O toque prolongava-se melancolico, tristonho na calada da noite. Tinha o quer que fosse de solemne, que impressionava dolorosamente.

— Toca a deitar sellas!

E ficaram-se pregados á sacada: o ouvido a escuta, como se quizessem comprehender os ruidos particulares que iriam então no quartel da cavallaria. Minutos depois soou de novo o clarim:

— Montar a cavallo!

*

O relógio badalou as 10 horas...

O esquadrão do capitão Athayde abandonava a cidade n'um galope cadenciado, impressionador.

O ruído das patas dos cavallos tinha uma resonancia lugubre, triste, mais triste do que os accordes d'uma marcha funebre.

Pelas janellas os rostos d'alguns burguezes, anciosos e assustados... O vulto dos cavalleiros perdeu-se nas sombras das arvores, ao escuro da noite. O ruído foi-se extinguindo n'uma toada sombria, como o ecoar murmurante d'uma maledicencia... Depois, silencio, apenas cortado pelos gritos de

— *Sentinella alerta!*...

Que lucta de sentimentos no intimo d'aquelles homens! Uns, o amor á vida, a preferencia em affrontar uma morte duvidosa, para evitar uma morte certa. Outros, levados por uma convicção — o amor á liberdade.

*

A manhã apparecera nevoenta, esfumada, propria para a empresa.

Os soldados olhavam com uma certa anciedade para o capitão. Athayde percorria serenamente as fileiras. *Elles*, ao differencarem-lhe o rosto sympathico, sentiam-se attrahidos e confiados.

O *seu capitão* era um bravo; conduzira-os a um sem numero de combates, d'onde voltaram sempre cobertos de gloria.

A marcha realisára-se, a bem dizer, vertiginosamente. Os descanços regulamentares desapareceram. Em seis horas tinham vencido 45 kilometros! Este caminhar quasi ininterrupto e violento cançava-os e surprehendia-os atemorizadamente.

— « Para aonde iam? »

— « Combater; era certo. »

— « Combater!... Morrer!... »

Estas duas idéas sinistras e inseparaveis apresentavam-se-lhes nos cerebros n'um movimento intermittente e compungedor. E no intimo ia-lhes esse mal-estar que traduz as cruciantes incertezas...

— Alto! — commandou o Athayde.

E a retaguarda cahiu sobre a frente, fazendo perder grande parte da profundidade ao esquadrão, como se fosse um corpo de estranha elasticidade: o clarim não tocára...

O logar era azado para uma emboscada: a poucos metros na frente ou á retaguarda seria impossivel differenciar o esquadrão: pinheiral cerrado...

Athayde pôz pé em terra e avançou... D'ahi a momentos a fren-

te do esquadrão deixou de o enxergar: perdera-se entre o matalgal... Ao vel-o sumir-se sentiram commover-se:

— « Era chegado o momento!... Como se explicava tudo aquillo?... Sósinho! Podia não voltar!... O inimigo!... »

Alguns sentiam desejos de se apearem e de o seguirem. A convivencia, a partilha dos perigos tornára aquelles boçaes uns entes devotados ao *seu capitão*... Havia n'aquelle sentimento o quer que fosse de instinctivo, como essa afeição que prende o rafeiro ao pastor, afeição que a reciprocidade do perigo e do soccorro explica; mas a disciplina esmagava-lhes os sentimentos sympathicos:

— « Era ordem ficar... »

A demora começava a inquietal-os. A esquerda do esquadrão levantava-se nos estribos, para olhar a frente, por cima das cabeças dos seus camaradas...

Os cavalloes escavavam o terreno n'um mixto de impaciencia e de cansaço... Alguns relinchavam.

A este ruido, como uma denuncia, os soldados comprehendendo, instinctivamente, que se expunham a um perigo, puxavam-lhes pelos freios, impacientados e receosos.

O pinheiral tinha um ramalhar soturno como o fragor das ondas.

Tempos depois, Athayde voltou: o rosto animado d'um sorriso mixto de alegria e de compaixão. Chamou os officiaes. A conferencia durou, se tanto, tres minutos. Por fim o esquadrão foi separado nas suas quatro divisões, e, lançando-se fóra da estrada, avançou penosamente por aquelles morros fragosos, quasi impraticaveis á cavallaria, guardando todas as prescripções regulamentares das surpresas que a topographia do logar auxiliava pasmosamente. Á claridade baça da madrugada os caminhos mal se differencavam como ligeiras faxas esbranquiçadas... Transposto o contraforte, ao descerem, sentiram no valle o som das cornetas tocando a alvorada e seguidamente as Ave-Marias...

Aquelles toques foram revelações para os soldados...

— « O inimigo estava alli! »

Mas quantos não rezaram, por entre dentes, animados d'uma grande fé christã, que o perigo lhes avigorava e a voz da corneta lhes lembrou!

Acto continuo sentiu-se na extrema direita um ligeiro tiroteio... Athayde cahia de golpe sobre os « postos-avanzados »: carregava-os. De sorprendidos a resistencia foi curta e o signal tardio...

Então o horror!

Pelos declives suaves, aonde estava estabelecido o *bivac*, precipitou-se aquella avalanche de cavalleiros... O ruido das patas dos

cavallos tinha uma resonancia lugubre, triste, mais triste do que os accordes d'uma marcha funebre... Os gritos de alarme succediam-se; as cornetas chamavam á assembléa; a torre da aldéa tocou a rebate; os tiros cruzaram-se; e os echos, pelas quebradas, repetiam n'uma soada terrível, aquella confusão horrorosa...

*

N'este drama sanguinolento, compungedor, houve scenas d'um heroismo epico, d'uma brutalidade inhumana!...

A cavallaria acutilava desapidadamente muitos que nem sequer haviam podido tomar as armas, ou carregal-as, ou, na atrapalhação da surpresa, servir-se d'ellas!

— Perdão!... perdão, que eu não fiz mal — bradava um soldado, imberbe, loiro e claro, cahindo de joelhos, largando a arma, tirando a barretina e pondo as mãos.

E no rosto transfigurado pintava-se-lhe a anciedade e o receio que o dominavam.

Os cavalleiros ao presenciarem aquella acção instinctiva, não lhe reconheceram a fatalidade; distinguiram um acto de cobardia, escutaram o pedido d'um inimigo! O cheiro da polvora embriagava-os; as detonações annuviavam-lhes as consciencias... Nos cerebros preocupados apenas se lhes movimentava, n'essa occasião, a idéa que era a traducção do pensamento do « cabo instructor » ao aconselhar-lhes:

— Quem vai á guerra, dá e leva... Se não matares, torcem-te o pescoço, como a uma gallinha...

Assim, o sentimento suave de piedade foi esmagado pelo instincto violento de destruição, despertado conscientemente pela sua educação militar!

— Perdão!... já vai!...

E sobre o coitado cahiu um golpe formidavel que lhe decepou as mãos!

— Ai, Jesus!... perdão!... perdão!... — supplicava, convulso, os cabellos em pé, os olhos arregalados, fixando, n'um desvairamento indescriptível, as espadas, prestes a cahirem, dos tres cavalleiros que o perseguíam.

Os gritos de dôr, soltos pelo desgraçado, horrorisavam...

— Péga lá pinhões que manda a prima... — mofaram os soldados, acutilando-o uns após outros.

O ultimo atirou-o por terra, o craneo fendido!

— Ai! minha mãe!... — bradou, estorcendo-se lastimosamente, esvahiando-se em sangue, n'uma afflicção suprema e ultima.

Do accento dolorido e ancioso com que pronunciou esta característica exclamação, resalta intensamente o fundo tormento que o cruciava.

Elles, deixando-o para alli nas contracções da morte, lá partiram continuando na sua chacina...

O ruido das patas dos cavallos tinha uma resonancia lugubre, triste, mais triste do que os accordes d'uma marcha funebre...

Foi devido á repetição de scenas taes que a missão do capitão Athayde se coroou do melhor exito, a ponto de merecer do General — um dos seus mais rasgados elogios — e dos « poderes superiores » — a patente de major :

— ... « que a patria, reconhecida, lhe concedia... »

Uma idéa boa e sublime se invocava : a *liberdade!* um meio extremo e brutal se servia : a *guerra!* e a *Surpreza*, como expediente adoptado, foi um novo fasciculo que se juntou á grande Historia dos progressos da Humanidade.

1884.

F. SÁ CHAVES.

LINGOAS RAIANAS DE TRAS-OS-MONTES

(SUCCINTAS NOTAS)

« — E ha mais alguns dialectos locaes ?

« — Ha alguns de alguns logares de Tras-os-Montes, e Minho, nas rayas de Portugal, que fão muyto barbaros, e quafi que fe não pôdem chamar Portuguez, mas fô os usa a « gente rufica da quelles logares ».

CONTADOR DE ARGOTE — *Regras da lingua portug.*, Lisboa 1725, pag. 295-296.

I

NOTICIA DAS LINGOAS DE RIODONOR E GUADRAMIL

É talvez Tras-os-Montes a provincia portuguesa que offerece mais assumpto á ethnographia e á linguistica. A sua extensão, pois comprehende os districtos de Villa-Real e Bragança, a variedade dos seus productos naturaes tão caracteristicos, o seu clima, ora torrido como nas margens do Douro, ora quasi glacial como nos arredores de Rio-Frio, a sua posição geographica e os accidentes do solo, que a cada passo estabelecem isolamentos profundos, o atraso intellectual de uma grande parte dos seus habitantes, com especialidade na raia, em fim as differenças de raças ¹, explicão a meu ver, pelo menos até certo ponto, essa riqueza de materiaes glottologicos e ethnographicos.

¹ Sobre as raças, efr. o meu opusculo *Portugal Prehistorico*, Lisboa 1885, pag. 32-33.

As construcções architectonicas, os habitos, os trajos, os instrumentos da lavoura, a musica, os cantos tradicionaes, tudo se afasta mais ou menos do que tenho encontrado noutras provincias. A paisagem, constituída no Sul por vinhas alcantiladas sobre os rios, e no Norte por campos extensísimos de centeio e trigo, ou por montes bravos e solitarios, cortados aqui e além por *orretas* profundas, é de uma monotonia extraordinariamente desoladora. No Norte as povoações são de ordinario miseraveis e pequenas: as casas cobertas de cólmo ou de lousa; nem uma parede caiada, excepto as dos pombaes de pombas bravas, lá muito frequentes; nem uma rua de pedra. A alimentação no verão consiste em geral em caldo de vagens, vagens escoadas, pimentos, pão de centeio e vinho rascante; como maior mimo, lá apparece uma vez por outra um naco de toucinho cosido, uma aza de pomba, mel ou ovos. Como se vé, o transmontano do Norte não fica em frugalidade atrás de ninguém. Não devo deixar de mencionar porém a grande hospitalidade d'aquella boa gente: espantão-se á primeira, quando surge um forasteiro desconhecido, mas depois acolhem-no, agasalhão-no e cobrem-no de obsequios. Comigo se deu isso muitas vezes. As mulheres trabalhão no campo como os homens: já o historiador Justino disse que, enquanto os lusitanos se entregavão á guerra, as mulheres cultivavão as terras ¹. Na Beira-Alta (na serra) e no Minho encontra-se o mesmo costume. Em Quintanilha, junto á raia, as mulheres usão uma especie de chaile ou mantelete dobrado de modo que fórma sobre as costas um sacco em que ellas trazem as creanças de peito, ao mesmo tempo que com os braços livres guião os bois, segurão fardos á cabeça, etc. Tenho visto estampas de povos selvagens em que se representão usos semelhantes a este de Tras-os-Montes ¹. Os longos trabalhos das segadas, estabelecendo relações íntimas e continuas entre hispanhoes e portuguezes, fazem com que os dois povos troquem a cada passo as suas lendas, o que se observa claramente com os romances oraes, de que eu ouvi muitas versões em castelhano ³. Por outro lado, nesses trabalhos, além dos romances ou *jacras* (= xacaras), como elles pronuncião, cantão-se outra ordem de cantos antiquísimos e de uma alta importancia litteraria ⁴. Eis aqui explicado o

¹ *Lib. LXIV, 3.*

² Vid. no meu art. na *Rev. do Minho*, vol. 1, pag. 77.

³ Vid. o meu *Romanceiro português*, 1885, pag. 4 e 5.

⁴ Cf. o meu *Anuario das tradições portuguezas* (Porto, Livraria Portuense, 1882), pag. 19-24. Brevemente espero desenvolver e completar as ideias que lá expuz.

motivo, ou pelo menos um dos motivos, por que no nosso paiz apparecem tantos romances hispanhoes, e ao mesmo tempo o segredo de nos cantos a que me refiro se reflectir a tradição poetica dos primitivos Cancioneiros de Portugal.

Além do *dialecto transmontano* geral, que se ramifica em *sub-dialecto alto-duriense* (do Alto-Douro), *sub-dialecto-transmontano-septentrional*, *subdialecto-transmontano-central*, etc., phases perfeitamente caracterisadas, como provarei noutro trabalho, fallão-se tres lingoas ou co-dialectos do portuguez, a saber: o *mirandês*, sobre o qual eu já escrevi dois opusculos ¹; o *riodonorês* e o *quadramilês*, de que vou dizer algumas palavras.

Em primeiro logar devo fazer uma nota: *mirandês* é um termo popular, muitissimo empregado, e com a significação não só de habitante da Terra de Miranda ², mas de linguagem d'essa região; *riodonorês* e *quadramilês* porém não se usão, servindo-me eu d'elles aqui pela primeira vez, á falta de outros, e por analogia com o primeiro. O povo emprega apenas éstas expressões: *a nossa lingua* ou *lingoa de Riodonor* e *lingoa de Quadramil*.

Tanto Riodonor como Quadramil ficão no extremo da raia e distão um do outro sòmente uma legoa, e ambos de Bragança, concelho a que pertencem, quatro legoas. O *termo* de Quadramil tem ao Norte o bispado de Astorga (Hispanha), ao Nascente a provincia de Zamora (ib.), ao Sul o *termo* de Deilão (Portugal) ³, em distancia de uma legoa, ao Sudoeste o *termo* de Varge (Portugal) e ao Poente o *termo* de Riodonor. Riodonor tem ao N. Astorga, ao E. Quadramil e ao S. Varge, de que dista duas legoas. A menor distancia de Quadramil á fronteira de Hispanha é, de Poente a Nascente aproximadamente um kilometro; Riodonor liga-se com outra povoação do mesmo nome, situada no pais visinho. Estas duas povoações distinguem-se assim: Riodonor-de-Baixo (Portugal), Riodonor-de-Cima (Hispanha). Ao pé de ambas passa uma ribeira

¹ *O Dialecto mirandês*, Porto, Livraria Portuense, 1882; *Flores mirandezas*, ib. ib., 1884.

² A palavra *Miranda* vem do participio latino *mirandus*, -a, -um, tomado como adjectivo no sentido de *bello*, *admiravel*, etc.

³ *Deilão* pertence ao territorio chamado *A Lombada*, que se compõe de mais as seguintes povoações: *Villa-mião*, *S. Julião*, *Palacios*, *Caravelha* e *Babe*. Os habitantes d'estas povoações chamão-se *lombardêses*, e a sua linguagem, chama-se *falla lombardêsa*. De Deilão, escreve Pinho Leal no seu *Port. Ant. e Mod.*: «a gente d'aqui já falla mais hespanhol do que portuguez» (II, 466); mas isto não é exacto, como eu verifiquei quando lá estive por occasião da minha viagem de 1884.

chamada tambem *Rio d'Onor* ou *Riodonor*, que provavelmente é a origem dos nomes das povoações.

Sobre Riodonor diz o Padre Carvalho da Costa, na *Corografia Portuguesa*, 2.^a ed., pg. 443: «S. João Bautista de Riodonor he tambem annexa á mesma reitoria de Rabal: tem quinze vizinhos, porque ametade do lugar de Riodonor he de Portugal, & a outra ametade de Castella». Como a 1.^a ed. da *Corografia* é de 1706, póde considerar-se aquella população como do sec. xvii. Em 1757 tinha, segundo Pinho Leal in *Port. Ant. e Mod.*, s. v., vinte e seis fogos. Actualmente, ou antes em Novembro de 1884, tem vinte e oito ou vinte e nove, como me informa o meu presado e intelligente amigo o Rev. Alexandre Barrigão, que, quando eu fui á raia em 1884, me prestou relevantes serviços a que sempre me conservarei grato.

Guadramil, que o P.^e Carvalho da Costa, *ob. cit.*, pag. 444, chama *S. Vicente de Gradamil*, tinha no sec. xvii uns dezaseis vizinhos; no sec. xviii vinte e sete (Pinho Leal. *ib.*); actualmente vinte.

Estes algarismos são importantes, porque nos mostram que as povoações, como se compoem de poucos habitantes, tem tambem pequeno movimento e por isso imprimem por este lado ás linguas uma tal ou qual estabilidade. Valeria a pena estudar, podendo-se, a historia d'aquelles dois povos, para mais facilmente se penetrar no modo como as linguas se desenvolvêrão: isto é, se se desenvolvêrão isoladamente *in loco* desde a epocha romana, ou se fazem parte de um dominio glottico mais extenso de que se destacárão por qualquer circumstancia social. Numa ou noutra das circumstancias porém, ellas representão uma das phases do latim vulgar da Lusitania, — o que basta para o meu caso.

Riodonor e Guadramil estão em pontos afastados do resto do nosso país, e até em maior communicacão com a Hispanha do que com Portugal. Numã carta do snr. Padre Alexandre Barrigão leio eu que, pelo facto d'esse isolamento, não ha urgencia ordinaria «que obrigue a viajar ou a sahir fóra, ficando aqui mais á mão a importação dos generos de Espanha, aonde se póde recorrer com mais facilidade». Lá, como tambem observei na raia gallega do Minho, a moeda hispanhola circula ao lado da portuguesa.

Á falta de documentos litterarios, que de certo não existirão, alguma luz podia lançar na questãõ historica o estudo anthropologico, as relações de parentesco e por ventura alguma tradiçãõ oral.

Como o meu fim nesta occasiãõ não é fazer o estudo do riodonorés nem do guadramilés, mas sómente dar uma succinta noticia, limito a muito pouco as minhas observações grammaticaes.

Tanto em riodonorés como em guadramilés o *lh* que se encon-

tra no português é substituído por *y* (o *y* do hispanhol em *mayor*, pelo menos como o eu ouvi pronunciar a hispanhoes, confrontando até ao mesmo tempo os dois sons), ex. *spéyo* (= espelho), *bremeyo* (= vermelho), *paya* (= palha), etc. Este phenomeno apparece já na idade-media no vizinho dialecto leonês (ex. *conseio*, *meior*, *oios*, *trabaiar*); o mesmo phenomeno encontrei em Rio d'Onor de Hispanha, onde tambem fui; mas ha aqui uma differença capital a respeito do mirandês, em que tal se não dá. O riodonorês suprime o *d* entre vogaes depois de syllaba tónica, á maneira do castelhana popular ¹, e diz por ex. *louxdu* (= *lousado* por *telhado*), *deu* (= *dedo*), etc.; o quadramilês conserva-o, dizendo *louxado*, *arado*, *dedo*, etc. O artigo masculino riodonorês é *dl* que de certo assenta numa fórma correspondente ao castelhana *el*, e o feminino é *d*, mas diz-se antes de syllaba tónica, á maneira hispanhola, *dl alma* (= port. *a alma*, cast. *el alma*), *dl uba*, *dl euga*, etc.; o artigo quadramilês masculino é *ou* no singular, *d* no feminino. Facto curioso, tanto o plural de *dl* como o de *ou* é *us*. O art. *ou* explica-se bem por uma fórma anterior *o*, correspondente á portuguesa, pois que em Trassos-Montes é vulgar começarem por *ou* nomes que no português ordinario começam por *o*. Uma fórma parallela, que tambem ouvi ao lado de *ou*, é *du*.

Entre a lingua de Riodonor-de-Baixo (Portugal) e a de Riodonor-de-Cima (Hispanha) ha tambem differenças: assim nesta encontrei o *z* castelhana que nunca ouvi naquella; mas a lingua de Riodonor-de Cima não é o puro castelhana.

Que interesse não adviria á sciencia, se em Portugal e Hispanha dois ministros intelligentes se lembrassem de mandar estudar devidamente as lingoagens das respectivas raias? As analogias d'essas lingoagens devem explicar-se, no seu facto fundamental, por um desenvolvimento parallelo e não por misturas reciprocas. Nada de admirar que em alguns casos as lingoas vizinhas influão mais ou menos umas nas outras; mas taes influencias tem uma extensão limitada.

Eu colhi muitos mais apontamentos do que os expostos; só porém mais tarde voltarei ao assumpto, pois é-me ainda necessario tornar á raia para resolver certos problemas e preencher certas lacunas. Numa viagem tão rapida como a que eu fiz, e como não podia deixar de a fazer nas circumstancias em que fui, a pou-

¹ Este phenomeno, que se dá em varios dialectos hispanhoes, observa-se já em andaluz ha muito tempo.

co mais se limitou o meu trabalho do que a *reconhecer o terreno*: o terreno é rico, abundante, promettedor; mas está quasi virgem ainda. Se em Portugal se comprehendesse que, sem o conhecimento minucioso das provincias, se torna verdadeiramente impossivel escrever uma história completa do nosso país, já ha muito se haverião disposto as cousas para um estudo no sentido em que eu dirigi o meu neste caso. Que consciencia tem de si uma nacionalidade que ignora os seus fastos, e despreza quasi sempre os materiaes que os deverião constituir?

II

OBSERVAÇÕES SOBRE O DIALECTO SENDINÊS

Creio que a primeira noticia que appareceu em público sobre este dialecto, foi no meu opusculo *Flores mirandezas*, pag. 30, nas seguintes palavras: « O mirandês apresenta variações dialectaes, sendo uma das mais notaveis o *sëndinês*, ou lingua de Sendim ».

O mais que vou dizer, são simples observações, e não um trabalho completo e definitivo. Quando eu fui a Trás-os-Montes nas ferias de Setembro de 1884, para continuar os meus estudos sobre a philologia raiana, não me pude demorar em Sendim senão uma noite, e por isso pouco colhi.

Sendim fica no concelho de Miranda do Douro e tem uns 1.325 habitantes. A pronúncia local d'esta palavra é *Sëndim*, isto é, o *ẽ* pronuncia-se como o *e* do português *se*, ou, o que vale o mesmo, *ẽn* sôa exactamente como na phonetica genuina do Porto o *en* do vocabulo *sentir*. Effectivamente a falla portuense, como eu mostrarei num proximo trabalho, differença-se muito da de outras terras de Portugal: assim, em quanto que, por exemplo, aqui o *e* nasal atono tem o valor que acima lhe assignalei, na Beira-Alta tem o valor de *ên*, em Baião tem o de *ên*¹ e no Cadaval tem o de *in*². As variações anthropologicas, climatericas e sociologicas correspondem

¹ Vid. o meu opusculo *Dialectos interamnenses*, III, pag. 9.

² Vid. o meu opusculo *Dialectos extremenhos*, I, pag. 11.

em toda a parte variações linguísticas: o nosso país não devia furtar-se a essa lei.

O vocabulo *Sendim* liga-se phoneticamente a outros portuguezes, taes como *Sindim* e *Sandim*, egualmente nomes de terras. Ha ainda *Sandomil*, que talvez pertença tambem á mesma familia. Notando-se que existem no nosso onomastico varios termos terminados em *-im* (*Landim*, etc.), podemos vêr em algumas d'essas terminações um suffixo, que umas vezes será derivativo e outras simplesmente deminutivo: vid. na *Revista da Sociedade de Instrucção* o meu artigo *Onomatologia*, § 43. Para *Sandim* o facto parece-me fóra de dúvida, pois que existe separadamente *Sande*, como designação de outra povoação. Mas que é *Sande*? As lingoas estrangeiras auxiliar-nos-hão na resolução do problema. Tanto no nosso vocabulario usual, como na toponymia, possuímos palavras de origem germanica, cousa naturalissima, poisque algum dia o territorio em que nascemos soffreu a influencia dos povos do Norte: ora as lingoas germanicas offerecem-nos termos comparaveis com o nosso; são elles *sand* (em inglês, allemão, sueco e dinamarquês, — embora nestas diversas lingoas a pronunção diffira) e *zand* (hollandês). É pois provavel que *zand*, *sand* e *Sande* remontem á mesma origem. A palavra parece existir ainda noutros paízes: no livro *Des caractères et de l'extension du patois normand* por Carlos Joret, Paris 1883, pag. 73, nota 2, encontro *Sandouville* (*Sandovilla*), *Sandvik*, *Sandvig*, etc., que, segundo o auctor, conterão o mesmo radical. Em resumo: *Sandim* decompõe-se em *Sand-im*, onde se encerra a ideia de areia (allem. *sand*, etc.), como em *Ariosa* (= arenosa), *Arial* ou *Areal*, *Arèinho*, *Aróso* (= arenoso); de *Sandim*, por uma assimilação do *a* á vogal seguinte, veiu *Sendim*, e d'aqui, tambem por um processo phonetico, *Sëndim* e *Sindim*. Quanto a *Sandomil*, talvez se possa decompôr em *Sando-mil*, vindo *-mil* a ser o mesmo suffixo (para mim até hoje obscuro) que se mostra em *Meixomil*, *Trouxemil*, *Creixomil*, *Leomil*, etc., e o *o* de *Sando-* (que se pronuncia *u* neste caso) a representar o *e* de *Sande*, pois que o *e*, antes de uma labial, se muda em certos casos em *u* (ex. *rumendo* = *remendo*).¹

Mas voltemos ao dialecto.

O povo da localidade não só chama *mirandês* ao idioma geral

¹ Outro exemplo de etymologia germanica está em *Landim*, que se decompõe em *Land-im*. Cfr. o inglês *land*, etc.

da *Terra de Miranda*, a que pertence Sendim, mas chama *sēndinés* á variedade que se falla nesta ultima povoação: tem pois consciencia clara da existencia da lingoa e do dialecto. Assim diz, como a mim me disserão muitas pessoas, que o *sēndinés* é *mirandés*. São tambem esses os termos locais. Faço esta observação, porque, ao passo que alguns *sabios* do nosso país julgão que o *mirandés* é uma mistura de hispanhol e gallego, sem importancia historica e independencia glottologica, o pobre povo da raia, ignorante, rude, analfabeto mesmo ás vezes, reconhece que se serve de uma lingoa sua, perfeita e propria, dando assim quinau aos que, escudados num ridiculo pedantismo, nunca se lembrãõ de observar o que a natureza eloquentemente ensina.

Como amostra do dialecto transcreverei para aqui um conto popular que um *sendinés* me dictou. Para a pronúncia de certos sons como *ñ*, *z*, *ç*, vid. o meu citado opusculosinho *Flores mirandezas* (Porto, Livraria Portuense, 1884), pag. 31 sq.; o *õ* corresponde ao som que no dito opusculo represento por *õ*:

« Fui ñña bez i meti lus curdeiros no palheiro, apuis fui la rapóza, antrou pul telhado púla manhana, chighei alhá i bi lus curdeiros mörto¹, i adepuis dei bölt² á redór del palheiro, ache la rapoza mörta, agarrei-la pul rabo, butei-la pála rō³, cuidando que staba mörta. Adepuis q'riē-le⁴ sacá-lus olhos⁵, Teniē-la⁶ preza c'ñña corda⁶, fui a pegá-le⁷ púla punta pála libar⁸ á la rastra, salt'a fujir, que ningum perro l'agarraba⁹. »

Emquanto que no *mirandés* de Duas-Igrejas, que tem sido a base dos trabalhos que tenho publicado, existe para o meu ouvido o som *iē*, exemplo *tiērra*, em Sendim existe o som *iç* como correspondente, exemplo *tiērra*, que se pronuncia quasi como *tirra*; algumas pessoas *sendinesas* fluctuão mesmo, como vimos, entre *iē* e

¹ Outros dizem *murtos*.

² Outros dizem *bulta*.

³ Outros dizem *ru* (em portuguez *rua*).

⁴ Outros dizem *q'ri-le*.

⁵ Outros dizem *teni-la*.

⁶ Outros dizem *curda*.

⁷ Significa : *pegar-lhe*.

⁸ Significa : *lebar*.

⁹ O *ch* sôa como em castelhano ou, o que é o mesmo, como o *ch* de *chamar* nas nossas provincias do norte e centro do reino.

i. ¹ Em Duas-Igrejas ouvi *biëm, tamiëm*; em Sendim *biëm, tamiëm*. Nas terminações ha outra differença notavel: em Duas-Igrejas é *-ié*, em Sendim é *-i*, como *Mariê, diê, tiê* (Duas-Igrejas) e *Mari, di, ti* (Sendim). Mais ainda: no singular *dí*, no plural *diës* (em Duas-Igrejas *diës*); mas tambem em Sendim ouvi *mis* ao lado de *miës* como o plural de *mi* (português *minha*). A lei da pronúncia sendinense é esta: final *-i*, antes de outro som *-ië* ou *i* segundo as pessôas (para os pluraes é pois *-iës* ou *-is*).

Um factio paralelo: sendinês *ru* no sig., *ruies* no plur.; *tu* (port. *tua*) no sing., *túes* no plur.; *dúes* (port. *duas*). Em Duas-Igrejas *ruó* e *rrós*, *tuó* e *tuós*, *duós*.

Outra differença entre o mirandês de Sendim e o de Duas-Igrejas é a seguinte: Duas-Igrejas favorece a palatisação do *l* inicial, dizendo *lhuna, lhume, lhibro, lhembrar*, etc.; Sendim conserva o *l* simples e diz *luna, lume, libre, lembrar, lénha*. etc. É uma differença capital.

Nos verbos sendinenses temos: *y* (com a pronúncia do *y* castelhano) correspondente ao português *é* e ao mirandês de Duas-Igrejas *yé*. É provavel que entre *ye* e *y* haja a mesma relação que entre *-iê*, *-ié*, e *-i*. Os sendinenses dizem *jantabãmos, jantabãdes* e *jantábã* analogamente ao gallego: os de Duas-Igrejas usão porém a terminação *-ãbamos, -ãbades, -ãbã*, analogamente ao português.

Phenomenos avulsos: *múito* e *muto* (port. *muito*), *ênde* (port. *ahi*), *antóces* (port. *então*), *sertúm* e *oughêta* e *rabona* (port. *véstia*), *cebolha* (port. *cebola*), *pumintos* (port. *pimentos*).

D'esses factos, e de outros que por brevidade omitto, concluo com o povo da localidade, que o sendinês, além da feição geral mirandesa, possui particularidades dialectaes muito accentuadas. E será o mirandês uma lingua nova, irmã do castelhano e do português, ou apenas um dialecto de este ultimo?

Como sempre acontece quando queremos estabelecer classificações, não é facil ás vezes dizer onde acaba uma lingua e começa um dialecto. Os antigos, e ainda hoje infelizmente muitas pessoas, suppunhão que os dialectos se formavão sempre pela corrupção de uma lingua nacional: isto é, uma lingua era levada para um ponto, e a gente d'ahi imprimia-lhe modificações que depois vinhão a constituir as phases dialectaes. D'este modo a explicação dos dialectos não tinha difficuldade. Mas, se é certo que nalguns casos os dialectos se formárão assim, por exemplo os dialectos crioulos a

¹ Cfr. sobre *ie* as *Flores mirandezas*, pg. 32.

respeito do português, os dialectos romanicos a respeito do latim: noutros casos o facto não se passou d'esse modo, por exemplo nos dialectos franceses; e então os dialectos não são uma modificação da lingua official, mas irmãos bartardos, ou, para me explicar melhor, lingoas paralelas a essa, e que ficarão com uma existencia restricta e limitada ao uso domestico de uma região. Essas lingoas, para serem dialectos, hão-de além d'isso possuir um certo *ar de familia* e estar numa tal ou qual dependencia da lingua principal.

Se eu chamasse ao mirandês *dialecto português*, — que havia de chamar ás outras fallas populares da provincia, que estão em relações muito mais intimas com a lingua corrente do pais? Havia de chamar-lhes *sub-dialectos*? Não, porque no proprio *transmontano geral* descubro divisões ou ramificações secundárias.

Explico pois a difficuldade assim:

O latim, trazido pelos Romanos para a Lusitania, experimentou cá um certo numero de mudanças a principio tenues, mas que augmentarão com o tempo: essas mudanças forão de um lado o *português-gallego*, do outro o *riodonorés-guadramilés*, do outro o *mirandês*, grupos vizinhos, na essencia e na extensão geographica, de grupos analogos da Hispanha. Mas o *português-gallego* continha já mudanças secundárias ou pelo menos tendencias para ellas, bem como os outros grupos, e mais tarde essas novas modificações manifestarão-se melhor, e tanto, que o gallego é hoje mais uma lingua irmã do português do que um dialecto. Achamos assim desenvolvendo-se constantemente as *fallas mirandesas*, ou *mirandês* propriamente dito, e as *fallas portuguesas* (isto é, do Alto-Minho, do Baixo-Minho, do Alto-Douro, da Beira-Alta, etc., etc.), ou *português* propriamente dito. As fallas mirandesas, porém, offerecem na sua textura particularidades phoneticas, morphologicas, syntaxicas e lexicologicas que não são caracteristicas do português; por outro lado as fallas portuguesas tem cousas que se não achão no mirandês; além d'isso o mirandês domina num territorio mais ou menos circumscripto e independente, a *Terra de Miranda*, e confina com lingoas que ajudão a mantê-lo numa fixidez relativa. Em virtude d'isto tudo, tomando a palavra *lingoa* apenas como a expressão de *termo-médio* numa dada ordem de transformações glotticas, parece-me que não érro em chamar lingua ao mirandês, e reservar a expressão *dialectos portugueses* para as outras fallas que se ligão mais de perto com o idioma de Garrett e Herculano.

O mirandês é, sim, um dialecto, mas do latim.

Parece-me que se poderia tambem empregar outra nomenclatura, chamando ao mirandês *co-dialecto português*, e assim teriamos

o grupo *lusitano-romanico*, ou simplesmente *grupo lusitanico*, composto dos seguintes idiomas :

a) *Português* (lingoa principal, já por ser orgão de uma nacionalidade perfeita, já pelo desenvolvimento litterario que experimentou), com os seus *dialectos* e *sub-dialectos* ;

b) *co-dialecto gallego* (lingoagem da Galliza, territorio outr'ora pertencente á Lusitania, e de que Portugal fez parte na idade-media), com os seus *sub-dialectos* ;

c) *co-dialecto mirandês* (lingoagem da Terra de Miranda), com os seus *sub-dialectos* ;

d) *co-dialecto quadramilês* (lingoagem de Quadramil, no concelho de Bragança) ;

e) *co-dialecto riodonorês* (lingoagem de Rio d'Onor, no mesmo concelho).

Entre algumas d'estas fallas ha verdadeiras phases de transição. As relações d'este grupo, que chamei *lusitanico*, com o grupo *hispanhol* (leonês, castelhano, asturiano, etc.), são em certos pontos muito intimas, o que facilmente se comprehende ¹.

Em todo o caso, a questão de *lingoas*, *dialectos*, *sub-dialectos* e *co-dialectos*, no uso ordinario, não passa de uma questão prática : no campo da theoria, tanta importancia tem para a glottologia uma expressão requintada de Fr. Luis de Sousa, como a locução desprezenciosa de um cabreiro do Gerez, — e até ás vezes esta última vale muito mais.

Porto, Agosto de 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Assim em Hermesende, povoação hispanhola, na raia, encontrei uma lingoagem que é uma phase de transição. Demorei-me lá apenas algumas horas ; mas pude ainda assim recolher o bastante, creio eu, para caracterisar essa lingoagem. — O *berciano* (Hispanha) é outra phase de transição.

AS EPOPEIAS DA HUMANIDADE

NA POESIA PORTUGUEZA CONTEMPORANEA

A arte nas suas manifestações particulares acompanha os progressos da humanidade, idealizando o que cada época tem de superior e característico. Á poesia especialmente coube sempre a missão sublime de traduzir as emoções mais elevadas da intelligencia humana nos graus successivos da civilisação. Só quem desconhece a historia da evolução esthetica, poderá negar a intima relação, que se constata entre todos os povos, da inspiração poetica com o desenvolvimento social, nomeadamente com a mentalidade de cada época, como uma reacção da vida especulativa sobre a vida affectiva das sociedades. Estão n'este caso os que affirmam ter passado a idade da poesia, e acharmo-nos em plena idade de prosa, como se os sentimentos se não modificassem e transformassem á proporção que se modificam e transformam as idéas. Semelhante affirmação não representa, porém, um factó isolado e de minima importancia; pelo contrario, tornou-se desde alguns annos opinião corrente, sobretudo desde que cahiu completamente em descredito a escola romantica ao sopro vivificador do naturalismo, e que surgiram para a propalar e dar-lhe auctoridade vultos eminentes no proprio campo da poesia. Resulta uma tal aberração da ignorancia das leis sociologicas e do estado de indisciplina metaphysica em

que ainda hoje se encontram muitos, diremos mesmo a maioria dos nossos litteratos e jornalistas.

O observador consciencioso dos phenomenos sociaes, o frio analysta dos factos historicos, o investigador das mutuas relações das cousas humanas, longe de sancconar esse absurdo, verá que a poesia anda intimamente ligada ao desenvolvimento da intelligencia humana, dependendo da ordem superior das idéas, isto é, das que se referem á concepção do universo. Por detraz dos poemas epicos *Isdubar* ou *Mahabaratha*, dos grandes monumentos hellenicos de Homero e Hesiodo, dos poemas classicos de Virgilio e Lucrecio, da *Divina Comedia* do Dante, do *D. João* de Byron ou do *Fausto* de Goëthe, como de muitos outros monumentos litterarios, descobre-se sempre um corpo de doutrina, uma philosophia, uma synthese cosmogonica, theologica ou metaphysica. Se percorrermos os annaes litterarios de todos os povos não depararemos com alguma obra poetica de cunho que não dependa mais ou menos directamente de qualquer systema de philosophia. Esta verdade é de tão facil constatação que não perderemos tempo em demonstral-a.

O nosso seculo que se distingue pelo fervor na investigação das verdades e nos esforços para a construcção de uma synthese positiva dos conhecimentos humanos, arrastou a litteratura e a arte em geral para o naturalismo. A poesia tinha de seguir essa corrente, e como a revolução intellectual por que passa a humanidade é tão profunda que só se pôde equiparar á grande transformação espiritual que precedeu o apparecimento da *Divina Comedia* do Dante, ella ha de erguer-se á altura de imprimir n'uma obra de arte sublime o vôo attingido pelo cerebro humano. Se a evolução philosophica negativista ou a duvida que resultou dos conflictos entré a religião e a sciencia encontrou a sua idealisação n'uma obra-prima como o *Fausto*, porque não ha de alcançar uma identica crystallisação esthetica o movimento intellectual do nosso tempo?

Augusto Comte, e como elle outros espiritos dos mais lucidos do seculo XIX, comprehendendo as relações da poesia com o desenvolvimento intellectual, previram a realisação de uma epopeia da humanidade, annunciando-a, como o grande philosopho, ou tentando mesmo effectual-a, como Victor Hugo na admiravel *Légende des siècles* e Edgar Quinet na sua brilhante trilogia.

Foram prematuras estas tentativas por não se ter realisado ainda a inevitavel evolução artistica do romantismo para o naturalismo. Porém tocaram de perto o amago do problema. «O verdadeiro momento do drama, para os povos como para os individuos, escreve Edgar Quinet, é aquelle em que elles, discutindo pela primeira vez as suas crenças, se debatem no seio do Deus de seus paes en-

tre a fé e a duvida. O homem não se torna um personagem tragicó senão accetando esta lucta com o eterno.» N'outro ponto diz o mesmo auctor: «O homem não é senhor nem escravo da natureza; é o seu interprete e a sua palavra viva.» D'estas palavras, em que intuitivamente Edgar Quinet lançou os germens da moderna phase poetica, facil é deduzir os caracteres fundamentaes de uma epopeia naturalista da humanidade. Eis a mesma ideia já expressa conscienciosamente em phrases positivas por um critico eminente: «O realismo moderno, escreve Pierre Petroz, não consiste unicamente em reproduzir as fôrmas, em representar os espectaculos que nos offerece a natureza, como muitos o suppõem, mesmo entre os espiritos cultos. Esta traducção exacta e *formal*, apesar de sua importancia não é senão o lado exterior e de algum modo tecnico. Mas o que o caracteriza essencialmente, o que lhe dá o seu verdadeiro valor e lhe marca um logar consideravel na historia da arte, é que repelle de uma maneira absoluta, irrevogavel, toda a suggestão theologica ou metaphysica. Afastadas as causas de erros ou de perturbações intellectuaes, ficam o mundo e a humanidade, fonte de poesia como de verdade.» (*La Ph. pos.*, revue, vol. xx, p. 245).

A epopeia que deve ser a obra artistica capital da civilisação contemporanea tem de ser necessariamente scientifica, philosophica, naturalista, como synthese suprema do desenvolvimento mental reflectindo-se no desenvolvimento affectivo da sociedade. Deve, portanto, abranger no seu conjuncto os resultados de todos os progressos e descobertas, tanto no campo das sciencias physico-naturaes, como no das historico-sociaes. Taine, defendendo a alliança da sciencia com a arte, escreve: «O parentesco que liga a arte á sciencia é uma honra para ambas; é uma gloria para uma fornecer á belleza as suas principaes bases; é uma gloria para a outra o apoiar as suas mais altas construcções sobre a verdade.» (*De l'ideal dans l'art*, p. 26). Absurda e disparatada é sem duvida alguma a apregoada incompatibilidade da arte com a sciencia. Porém a melhor demonstração de que é erronea uma tal affirmação, acha-se no facto, impossivel de contestar, de que a realisação da epopeia da humanidade é o problema cuja solução mais preoccupa na actualidade os cerebros dos poetas mais eminentes da Europa, principalmente dos paizes occidentaes.

Todos sabem que os *Lusiadas* não foram uma manifestação esporadica da mentalidade portugueza, n'aquella época, mas o resultado de uma preocupação artistica que germinava ao mesmo tempo em muitos cerebros e da qual a nossa litteratura possui não poucos documentos. Abrira-se espontaneamente um concurso entre os espiritos mais brilhantes d'aquelle seculo para a realisação do

grande poema das navegações e descobertas marítimas. Igualmente na actualidade vemos disputarem entre si os melhores poetas a corôa de gloria da composição da epopeia da humanidade, com a differença que a liça outr'ora aberta apenas no seio da nação portugueza, se estende hoje a todos os povos, nomeadamente aos do Occidente da Europa. Augusto Comte diz que o grande poema moderno partirá dos povos meridionaes, mas com preferencia da fecunda Italia, da patria de Ariosto, Tasso e Dante. Não sabemos se o futuro se encarregará de realisar a previsão, demasiadamente minuciosa, do immortal philosopho. O que estamos vendo é que o nosso paiz, cujo concurso para os progressos intellectuaes de nossos dias tem sido ephemero, mesmo nullo, se mostra fertil em concorrentes para a execução da epopeia da humanidade. Caber-lhe-ha essa gloria?...

Tres epopeias conhecemos nós em via de acabamento, a *Visão dos tempos* de Theophilo Braga, grandioso monumento litterario quasi concluido, a trilogia de Guerra Junqueiro, de que está publicada a primeira parte *A morte de D. João*, e emfim *O Anti-Christo* de Gomes Leal, cujo primeiro volume acaba de vêr a luz. A cada um d'estes poemas consagraremos um estudo especial¹.

Dois processos se offerecem a quem tenta a arrojada empresa da epopeia da humanidade: Synthetisar n'um só personagem toda a acção social através dos seculos e das civilisações, prendendo no mesmo plano as successivas phases da evolução, quer inorganica, quer organica e historica, ou synthetisar isoladamente cada época dos factos humanos, ligando-as entre si mais pelo encadeamento chronologico do que pela unidade de concepção. D'estes dois processos diz Theophilo Braga na nota que acompanha as *Miragens seculares*: «O primeiro consistia em tomar a Humanidade como uma entidade ideal e celebrar a continuidade da sua evolução encadeando em volta d'ella, como em uma biographia individual, todos os actos em que se tem conquistado e affirmado o progres-

¹ Começamos pelo estudo do *Anti-Christo* por ser o apparecimento do primeiro volume o acontecimento litterario mais notavel dos ultimos mezes, tanto pelo assumpto, como pela execução. N'um dos proximos numeros daremos o estudo, desde muito prometido, ácerca da bella obra poetica de Theophilo Braga. Do poema de Guerra Junqueiro occupar-nos-hemos logo que saia *A morte do Padre Eterno*, segunda parte da sua trilogia, desde longos annos annunciada.

so humano. Este processo exige uma immensa abstracção synthetica...

« O segundo processo consiste em tomar as grandes situações da Historia pelo que ellas tem de dramatico, dando-lhes relevo de modo que o sentido racional seja evidênte como ideal que universalisa o facto, e como verdade que o torna bello. A idealisação por esta fórma é uma synthese em que a abstracção desaparece pela expressão concreta de um mytho consciente. » (p. 232).

Este ultimo processo, adoptado por Victor Hugo na *Legende des siècles*, foi tambem o escolhido por Theophilo Braga para a sua epopeia. O outro processo, porém, tem a seu favor os exemplos da historia litteraria de todos os povos e o prender-se mais intimamente á tradição popular, o que o torna muito mais apto a influir no espirito publico. E esta mesma conclusão tira-se dos trabalhos criticos da historia da litteratura portugueza do grande escriptor que affirma com inteira razão que tanto mais vital será uma obra poetica quanto mais fundas raizes tiver na alma popular. Os nossos estudos sobre os livros de critica litteraria de Theophilo Braga deram-nos a convicção da superioridade do primeiro processo sobre o segundo, apesar da nossa grande e justa admiração pelo plano extraordinariamente bello da *Visão dos tempos*.

O ANTI-CHRISTO

É este o titulo escolhido por Gomes Leal para a sua epopeia da humanidade.

Ha quatorze ou quinze annos, que travámos relações com o poeta, quando elle acabava de fazer a sua estreia no mundo litterario com a poesia revolucionaria *A Canalha* e com algumas poesias do genero denominado *satanico*, publicadas em folhetins no *Diario de Noticias*. Poucos mezes depois de ter começado a nossa convivencia, todas as tardes, n'uma livraria que ambos frequentavamos, e que n'essá época existia enterrada n'uns casebres da rua do Moinho de Vento, revelou-nos pela primeira vez o poeta a intenção de escrever um grande poema, cujo titulo seria *A Missa negra*, mais tarde substituido pelo de *O Anti-Christo*. Essa idéa, uma vez concebida, nunca mais a abandonou.

Anunciado depois d'isso, frequentes vezes, na imprensa diaria o proximo apparecimento do grande poema, só agora de facto vem a publico, passados treze ou quatorze annos de uma paciente elaboraçãõ.

Pelo que deixamos dito avaliarão facilmente os leitores o inte-

resse e a curiosidade com que lemos o volume logo que nos chegou ás mãos, graças á amabilidade do benemerito editor, o snr. Alberto de Oliveira.

Conhecendo todos os trabalhos anteriores de Gomes Leal, desde *O tributo de sangue*, que ao proprio auctor ouvimos recitar poucos instantes depois de o ter escripto, até ao bello poemeto *A Fome de Camões* e aos seus pamphletos em verso *A Traição*, *O Herege* e *O Renegado*, admiravamos n'elle um poeta revolucionario por excellencia, mas ao mesmo tempo — com franqueza o dizemos — reconheciamos que não estava preparado, por falta de conhecimentos scientificos e de orientação philosophica para traçar a epopeia da humanidade no seu poema desde muito promettido: *O Anti-Christo*. Portanto, se a leitura d'este volume nos attrahia pelos motivos indicados, tambem por esta ultima razão o abordavamos com certa desconfiança, para não dizer com a convicção antecipada de que iamos lér um livro melhor ou peor sob o ponto de vista revolucionario, mas que não corresponderia ao desenvolvimento mental da civilisação contemporanea.

Foi n'esta disposição de espirito, salutar para a analyse critica da obra, que encetamos a leitura, começando pela nota final ácerca *Do Naturalismo na Poesia*, e passando em seguida ao poema. O livro causou-nos viva surpresa, demonstrando-nos que o poeta não só se preparou notavelmente para tratar o assumpto á sua verdadeira altura, como ainda de facto attingiu o ponto capital do problema no plano da sua epopeia.

O merito d'este volume do *Anti-Christo*, que será seguido de mais tres, torna-se cródor de um estudo mais demorado do que uma simples noticia bibliographica, e por isso nos occuparemos successivamente da nota final, do plano da obra e da sua execução.

§. 1.º — Do Naturalismo na Poesia

Gomes Leal, pretendendo arrogantemente empunhar o labaro da poesia naturalista, é injustissimo com os que entre nós o precederam no caminho da arte moderna. Se é de todo sensata a sua severidade de critica para com os nossos pseudo-parnasianos, cuja mediocridade de espirito iguala a insignificancia das producções, é, pelo contrario, censuravel quando envolve n'um silencio desdenhoso poesias de merito real como as que formam a epopeia da humanidade de Theophilo Braga. O illustre poeta não tem razão, portanto, quando affirma que: « As velhas noções que a Poesia tem sobre o Cosmos, sobre as forças phisicas, sobre as leis naturaes, não teem sido renovadas desde Delille, e cheiram algum

tanto ao musgo das ruínas, onde se estendem para a lua religiosa dos descampados os braços verdes das hervas.» (p. 354) A revolução por que vem passando a poesia portugueza desde 1868 não permite que se avenge semelhante proposição, sobretudo desde que o Romantismo cahiu em completo descredito, tendo tido os ultimos vates do lyrismo, a que podemos chamar official, o bom senso de calar as suas emoções de um convencionalismo chôcho. A poesia actual, a *poesia da moda*, seja-nos permittida esta expressão — com excepção de raros mestres — é desgraçadamente outra coisa; as noções que tem ácerca do Cosmos, das leis naturaes ou das forças physicas, não são as de Delille, nem as de qualquer escola philosophica antiga ou moderna; simplesmente, não tem ideias. Gomes Leal no seguinte parágrafo constata esta verdade: «Tendo uma esmagadora ausencia de ideias, é certo, mas uma paciente correcção geometrica, tem proclamado a Sciencia como um obstaculo á inspiração.» (p. 354).

Contra esta idolatria da musica da palavra, ou da arte pela arte, insurgiram-se os poetas para quem a Poesia não é simplesmente um passatempo honesto e para os quaes ella tem um grande destino social. A phrase de Montaigne que o auctor do *Anti-Christo* toma agora por divisa, foi para elles um preceito: *Si j'étais du métier je naturaliserais l'art, comme ils artialisent la Nature.* Gomes Leal segue o caminho aberto já por M.^{me} Ackermann (cujos versos admiraveis injustamente condemna como inspidos n'um artigo que ha pouco tempo nos cahiu sob a vista), por Joaquin Maria Bartrina, por Sully-Prudhomme, por Manuel Acuña, por Theophilo Braga, por muitos outros, quando reconhece que «a consciencia artistica requer hoje mais alguma cousa do que a plasticidade de linguagem: — mais exigente quer a analyse: mais observadora quer a naturalidade. E, depois da naturalidade, vem como consequencia philosophica, o naturalismo.»

O naturalismo, cujas manifestações nas bellas artes, nomeadamente no romance, na pintura, na esculptura são proeminentes, revelou-se já na poesia por verdadeiras obras-primas. Não é o poema de Gomes Leal o primeiro no tempo, embora possa vir a ser o primeiro no merito artistico. Eis o que elle não quiz reconhecer. Ouçamos as suas palavras: «Mas, se na pintura, na esculptura, no romance, se affirmam lá fóra os grandes representantes d'esta escola, quaes são os poetas que representam esta feição, na poesia?

«Decerto, que nem o grande Leconte de Lisle, tão excepcional e tão sobrehumano, que vive no seu seculo como um expatriado de outras gigantescas raças; nem Francisco Coppé, tão gracioso, mas tão phantasista; nem Theodoro de Banville, tão lyrico, mas tão hyperbolico; nem Richepin, tão ardente, mas tão paradoxal; nem

Sully-Prudhomme, tão harmonioso, mas assás modesto para influir nos problemas que agitam tão profundamente este seculo; nenhum d'estes decerto, emfim, para não citarmos senão os mais perfeitos parnasianos francezes, podem cabalmente ter o nome de naturalistas, nem nenhuma das suas obras ha tomado a iniciativa de ser o o estandarte d'esta escóla. É esta lacuna que nós pretendemos preencher, e é esta epopeia que intenta desdobrar na arte moderna contemporanea, o novo lábaro e pendão.» (p. 357).

Applaudimos a conversão de Gomes Leal á poesia scientifica, reconhecemos a justeza de ponto de vista com que analisa não só a poesia parnasiana como cada um dos parnasianos francezes, incluindo Sully-Prudhomme, o auctor do bello poema philosophico *La Justice*, demasiadamente modesto e demasiadamente delicado para se proclamar chefe da escóla naturalista, perdoamos mesmo ao illustre poeta do *Anti-Christo* a sua accentuada immodestia, o orgulho com que desfralda o pendão da nova poesia, mas o que não lhe podemos desculpar, principalmente depois de reconhecer «aquella lei fatalmente evolutiva, a que nada se subtrah na Natureza» é a pretensão de querer ser o iniciador d'este movimento quando na realidade não faz mais do que seguir a orientação dada desde alguns annos pela philosophia á poesia moderna.

Feitos estes reparos indispensaveis á nota que acompanha o 1.º volume do *Anti-Christo*, devemos dizer que estamos plenamente de accordo com as ideias expendidas pelo auctor ácerca da poesia naturalista. O naturalismo na poesia, como em todas as outras manifestações artisticas, no romance, na esculptura, na pintura, etc., é apenas a verdade na Arte, ou melhor a interpretação e descripção da Natureza conforme ella se revela ao cerebro humano, scientificamente educado. O homem que, comprehendendo a relatividade das cousas, a mutua relação dos factos, a ligação natural dos effeitos ás causas, successivamente e interminavelmente effeitos e causas de outros phenomenos, physicos ou chimicos, moraes ou intellectuaes, assistir a qualquer successo da ordem cosmica ou social, não o verá com os mesmos olhos com que o vê aquelle cujo cerebro se nutriu sómente de noções theologicas ou metaphysicas. Ora o naturalismo na Arte interpreta e descreve tanto o homem, como a natureza, á luz dos conhecimentos scientificos mais perfeitos e pelo emprego dos processos mais severos e mais completos. Zola, seguindo na esteira de Balzac e de Flaubert, deu ao romance a forma rigorosamente realista de *documento humano*, e nos seus interessantissimos estudos criticos traçou com mão firme as regras a que deve obedecer o escriptor naturalista. Gomes Leal, para quem Zola «é o mais assombroso historiador da consciencia d'este seculo», acceita a doutrina do mestre; separa-se d'elle, porém, n'um

ponto e com razão segundo o nosso modo de vêr, « formando um pequeno schisma, a que poderíamos dar o nome de *humanismo*. » De facto, o que distancia o ponto de vista de Gomes Leal das regras estabelecidas por Zola é o mesmo principio que separa a Arte naturalista, como a interpretam os positivistas, da Arte naturalista, como a entende o grande romancista francez. Apressemo-nos, porém, a dizer que Gomes Leal não é discipulo de Comte, e sim de Eduardo Hartmann, o auctor da *Philosophia do Inconsciente* a quem dedica a sua obra litteraria.

Eis como o illustre poeta estabelece essa differença do criterio artistico: « Para Zola a arte é um documento humano, isto é, a historia, a descripção *do que é*: — para nós elle deve ser o espeelho, *onde a humanidade deve copiar typos de belleza moral, cada vez mais perfeita*.

« A Arte deixa de ser uma historia unicamente, para ser um cathecismo humano.

« Comprehendendo assim a Arte, ella será a edificadora da consciencia, sob uma face attrahente: e terá alguma cousa de augusta como um pontificado, porque a sua missão será a moral nova.

« Quererá isto dizer que os protogonistas das modernas obras terão de ser uns heroes virtuosos e pios, como os heroes das antigas epopeias, e dos velhos romances bem intencionados?... Muito longe d'isso. Os protogonistas de toda a obra d'arte deixarão a sua linha romanesca e heroica, para serem simplesmente o homem impressionavel ou fleugmatico: sacudido de paixões ou odios: mas grande unicamente, pela victoria que alcançarem as *virtudes novas*, contra os vicios, os defeitos organicos, ou as proprias cellulas que predispõem ao crime, legadas pela hereditariedade. » (p. 362).

Este pensamento nada differe do que teem os positivistas em geral sobre a Arte, que, segundo Laffitte, « pela *idealisação* do *verdadeiro* constroe como o typo para a realisação do qual tende a industria concebida na sua mais alta accepção. » É a mesma arte considerada justamente como « uma fonte essencial de educação e de instrucção para os povos, pelas emoções que desperta. » (*Revue Occid.*, set. 84, p. 242).

Ouçamos ainda o poeta :

« Fazer a disecção espantosa d'esta guerra intima, em que o homem muita vez succumbe aos vicios herdados, e em que ha tantas vezes o regresso á perversidade physiologica do atavismo, da hereditariedade, da raça, do sangue — é um trabalho maior do que as velhas epopeias que cantavam os heroes, de lanças d'ouro, matadores de monstros.

« N'esta victoria do homem sobre si mesmo, n'esta lueta inte-

ressante e formidalliosa, está toda a esthetica moderna, que tem de propagar a moral positiva, sahida do criterio scientifico. » (p. 362).

Com effeito os themas fornecidos pela sciencia prestam-se melhor do que quaesquer outros para a idealisação artistica, tanto no romance que tem um veio inexaurivel nos estudos physiologicos e pathologicos, mesologicos e sociaes, como na epopeia que pôde ir beber a inspiraçon aos conflictos travados no intimo da consciencia humana ou ás luctas não menos heroicas do homem contra as forças destruidoras da natureza. Gomes Leal attingiu a verdadeira concepção da Arte moderna, philosophica e naturalista, nas suas relações com a sciencia, que lhe fornece os seus principaes elementos, e com a Moral positiva, que tem por missão desenvolver e propagar em antithese á moral religiosa. Com estas ideias sobre a Arte vejamos agora como o escriptor concebeu a epopeia da humanidade.

§. 2.º — Plano da epopeia

Para se traçar o plano de uma epopeia da humanidade, que deve ser necessariamente a synthese artistica das grandes emoções que agitam a sociedade contemporanea, é indispensavel conhecer bem quaes os problemas fundamentaes que se debatem, quaes os seus antecedentes naturaes ou as suas origens historicas e emfim quaes as soluções indicadas pela evoluçon fatal das cousas. As questões fundamentaes que preoccupam o mundo actual e que são por assim dizer o eixo de todas as luctas politicas e economicas, sociaes e domesticas, reduzem-se a duas: a questão religiosa e a questão social. Devem, pois, ser estas questões o thema da epopeia da humanidade. Gomes Leal achou admiravelmente a sua these:

« Dois grandes problemas perturbam e sacodem violentamente, em direcções differentes, a alma revolucionaria do seculo dezoove: um é o problema religioso da separação da Igreja e do Estado, problema que ha de accender em breve uma lucta tremenda e irremissivel: o outro é o problema social do Capital e do trabalho, não menos terrivel, nem menos formidando. É por isso pois que a nossa epopeia consta tambem de duas partes, uma religiosa, outra social. » (p. 357) Cada uma d'estas partes subdivide-se em outras duas, as religiosas intitulam-se: 1.ª *Christo é o mal*; 2.ª *O fim de Christo e de Satan*; as sociaes: 3.ª *O Cataclysmo da Anarchia*; 4.ª *A ultima illusão da Humanidade*.

Estabelecida por esta fórmula a these capital da epopeia e a sua divisão essencial correspondendo aos dois problemas distinctos, o religioso e o social, necessitava de um personagem que fosse a en-

carnação humana ou o symbolo dos principios da verdade, isto é, o heroe do poema. Tinha aqui o auctor dois caminhos a seguir, construir de todas as peças um sér puramente imaginario, um Sanchinho ou Martinho, a quem confiasse a defeza das idéas modernas e positivas, ou ir buscar ao armazem das tradições populares, á semelhança do que fizeram Byron e Goëthe, um typo lendario que se prestasse a envergar os trajas nada poeticos dos homens do nosso tempo. O segundo processo era preferivel ao primeiro, quer porque um personagem épico formado pela imaginação de um escriptor, por mais perfeito que seja, ha de ser sempre pallido ao lado do que fôr creado pela lenda popular, quer porque este tem infinitamente mais probabilidades de se impôr á imaginação e conquistar as sympathias publicas. Gomes Leal escolheu o segundo caminho e teve a felicidade de encontrar na tradição do povo um typo lendario, de origem sacerdotal é certo, mas optimamente dotado pela alma popular para ser a encarnação completa do destruidor das religiões e dos imperios. É elle o terrivel Anti-Christo das lendas catholicas annunciado pelas *Epistolas* de S. João para vir pôr termo ao reinado de Christo. Gomes Leal, escolhendo «o *Anti-Christo*, symbolo amaldiçoado da lenda sacerdotal, para representar a escalada do homem, emancipado pela Sciencia, á cidadella do Sobrenatural,» descobriu o *typo humano* mais acabado do heroe moderno, tanto para a vida intellectual de aniquilador dos dogmas, como para a vida activa da guerra sem treguas ao existente.

A fórmula dramatica, adoptada por Goëthe na sua immortal epopeia da duvida, tem de ser forçosamente a de todas as epopeias modernas, pela enorme complexidade da vida contemporanea que não se adapta á simplicidade descriptiva das antigas epopeias. O meio social é outro, muito mais vasto e complexo, como muito mais precisas e analyticas são as necessidades intellectuaes do nosso tempo. Assim o *Anti-Christo* de Gomes Leal tinha de ser necessariamente vasado nos moldes dramaticos. Mas d'aqui nascia uma difficuldade, na apparencia invencivel, para o poeta naturalista. Como dar a fórmula dramatica á lucta do Anti-Christo com os Deuses e Divindades sem abandonar o naturalismo scientifico e regressar ao velho idealismo classico? Reduzir a epopeia a um dialogo ou a uma discussão de philosophos e theologos? Seria tirar-lhe todo o interesse épico e dar-lhe uma fórmula de sabbatina, contraria a toda a belleza e grandeza artistica. Como sahio o poeta de semelhante embaraço? Ouçamol-o :

«Comprehendendo que o espirito humano, menos ingenuo, mal comporta hoje a mistura do sobrenatural com o real, separamol-o em duas partes, dividindo-as em *tragedia divina* e *tragedia humana*. A tragedia divina representa, portanto, a dramatisação de todos

os sonhos que se passam n'um cerebro, que no poema são realisados pela accção: a tragedia humana é a dramatisação do sentimento e da vida real do Anti-Christo.

«A vida do cerebro é um complemento da vida physica, e a historia do que se passa sob a nossa caixa craneana não é menos interessante e poetica, nem menos verdadeira e digna de analyse do que a que descreve a vida dos organismos inferiores. Estas duas partes formam um todo harmonico e homogeneo, como na organisação anatomica dos sêres, o coração e a cabeça, que definem e completam o homem.

«Podemos, pois, chamar a tragedia humana a vida real e o coração do Anti-Christo, e a tragedia divina a sua parte essencialmente cerebral ou mental: — uma a tragedia do seu coração, outra a historia do seu cerebro.» (p. 366).

Como se vê, o illustre poeta não só venceu habilmente a difficuldade, como ainda conseguiu dar á divisão em tragedia humana e divina uma base essencialmente scientifica. A parte publicada, *Christo é o mal*, pertence quasi inteiramente á tragedia divina, isto é, á dramatisação da demolição do dogmatismo no cerebro do Anti-Christo, comprehendendo o prologo, a primeira heresia, que tem por titulo o mesmo que toda a primeira parte, a segunda heresia ou *A Morte da Igreja* e a terceira heresia ou *A Morte do Padre Eterno*. Entre a primeira e a segunda heresia inclue, porém, o prologo da tragedia humana, *O Navio choleric*, e o primeiro acto, *Idyllio na eira*.

Esta intercalação do começo da tragedia humana entre os capitulos da tragedia divina tem uma grande importancia para se comprehender desde já no seu conjuncto o alcance moral e a textura da epopeia. Gomes Leal fez do seu heroe um homem opulento e intelligentissimo que, agrilhado pelo x enigmatico do Absoluto, investigou profundamente todas as sciencias, estudou todos os problemas scientificos, viajou muito, visitou os logares sagrados do Oriente, soffreu duros golpes moraes e emfim preparou-se por todas as fôrmas para lutar vantajosamente contra o existente, ou, com mais precisão, a ordem natural das cousas preparou-o para o combate; não foi para um lado caprichosamente, achou-se impellido para lá por uma serie infinita de antecedentes. O Anti-Christo, como vêmos pela tragedia humana, torna-se fatalmente o chefe do movimento revolucionario. Parecerá á primeira vista absurdo que um homem dotado de riquezas fabulosas, um millionario, se dedique do coração á causa dos opprimidos, do proletariado, em vez de se bandear com os oppressores, com os reis, capitalistas e sacerdotes. Mas a concepção do poeta é inteiramente logica, racional e ver-

dadeira. Só um homem possuidor de grossos capitaes poderia dispendir largamente em viagens, em estudos scientificos, em indagações historicas como faz o Anti-Christo, conservando sempre a independencia e a superioridade de character indispensavel para se impôr a amigos e a inimigos. Do mesmo modo, o homem, por mais rico que fosse, que juntasse a somma de conhecimentos scientificos que Gomes Leal empresta ao Anti-Christo, seria indubitavelmente um revolucionario, um adversario decidido das instituições vigentes. Não são poucos, felizmente, os exemplos que o auctor poderia adduzir em sua defeza. Ora é um homem em taes condições que vae oppôr, no desenvolvimento do drama, a moral positiva á rachitica moral do christianismo. O heroe terá de luctar não só com o meio social, mas até com o atavismo, com a força physiologica da hereditariedade.

Analysemos agora a epopeia.

§. 3.º — Analyse critica da obra

A epopeia da humanidade é precedida por uma invocação á Sciencia sob o titulo de *Morte de Deus e do Diabo*, em tercetos alexandrinos, e de uma longa *Carta ao Padre Santo*, em estrophes de seis versos tambem alexandrinos, na qual pede para o seu poema a *excommunhão*. É a luva lançada á Igreja. As ideias erroneas e sinistras da doutrina catholica ácerca da materia, do espaço, do amor, do homem, da mulher, da sciencia, da morte, do passado, contrapõe as noções positivas das cousas como as define a mente humana armada dos methodos seguros da observação e da experiencia. Não, clama o poeta,

Não: o Homem não é o barro antigo humano
que amassou certo Oleiro olympico de genio:
nem é tambem o heroe do drama eterno e insano
sob os olhos dos soes, n'um tragico proscenio.
É apenas um sêr *mammifero e bimana*:
um *composto de saes, carbone, e de hydrogenio*.

Não; não é a Mulher a carne prohibida
que o Solitario fuge e o Ermita nem vêr quer:
nem o fructo do mal da arvore da Vida,
o fructo de Satan e a flôr de Lucifer.

Não: não és tenebrosa, ó Carne appetecida!

Não: não és um peccado, ó carne da Mulher! (p. 12).

E assim prosegue destruindo ideias com ideias, doutrina com doutrina, a Igreja com a Sciencia, e annunciando ao Padre Santo a

epopeia, narra as suas origens, a sua missão, o ideal a que visa :

Eis que chega o Anti-Christo — um certo Sublevado
 que alguns chamam Blasphemia, outros Insurreição :
 que uns chamam Heresia : outros treva e peccado :
Anti-Christo a Escriptura e o Apostolo João.
 Eis que chega o Insurgido, — aquelle Rebellido
 que a Madre Igreja chama a *bocca do dragão*. (p. 15).

É elle que condoído da

Victima Inconsciente, o Homem, monstro obscuro,
 engeitado de Deus, irmão gêmeo das feras, (p. 61)

traz a destruição e a morte para o « Existente ovante », o Céu, o Inferno, « bispos, santos e reis », para tudo o que tem feito da existencia da humanidade « a Tragedia do Homem. » E antes de terminar lança á Igreja esta ironia pungente :

« É este, ó Santo Padre ! o pessimista engenho,
 do qual sou um sombrio e lugubre chronista.
 D'elle fallou o Christo um dia ao seu rebanho,
 Daniel, S. João, aguias de longa vista.
 Se intentas fulminar este poema extranho :
 — Amaldiçoas Christo e o grande Evangelista. (p. 18).

Na interessante serie de *cartas* que Gomes Leal tem dirigido aos grandes do mundo, defendendo sempre ideias de justiça, distingue-se esta, quer pela maior correcção do verso, quer principalmente pela serenidade magestosa que substitue com vantagem incontestavel o odio sangrento, tão palpitante nas outras.

O espirito do poeta, no tempo decorrido desde a publicação dos seus pamphletos revolucionarios, disciplinou-se notavelmente pelo estudo da philosophia. D'ahi a aquisição de novas qualidades, que, ao mesmo tempo que desenvolveram e fecundaram o estro poetico, lhe deram a concepção do actual poema. Cremos piamente não ser esta a primitiva forma, nem o primitivo plano do *Anti-Christo*. Plano e forma soffreram profunda, senão radical, transformação com a leitura da « *Philosophia do Inconsciente* » de Hartmann. Não precisava o auctor dedicar a epopeia ao notavel philosopho allemão, para se descobrir a influencia philosophica que actuou na sua contextura. O *pessimismo* que a cada passo se revela nos versos do *Anti-Christo* é o sopro da philosophia germanica de Schopenhauer, mas modificado, aperfeiçoado, *humanisado*, se assim podemos exprimirnos, pela doutrina do *Inconsciente*.

Se pudesse ainda restar alguma duvida encontraríamos a con-

fissão espontanea do auctor no Prologo da tragedia divina, que se passa « nas regiões do Inconsciente. » O poeta, na rubrica com que abre o prologo, descreve-nos o Inconsciente « extatico, impassivel e mudo : — sem afeições, nem odios » — « na região dos soes », — « ... os olhos semi-cerrados n'uma apathia contemplativa: as pernas encruzadas como o Budha: as palpebras descidas: seguindo as viagens das espheras. Na sua face ha como que a luz extatica de um brahmane, o desdem sereno d'um deus, e uma impassibilidade inerte de idolo. É o antigo Inconsciente, a velha Força da velha Substancia, mais antigo que os Céos e que os Universos : contemporaneo das Origens. Tem visto a morte dos deuses e das estrelas, e é mais velho que todas as divindades : — Brama, Allah, o Padre Eterno. » (p. 23) Este prologo é um dos trechos mais bellos da epopeia.

Mais abaixo do Inconsciente está a Justiça, mais abaixo ainda « nas trevas inferiores, nos valles amargosos da Necessidade e do Sofrimento, vê-se passar o Sér ensanguentado, o Homem, agitando-se na sua confusa tragedia humana. » O poema começa :

A JUSTIÇA

Na sombra, cheia d'ais, expulsos, torturados,
vejo os deuses christãos! — Trazem os pés chagados,
e avançam para nós, n'um choro nunca visto!... (p. 24).

Em vão tenta despertar o Inconsciente da sua indifferença. Entretanto aproximam-se as divindades vencidas, tendo á sua frente o Padre Eterno e o Christo, e na turbamulta vêem-se as tres Marias da sagrada escriptura, os Santos, os Apostolos, as Virgens, os Martyres, os Archanjos, os Prophetas, os Demonios, etc. etc. e « por ultimo, com um latego na mão, varrendo adiante de si os Céos e os Infernos, apparece finalmente o Homem. » (p. 25) Os deuses e os demonios queixam-se; a Justiça, obedecendo ao Inconsciente, vae julgal-os; Lucifer é sempre o grande rebellado, mesmo diante da Justiça; o Diabo sempre folgazão, sempre sarcastico, como anda na tradição popular. Eis o principio do interrogatorio :

A JUSTIÇA ao Christo :

Dize : que nome é o teu ?

O HOMEM fallando em vez do Christo :

O Rei dos Impostores!...

A JUSTIÇA novamente ao Christo :

Dize : que nome é o teu ?

O CHRISTO

Jesus, o Rei das Dores !

A JUSTIÇA ao Padre Eterno :

E tu, fero Ancião, que pareces seu Pai ?

O PADRE ETERNO *trovejante* :

Sou Jehovah ! O Eterno ! Elohim ! Adonai !

A JUSTIÇA a *Lucifer* :

E tu, na sombra, o que és — alma de trevas cheia ?

LUCIFER *torvamente* :

Que te importa quem sou ? — Sou Aquelle que odeia !

O DIABO *applaudindo* :

Muito bem ! Muito bem ! Achei bello este grito
de Revolta atirado ás barbas do Infinito ! (p. 27).

A Justiça pergunta ainda a *Lucifer* :

De que te queixas tu, aguia de torvo olhar ?

LUCIFER *amargamente* :

Não me queixo a ninguem ! — Não me sei lamentar ! (p. 28).

e mais adiante ao homem :

De que te queixas tu, ó Sêr d'olhos profundos ?

O HOMEM

De ha dez mil annos ser o engeitado dos mundos !

A JUSTIÇA áparte : os olhos baixos :

Sim ! ha muito que os Céos e os deuses te consomem !

O HOMEM

Sabei que habito a Terra e que o meu nome é Homem.
— Ha muito me tortura a antiga tyrannia
do Absoluto, o Increado, o Immanente, e esta orgia
das mil superstições : mil symbolos eternos !... (p. 29).

É grandioso o quadro.

Gomes Leal, ao começar a *primeira heresia*, transporta-nos a Jerusalem, á sala de estudo do Anti-Christo, onde nol-o apresenta entregue ao estudo e á meditação. Ha aqui innegaveis reminiscencias do grande poema de Goëthe, mas, longe de fazermos d'isso um artigo de accusação contra o poeta portuguez, cremos necessaria, e indispensavel mesmo, uma tal aproximação, afim de se tornar bem saliente o caminho percorrido pela humanidade no seu desenvolvimento intellectual. A sala do palacio em Jerusalem « perto do sitio onde foi a Cidadella Antonia, e o antigo palacio de Herodes » assemelha-se tanto ao gabinete do Fausto, como se póde párecer a bibliotheca scientifica do homem moderno com o laboratorio do alchimista da Edade Media. Sómente o gabinete do Anti-Christo não é o modesto quarto de estudo da maioria dos sabios contemporaneos, mas a sala opulentissima, ao mesmo tempo bibliotheca, museu e laboratorio de sciencias experimentaes, que só póde possuir aquelle que fôr a par de um espirito investigador e de um artista, um millionario.

Como o Fausto, o Anti-Christo, no meio das suas cogitações e dos seus estudos, sente-se tentado « pela voz dos seus appetites, e um grito da sua Carne em revolta », mas, mais forte do que elle que cede ás promessas de Mephistopheles, consegue abafar essa voz, vencer-se a si proprio, e adormece preocupado com a ideia de conhecer o Mal na sua essencia e destruil-o. Então, em sonhos, a Sciencia, o enorme busto em bronze que está no fundo da sala, toma proporções gigantescas, mas mais humanas, e convida-o a acompanhal-a á Cidade do Mal. Revela-se aqui o sectario da philosophia allemã :

O ANTI-CHRISTO

Fórma transcendental ! atraz de ti irei,
preso dos olhos teus, como um vencido rei,
de cadeias aos pés...

A SCIENCIA

Péga no teu tagante.

O ANTI-CHRISTO

Aonde vamos pois?

A SCIENCIA

Não quizeste ha um instante
percorrer e assolar os Estados do Mal?

O ANTI-CHRISTO *surpreso*: — *em voz baixa*:

Tanto póde a vontade! ?...

A SCIENCIA *que lê o fundo do seu pensamento*:

É um poder vital,
maior que nenhum outro, essencia do que existe!
É a alma da Substancia: a eterna Lei que assiste
impassivel, mudando e renovando a Fórma!
É a potente Força: o Movimento: a Norma
que a seu sabor agita os soes e o mar profundo.
Quem *quizer*, com vigor, dominará o mundo!
Não te assombre porém jámais vêr a Vontade
do sabio, o justo, o heroe, na lucta da verdade
às vezes succumbir, porque em nova existencia
consequirá seu fim, se o quizer com vehemencia!
Para a Vontade, a Lei a que ninguem tolhe o passo,
não existem a Fórma, o Numero, o Espaço!...

O ANTI-CHRISTO *que aspira a completa annullação da Vontade,*
fica apprehensivo: — *em voz baixa*:

Se a tantos prostra, em vida, o Fado, a Lucta, a Sorte...
como comsigo eu pois?...

A SCIENCIA *alto*: *com voz retumbante*:

Porque tu és um Forte! (p. 53).

Não acompanharemos o Anti-Christo e a Sciencia á Cidade do Mal, onde aquelle, ora cheio de tristeza, ora de indignação e até de colera, vê « divagar todos os crimes, todos os deboches e todas as

monstruosidades occultas », por grupos e turmas distinctas, como Dante, no *Inferno*; escuta as palavras sinistras e as confissões tremendas de Myrrha, filha de Cyniras, rei de Chypre, de Rosamunda, rainha dos Lombardos, do Carrasco de Maria Stuart, encontra o repugnante cortejo de Victoria Corrupção; ouve os Prophetas judaicos e os fundadores de religiões, Thor, Zoroastro, Mahomet, Lao-Tseu, Krishna e emfim Christo, a quem trespassa com a espada; combate com os prophetas Elias e Enoch, e chega por ultimo a esta conclusão:

— Christo, que se diz Deus, é hoje o maior mal! (p. 100).

N'esta parte do poema sobresaie a aproximação da doutrina e da vida dos dois Christos, o Christo Negro da India ou Krishna, e Jesus Christo, e as accusações dirigidas a este pelo Anti-Christo. Devemos fazer, desde já, um pequeno reparo no que toca á construcção grammatical e á phraseologia empregada por Gomes Leal. O uso frequentissimo da particula *mais* na qualidade de conjuncção copulativa e a repetição demasiada de alguns adjectivos, taes como: *torturado, atormentado, inarravel*, fere desagradavelmente o ouvido. O poeta a pag. 54 descrevendo « as monstruosas *Abominações* », em numero de treze, cita a *Assolação*, como a segunda; parece-nos, por isso, incoherente pôr o auctor na bocca do Anti-Christo, a pag. 97 esta exclamação:

Chamo-me Assolação!

O Anti-Christo, que deseja destruir o Mal na sua essencia, não pôde em caso algum appellidar-se com o nome de uma das Abominações. Foi um lapso do poeta. Esta e outras inadvertencias que por acaso se descobrem no poema, facilmente as emendará n'uma segunda edição. Levár-nos-hia muito longe a analyse minuciosa da epopeia.

O prologo da tragédia humana afigura-se-nos a parte mais fraca do volume, quer por falta de observação na extranha scena passada a bordo do navio, a despedida e morte de Sylvia, mulher do Anti-Christo, quer por ser falsa a situação de espirito do protagonista

... engolfado

n'este abysmo de treva e sonhos em que nado,
n'este poço infernal de angustia e de marasmo,
de incrível distracção...

na qual lhe passa quasi despercebida a devastação feita pelo *cholera* na tripulação do navio. Muito superior consideramos o primeiro acto pela realidade dos caracteres, tanto do Anti-Christo, admiravelmente descripto no exercicio dos seus principios moraes, como do jesuita Marcello, não o typo convencional do jesuita, mas o theologo e o homem de sciencia; de Demetrio, o agente dos jesuitas; de Celeste, a encantadora *lady*, e mesmo dos personagens que figuram no segundo plano. Gomes Leal contrapõe á doutrina do Evangelho a moral positiva, collocando o Anti-Christo em situações identicas ás do Christo. Temos em opposição ás palavras do Christo: *dá tudo que te pedirem, se te tomarem a tunica larga tambem a capa, não resistas ao mal* e outras semelhantes, a reprovação da esmola, a recusa da bolsa ao mau ladrão e a não complacencia com o bom ladrão.

Diz o Anti-Christo ao falso aleijado:

Morre a um canto, portanto, immundo, vil, obscuro, mais pôdre do que um cão no esterco do monturo, mais leproso que Job sentado em seu estrume, de fome, ou de paixão, de amor, ou de ciume, mas não estendas nunca as mãos, d'ar supplicante, ao homem teu irmão, monstro, teu semelhante. (p. 135).

Ao ladrão que lhe pede: *Bolsa ou vida*, responde o Anti-Christo friamente:

Pois a bolsa não dou e a vida tambem não. (p. 136)

e ao outro ladrão que o salva da morte:

Pois bem: não te agradeço!... Nunca inquieta o forte que mais hoje, amanhã, lhe bata á porta a morte. Não te elogio, não!... Como sou franco e rude por ter colhido o bem não te adulo a virtude!

e explicando o motivo por que não agradece a vida:

Porque, seja a quem fôr: — Deus, Pae, Mãe, homicida, um homem nunca deve agradecer a Vida. (p. 137).

Na scena com o aleijado, o poeta aproveita a occasião de dar um profundo golpe nos milagres dos Evangelhos. Conhecendo o fingimento, o Anti-Christo desanca o falso aleijado, o qual arrojando as muletas deita a fugir:

Eis que sem eu ser Deus e até do Céu malquisto
já faço andar um coxo assim como fez Christo !... (p. 136).

Aproveitar as lendas dos Evangelhos, mettendo-lhes o sentido novo, como fez á do aleijado e dos dois ladrões, é, segundo crêmos, um firme proposito de Gomes Leal, e está n'isso um dos fundamentos do grande valor real da epopeia.

A longa meditação do Anti-Christo, n'uma typographia, « sob a terrível preocupação da lei scientifica, a *herança natural* » e tendo « deante de si varios livros de sciencia em que se prova irremissivelmente a *transmissibilidade do crime* » pôde ser considerada um dos pontos capitaes da epopeia, tanto pelo fundo moral, como pelo relevo da execução. A scena intitulada *Uma paisagem d'aldeia*, onde o poeta nos apresenta Celeste, ensinando o cathecismo ás criancinhas, tem uma suavidade que nos deleita e que contrasta admiravelmente com a seriedade philosophica do trecho antecedente e com os quadros severos e tristes que se seguem. N'esta e n'outras intercalações foi o auctor felicissimo por destruir a monotonia de uma epopeia scientifica e philosophica tão extensa como esta.

A *segunda heresia* ou segundo canto da tragedia divina intitula-se, como dissemos, *A Morte da Igreja*. A Sciencia conduz em sonho o Anti-Christo ao interior de uma grande basilica, onde o faz assistir á orgia do catholicismo. A Igreja, talvez a Prostituta do *Apocalypse*, tem á sua direita o Diabo vestido de Cardeal e ao redor as Abominações, os Imperadores, os Reis, os Inquisidores, os Bispos e todos os grandes vultos do catholicismo. Os convivas, sentados ao redor da mesa, acham-se em completo estado de embriaguez. Cesar Borgia, Isabel de Baviera, Alexandre VI, Simão, o mago, a Vanozza, e outros applaudem o Diabo que empunha uma taça de ouro e enchem a cathedral com o echo dos seus Hurrah, Hurrah! Santo Athanasio exalta a Theologia; S. Domingos de Gusmão blasphema como um possesso; a Castellã de Lancimena atacada da lycanthropia da Edade media uiva como os lobos; os Papas clamam em côro e cada qual recorda os seus feitos; o Cardeal Farini faz a apologia da Mesa, da Gastronomia; o Jesuita Escobar relembra as glorias da Companhia, a permissão dos roubos e do homicidio; outro a do regicidio; um terceiro, Gaspar Hurtado accrescenta: « O filho tambem pôde assassinar seu Pae! » A orgia catholica vae sempre crescendo. Conrado, confessor da rainha Isabel da Hungria, Alexandre VI, S. Domingos, Torquemada, S. Pedro d'Arbués, a propria Igreja relatam as suas façanhas, os seus crimes. No meio de tudo, o Diabo traz a nota comica, cantando estas quadras profundamente ironicas:

Quando ao velho avò Macaco
Deus fez rei da Creação
deu á femea o *amor* — um fraco!
e deu ao macho a Rasão.

Mas Satan, ferreiro velho,
forjou na forja do Nada,
— para a Macaca um Espelho,
— para o Macaco uma Espada! (p. 232).

la findar a orgia. Um abalo subterraneo apaga as luzes da Igreja. As notas tremendas do *Dies iræ*, lalçadas ao vento pelo órgão da basilica, supplantando a vozzeria da embriaguez, transformam a alegria sangrenta dos convivas n'um furor de colericos endemoninhados, n'um côro de maldições blasphemias, n'uma ladainha de impiedade e de irreverencia. A entrada violenta do Anti-Christo no templo lança a confusão entre os convivas. A Igreja toma-o pelo Christo e humildemente pede perdão das suas culpas.

— Deixa beijar-te os pés,
Christo, horrivel Juiz, colerico, irritado!
É certo que eu vendi meu corpo maculado
como uma meretriz aos beijos estrangeiros!... (p. 242).

Em vão protesta que não é o Christo; se não é o Christo, é S. Miguel, Elizeu, Daniel, S. João, Isaias... Só o Diabo o reconhece:

Fugi! É o Anti-Christo!

A Igreja atada á cauda de um cavallo é conduzida ao supplicio. A Plebe, os Reis, as Mulheres, choram, imploram clemencia ou vomitam imprecações; os Sabios « com as costas voltadas: — por vilipendio e abominação » entõem um côro de maldições. A Cidade é arrasada; no meio das ruinas o Anti-Christo julga tudo terminado, porém a Sciencia diz-lhe: « Mas não repousa ainda a Consciencia Humana. » (p. 257). Falta-lhe julgar Deus. É realmente bello todo este quadro da morte da Igreja. Notamos no entanto que no começo d'este canto, ha um trecho deslocado segundo crêmos. Desejando o Anti-Christo sondar o passado e passar em revista as existencias anteriores, a Sciencia o faz assistir no Egypto, na cidade de Osiris, á construcção das pyramides, onde elle se reconhece n'um dos obreiros escravos. É um dos elos da grande cadeia dos graus da civilisação humana; ha muitos antes d'este e muitos são tambem os que se seguem; não comprehendemos,

por isso, o que levou o poeta a metter na segunda heresia este elo destacado.

Na *terceira heresia* ou *Morte do Padre Eterno*, o Anti-Christo e a Sciencia galopando por uma charneca em dois cavallos, sahem-lhe ao encontro tres horriveis e velhas virgens: a Fome, a Peste e a Guerra, que offerecem ao primeiro ouro, incenso e myrrha « como os Reis Magos ao Christo. » O poeta continúa a inspirar-se nas lendas dos Evangelhos. O Anti-Christo derranca com o seu tagante « as tres Anciãs, filhas do Padre Eterno » e em seguida, guiado pela Sciencia vae encontrar o proprio Padre Eterno *n'uma floresta cheia de neve*. Os deuses christãos foram exilados, como os antigos deuses da Grecia, e erram na floresta tiritando de frio e « invectivando o Destino e os homens. » Refugiam-se n'uma velha igreja de Eisenach, d'onde os vae desalojar desapiedadamente Lutherô, o qual no emtanto tenta segurar o Christo :

Fica sómente tu, ó Christo dos Ermitas!
que foste sempre sóbrio, austero e puritano...

Porém pausadamente,

O CHRISTO hirto, como um idolo de marmore :

Nada ha entre nós! Ou Clemente ou Tyranno,
Divino ou charlatão, não te quero a piedade!...

E solemnemente mostrando a neve :

— Volto aos meus: — para a neve, o exilio, a tempestade!...
(p. 372).

O illustre poeta synthetisa n'essa scena a revolução protestante e em seguida, *n'uma barraca de saltimbancos n'uma feira*, a revolução anti-religiosa do seculo XVIII. Voltaire encarna o espirito negativista que destroe as Religiões pelo ridiculo. Mas surge Chateaubriand e com elle a reacção contra os voltaireanos. Então a Sciencia, sob a fórma gigantesca de um Mocho, levanta-se a combater face a face o Padre Eterno. A scena que se segue é uma das mais esplendidas da epopeia. O duello entre o Môcho e o Padre Eterno dá-se na vastidão illimitada dos espaços, ou nos Céos *Catholicos*. O Padre Eterno, chamando os quatro Archanjos da Destruição, de que falla o *Apocalypse*, manda exterminar o mundo. Mas o Mocho presagia a morte dos Deuses Christãos, e discute com a Aguia de S. João e contrapõe á doutrina do Espirito Santo, ao Verbo, a theoria scientifica da formação dos mundos. O Mocho vae

successivamente narrando como a Terra se formou de um anel gaseoso expulso do Sol, como foi feita a Lua, como surgiram os Mares e se ergueram as Montanhas; e a Águia de S. João, o Leão de S. Marcos, os Santos ficam assombrados, entusiasmados; só o Padre Eterno ainda protesta :

Atheu! tudo isso é contra ao que ha Moysés escripto.

O Mocho prosegue na génese do mundo, contando como o Ser nasceu no fundo das aguas, desde os zoophytos, as algas, os fucos e os coraes até ás fórmias superiores,

Sim! No mar d'onde veem o Ser, o Typo, as Normas,
muito tempo errarão sem harmonia as Fórmias!...
Muito tempo unir-se-hão em confusão insana
O Coração á Garra: e a Aza á Barbatana!...
Muito tempo andarão os vegetaes errantes,
— formando conceições absurdas e gigantes!... (p. 304).

E continúa até ao esboço da *face humana*, até ao apparecimento de

... um *anthropoide* enorme
velloso, sensual, caudado, desconforme,
ultimo elo feroz da triste Besta, — que ha de
roubar o fogo aos Céos, fundar a Humanidade, (p. 305)

e segue descrevendo as edades primordiales do homem e, em poucos versos, os graus superiores da civilisação. Nos ultimos periodos d'este bello discurso em versos alexandrinos, ha, comtudo, a notar uma repetição de ideias inteiramente escusada. Diz assim o Mocho :

Jehovah! eu vi soffrer a Humanidade inteira,
Harvey decapitado e Bruno na fogueira. (p. 307)

e logo na pagina immediata :

Jehovah! eu vi morrer *Bruno* contemplativo:
Hypathia, Harvey,...

Alguns versos adiante :

Servet morreu no fogo (p. 308).

e duas paginas em seguida :

vi queimarem Servet (p. 310).

O poeta facilmente poderia ter evitado estas repetições, além de inúteis, bastante prejudiciaes para a belleza do conjuncto.

É esplendida a scena de revolta que Gomes Leal descreve como consequencia da oração do Mocho. Começa pela Aguia de S. João.

O PADRE ETERNO *explosindo* :

Aguia de S. João! maior do que as montanhas,
tira os olhos ao Mocho e arranca-lhe as entranhas!...

A AGUIA DE S. JOÃO

Nunca! Fujo ao teu Céu e á servidão submissa,
Mettes-me horror, Jehovah! — Vôo ao sol da Justiça!... (p. 311).

O Leão de S. Marcos segue-lhe o exemplo. O Boi de S. Lucas não lhe fica atrás :

— Homem! aqui me tens. Corro a lavrar teus prados! (p. 313).

O Homem, o *Anti-Christo* vem então julgar o Padre Eterno. São testemunhas de accusação: Prometheu com as entranhas ensanguentadas, Kaim, o velho fraticida, Isaias, o propheta serrado ao meio, Jordano Bruno, reduzido a cinzas pelo Santo Officio, o monge Masius esquarterado. O Padre Eterno volta-se então para as aguas do mar, para as flôres, para o vento, para o raio, para o sol, para as aguas e cada qual por seu turno lhe responde: *Eu não sei quem tu és! Não sei quem és, Ancião! Não sei quem é Jehovah!* O pobre velho, emfim, deixando cahir os braços exclama:

Ninguém, ninguém fiel! Todos me hão renegado!

OS SANTOS *assombrados* :

Ninguém sabe o seu nome em toda a Creação!...

OS PROPHETAS *olhando-se aterrados* :

Quem é Deus?... Quem é Deus?... Quem é pois Deus então?...

O Padre Eterno ainda appella para os Archanjos do Exterminio; mas os quatro archanjos, depois de tocarem repetidas vezes as trombetas clamam :

Temos tocado em vão as tubas retumbantes,
— E a terra e os soes, Jehovah! caminham como d'antes.

e já extenuados :

Tudo inutil, Jehovah! Os soes giram ainda. (p. 324).

É grandioso este desmoronar tremendo das crenças catholicas perante o curso regular dos astros e dos planetas. O Mocho arranca os olhos ao Padre Eterno, e o Anti-Christo condemna-o a ser crucificado com os seus Patriarchas e Varões das Biblias no meio das estrellas. As lendas dos Evangelhos continuam a servir de guia ao poeta :

O PADRE ETERNO *crucificado, dando um suspiro* :

Abandonas-me, ó Christo, inerme, solitario ?

O ANTI-CHRISTO

Recorda-te, Jehovah! da noite do Calvario.

O PADRE ETERNO

Christo! sinto o suor das ancias derradeiras.

O ANTI-CHRISTO

Recorda-te, Jehovah! do horto das Oliveiras.

O PADRE ETERNO

Abandonas-me, ó Christo! exposto ás mãos de ingratos.

O ANTI-CHRISTO

Recorda-te, Jehovah! do pretorio e Pilatos. (p. 329).

É grande o alarido que vae nos céos catholicos. A Virgem Maria reclama o corpo do Padre Eterno para lhe dar sepultura. O

Anti-Christo nega-lhe a sepultura, mas instado pelas mulheres da Judêa, cede emfim ás supplicas da Virgem-Mãe

se acaso não houver na Natureza larga
quem contra ti levante um grito e a voz amarga! (p. 337).

Levanta-se então contra Maria uma Sombra, que é a encarnação das virgens arrancadas ao lar domestico e enterradas no gelo dos conventos, as victimas do claustro. É extraordinariamente bello este grito lancinante contra a Monstruosa Virgindade! A revolta dos Martyres, das Monjas, dos Santos, principalmente de Santo Origenes « mais excitado que os outros », contra o observantismo religioso, contra o Celibato, representa a natureza humana reclamando os seus direitos atrophiados e vilmente opprimidos! Todos abandonam Jesus Christo; só Magdalena fica a seus pés. Jesus Christo dirige-se ao Mocho:

Quem és tu afinal? Se és essa ave nocturna
que procura a penumbra obscura e taciturna
das ruínas da morte e o agreste cemiterio,
qual o *cadaver*, dize, ó ave do mysterio,
que andas a farejar ha tantos centos d'annos?...
No meio das paixões, raças, cultos, tyrannos,
que *morto* buscas tu, ave atroz, na existencia?

Então, dilatando desmesuradamente as azas que escurecem todo o céo christão, e derrubam a Cruz:

O MOCHO *com voz lancinante*:

O cadaver de Deus, que o meu nome é Sciencia! (p. 350).

Com estes versos fecha o primeiro volume do *Anti-Christo*, volume que por si só já constitue o maior titulo de gloria do eminente poeta.

Felicitemos o auctor e guardamos a esperanza que as outras partes da epopeia correspondam á primeira, tanto na belleza poetica, como pela grandeza philosophica da concepção.

TEIXEIRA BASTOS.

BIBLIOGRAPHIA

La Légende tragique de Jordano Bruno. Comment elle a été formée.

— *Son origine suspecte. — Son invraisemblance.* Par THEOPHILE DESDOUITS, professeur de Philosophie au lycée de Versailles, Docteur ès-lettres. — Paris, Ernest Thoin, éditeur. 1885 — fl. de 24 — 3 pag.

O *Correio da Noite* n.º 1598, accusando a recepção dos n.ºs 5 e 6 d'esta REVISTA, dignou-se fazer « uns ligeiros reparos » ao nosso artigo ácerca de Giordano Bruno por causa d'uma questão de facto. Pergunta elle: O « articulista está bem certo que Giordano Bruno morresse queimado? Ou não será este supplicio uma das muitas lendas de que a critica tem limpado a historia? » Para o illustre redactor d'aquelle periodico, cuja crença a este respeito ficou abalada pela leitura do folheto de que vamos fallar, « a morte pelo fogo, d'aquelle martyr da sciencia, pertence ao numero dos factos controversos da historia. » Estranhando que se levantassem duvidas sobre a morte de Bruno na fogueira, facto aceite sem a menor reserva pelos membros das commissões universitaria e internacional honoraria para a erecção do monumento em Roma, assim como por innumerous escriptores contemporaneos, pedimos á esclarecida redacção do *Correio da Noite* para dar publicidade aos fundamentos da negação prestando um serviço ao publico em geral, que, como nós, cré no martyrio do philosopho de Nola. O illustre redactor allegando a « difficuldade de tratar desenvolvidamente, na imprensa periodica, questões d'esta ordem », teve a amabilidade de appellar para nós, enviando-nos o folheto do snr. Theophile Desdouts. Vamos, pois, responder devidamente a tão attencioso appello, consignando ao mesmo tempo aqui a expressão do nosso agradecimento.

O trabalho do snr. Theophile Desdouts, apesar de trazer a data do corrente anno, está atrazado uns bons trinta e tantos annos; não só desconhe-

ee todos os recentes estudos e investigações sobre a vida e obras do philosopho, feitos na Italia e na Allemanha, como só se occupa de livros e artigos sobre Bruno firmados por Brucker, Bartholmess, Cousin e outros, dos quaes o mais moderno é um artigo de Saisset, publicado na *Revue des Deux Mondes*, em junho de 1847. A critica de Theophile Desdouits, habilmente escripta, parte da supposição de não existir outro documento que authenticque a morte de Bruno na fogueira senão uma carta attribuida a Schopp e dirigida a Conrad Rittershausen, mas encontrada n'um livro rarissimo, publicado sob um pseudonymo e com falsa indicação do logar e da data em que foi editado. A « origem mysteriosa d'este documento » leva o critico a duvidar da sua authenticidade; os seus argumentos, embora não sejam inteiramente convincentes e se prestem a uma contestação da mesma natureza, são comtudo bastante valiosos para o homem de sciencia dever conservar uma certa reserva, uma duvida scientifica, sobre a morte do philosopho na fogueira, se porventura não existissem outras provas mais positivas do que a carta de Schopp.

Felizmente existem hoje outros testemunhos do facto, e mesmo se o illustre redactor do *Correio da Noite* tivesse prestado mais alguma attenção á parte do nosso artigo que se refere á morte de Giordano Bruno veria que a critica do snr. Theophile Desdouits era improcedente, porquanto allí nos referimos ao *Aviso de Roma*, de 19 de fevereiro de 1600, onde vem relatado o supplicio de Bruno d'esta fórma :

« Giovedì mattina in Campo de' Fiore fu abbruggiato vivo quello scellerato frate domenichino da Nola, di che si scrisse con le passate : heretico obstinatissimo et avendo di suo capriccio formati diversi dogmi contro nostra fede et in particolare contro la SS.^{ma} Vergine et i Santi, volse obstinatamente morire in quelli lo scellerato ; et diceva che moriva martire et volentieri, et che se ne sarebbe la sua anima ascesa con quel fumo in paradiso ; ma ora egli se ne avede se diceva la verità. »

Depois dos ultimos trabalhos sobre a vida de Giordano Bruno, principalmente do *Saggio biografico critico* de Raffaele Mariano, (Roma 1881) não pôde haver a mínima duvida sobre a morte do grande philosopho italiano, queimado vivo pela Inquisição em 17 de fevereiro de 1600 ; surprehende-nos, por isso, que em França, um professor de philosophia do Lyceu de Versailles ouse vir a publico, em 1885, tratar d'um assumpto com os conhecimentos que havia em 1847, como se os trabalhos de erudição e de investigação historicas não tivessem dado um passo de então para cá. O folheto do snr. Theophile Desdouits é, pois, um triste documento para avaliar o estado do professorado de instrucção secundaria em França.

T. BASTOS.

Géographie médicale, par le Dr. A. BORDIER

Este bello volume, que fórma o tomo x da conhecida *Bibliotheca de scientias contemporaneas*, mereceu-nos já algumas palavras de justo louvor, como o complemento indispensavel do livro *Colonisation scientifique*, do mesmo auctor, apresentada aos leitores d'esta Revista no 1.º numero do corrente anno. Como porém o não consideramos só como obra subsidiaria, antes pensamos que por si fórma um todo completo, vamos dizer d'elle alguma cousa, visto que é volume curioso tanto para o medico, como para o geographo e até para o philosopho.

Entre as variadas applicações da geographia, considerada apenas como sciencia de distribuição, geographia botanica, geographia zoologica, agricola, etc., uma das mais interessantes é sem duvida a geographia medica, não só porque directamente serve ao homem, como tambem, porque é de algum modo a synthese de todas as outras geographias applicadas.

A distribuição das doenças á superficie do globo depende, como todos sabem, do clima, da altitude, das condições do sólo, da natureza da alimentação, da vida social, do regimen emfim physico ou moral do homem. Á medida que a biologia foi progredindo e as descobertas geographicas augmentando, trazendo para o circuito da sciencia informações de povos desconhecidos, tanto nos seus caracteres ethnicos como nos pathologicos, a esphera de acção da medicina foi-se alargando tanto quanto crescia a da geographia, verificando-se que todas as raças soffriam do mesmo modo, é certo, mas com differenças secundarias que provinham não só da diversidade do seu *meio interior*, como tambem da sua maior ou menor receptividade para um certo numero de molestias ou até para um certo numero de sensações.

Esta differença *ab imo*, que se manifesta sobretudo na completa *negação* de certas raças para dadas doenças, e que se assignala tanto na predisposição para certos males como nas immunidades para outros, predisposições e immunidades que são constantes nas mesmas raças e intransmissiveis ás outras; esta differença é mais uma prova a favor da theoria polygenista, visto que a pathologia comparada veio assim confirmar todas as conclusões da anatomia comparada.

Esta observação veio modificar senão acabar com a antiga unidade de tratamento, que submettia brancos e pretos, mongolicos e papuas, ao mesmo regimen, curando uns e matando os outros. Factos posteriores sancionaram a mudança de therapeutica, porque se viu que, sob o mesmo clima, raças differentes não soffrem do mesmo modo, e em climas differentes a mesma raça obedece diversamente ás causas morbidas. Estudou-se melhor o *meio interior*, não só do branco como das outras raças, e percebeu-se então, como *sob iguaes forças morbidas* soffrem differentemente os diversos

typos ethnicos, e como teem, uns, certas immundidades, outros, certo monopolio de determinadas doenças.

Por outro lado, o estudo do *meio exterior* revelando a natureza, importancia e modo de acção das causas morbidas, completou-se com o conhecimento d'aquella differença de acção, introduzindo assim na climatologia mais um factor — o elemento ethnico — com que até então se não contava.

Não é porém só ao histologista, ao physiologista, ao medico, ao biologista, que a geographia medica interessa: ao sociologista fornece dados valiosos, porque lhe mostra pela pathologia comparada a origem de certas formações physicas e de muitas praticas que se nos afiguram absurdas e inuteis, á primeira vista; e porque lhe prova, quão necessario se torna mudar a fórma e muitas vezes o fundo das insituições e dos costumes, de accordo com a mudança dos climas e character das raças sob que se vae ou se pretende actuar.

Sob este ponto de vista o livro do dr. Bordier é interessantissimo. Não se limita, como as antigas, embora raras geographias medicas, a expôr a acção de cada doença, e a área em que domina; mostra as variações d'esta área conforme o tempo e a raça, e aponta as differenças de acção do mal, conforme os caracteres ethnicos ou o estado social de cada povo, fazendo como que uma anthropologia pathologica.

Divide-se a obra em tres livros. No primeiro, que é tambem um pequeno e lucido compendio de mesologia, servindo de introduccão á parte verdadeiramente original da obra, estuda o auctor a acção do meio exterior sobre o homem, exemplificando sempre, e dando para cada molestia não só a geographia, isto é, a sua área e distribuição geographica, como tambem a historia, quer dizer, o nascimento e evolução do mal no espaço e no tempo; rematando no cap. iv e último com um estudo curioso sobre a influencia da civilisação sobre as molestias.

Depois de examinada e demonstrada a acção do meio social sobre a natureza e distribuição das doenças, conforme os logares e as raças, entra-se no livro II, onde nos é apresentado o meio interior, primeiro em traços largos e depois segundo as raças, completando-se estas observações de pathologia comparada, com um curioso estudo sobre as immundidades e aptidões morbidas.

No livro III o author põe em conflicto os elementos em presença, e examina as transformações do individuo pelo meio. O atavismo, as monstruosidades, reversões, vícios hereditarios, degenerescencia e selecção, tudo é apresentado de modo a captivar o mais indifferente, e prender até os que não têm, como o auctor d'estas linhas, conhecimentos medicos.

Alguns mappas acompanham o texto, completando-o e elucidando-o, porque deixam vér n'um golpe de vista a área das diversas molestias, e a sua distribuição geographica. N'elles podem vér os politicos, os colonos, os medicos, os geographos, quaes são os logares immunes, e quaes são as regiões de clima propicio a empregos commerciaes; assim como pelo texto

aprenderão quaes são, como se adquirem e conservam immuni-
dades contra certas doenças, e disposições para outras.

CARLOS DE MELLO.

**Prophylaxie et géographie médicale des principales maladies
tributaires de l'hygiène, par LÉON POINCARÉ**

Este livro, que não vamos examinar como profissionaes, porque o não somos, mas que vamos apresentar ao leitor curioso como obra util, porque tambem serve aos que não forem medicos, continúa a série de bellos trabalhos de geographia medica, encetados por Boudin com um certo caracter scientifico, e proseguidos por Lombard e Hirsch como fundadores e Bordier como innovador. Este ultimo tomou, ha pouco o dissemos, o ponto de vista anthropologico; Hirsch e Lombard tinham antes tomado, e não podia deixar de ser, o ponto de vista climatologico.

Uns e outros porém seguiram, embora por via differente, o methodo descriptivo, apontando os symptomas das molestias, a sua área e distribuição geographica, segundo os logares e as raças, mas pondo de parte as recommendações de hygiene e prophylaxia — isto é, indicaram apenas o mal, sem nota dos meios a seguir para o evitar, prevenir ou attenuar. O illustre professor de hygiene Léon Poincaré veio preencher esta lacuna, pondo a hygiene e a prophylaxia ao serviço da geographia medica, tornando assim viaveis e praticas as preciosas indicações fornecidas por esta sciencia.

As medidas preventivas ou prophylacticas são classificadas em tres grupos — medidas que incumbem á iniciativa privada e devem ser aconselhadas e dirigidas pelo medico da familia; medidas que pertencem ás municipalidades, e as que são dever do estado. Umas e outras, são indicadas rapidamente nas considerações geraes da primeira parte do livro; tendo algum desenvolvimento o paragrapho das obrigações do estado, que desejaríamos sobretudo meditado pelos nossos governantes, que não estranham receber dos consulados noticias da marcha do cholera dias depois de já se saber na capital!...

Em seguida, o author apresenta a prophylaxia e hygiene das doenças de origem miasmatica, das de origem alimentar ou de regimen, e por fim das de origem meteorica, que tantos são os grupos onde se filiam as diversas doenças tributarias da hygiene.

Cada molestia é precedida da respectiva geographia medica e d'um pequeno planispherio que mostra, não só a distribuição e área do mal, como tambem a sua intensidade nos differentes pontos do globo. Depois segue-se-

lhe a prophylaxia, com attento exame das condições tanto physicas como psychicas do paciente.

Para muitos, senão para todos, deve ser este livro de precioso auxilio, porque traz muitas indicações faceis de seguir por todo aquelle que fôr um bocadinho cioso da completa integridade do seu organismo. Para o hygienista sobretudo, é que elle deve ser de indispensavel companhia.

Uma curiosa lição se colhe d'elle — e é que, se por um lado a facilidade e rapidez das actuaes communicações terrestres e maritimas, tem generalisado um certo numero de doenças, alargando-lhes a área sem lhes diminuir a intensidade; por outro lado essa mesma rapidez e facilidade devem ser o unico meio a aproveitar para se poder cantonar a doença no seu fóco e combatel-a senão destruil-a *in loco*. Eis por onde a geographia serve a medicina e a politica prophylactica.

Infelizmente porém a geographia anda mais depressa do que a medicina; e a politica vae... muito longe, mas atraz, muito atraz, e por nosso mal desprezando as suas auxiliares...

CARLOS DE MELLO.

Guide hygiénique et médicale du voyageur dans l'Afrique centrale, par les Drs. NICOLAS ET LACAZE et par M. SIGNOL

Este livro, ha dias publicado, completa pela sua fórmula pratica, com relação á Africa, já se vê, os dois que temos vindo recommendando. Substitue-os até, com certa vantagem, porque é de facil manuseação e rapida consulta, dando ao viajante, ao explorador, ao negociante, ou ao simples curioso, todas as indicações necessarias para uma boa hygiene em qualquer região da Africa central.

Vai n'isto o seu principal merecimento — ter feito, e com seguro methodo, a synthese de muitas informações geographicas e hygienicas, fornecidas pelos exploradores ou viajantes da Africa central, e pelos medicos navaes das estações das diversas marinhas de guerra, que as cotejaram, se não percorreram as regiões a estudar. As authoridades citadas são 345, entre as quaes figuram os nossos benemeritos Capello, Ivens e Serpa Pinto, ao lado dos Stanley, Levingstone, Cameron, Speke, Burton, Schweinfurth, Holub e outros illustres.

Em tres partes se divide esta *guia*: hygiene e prophylaxia, tratada pelo dr. A. Nicolas; pathologia e therapeutica por este doutor e pelo seu collega Lacaze; e hygiene veterinaria pelo veterinario snr. Signol.

Em qualquer d'estas divisões, o methodo é sempre o mesmo: como um verdadeiro *guia* o medico dá a mão ao leitor, despede-se com elle dos encantos do lar, enfia-lhe o braço, e leva-o em tranquilla viagem do Nilo ao Mar Vermelho, d'ahi atravéz de todo o Sahará ás costas do Atlantico, segue pelas regiões da costa occidental d'Africa até golfo de Guiné; passa por Loanda, Angola e Benguella ás regiões temperadas da Africa austral e depois ao Cabo e ao Transwaal. Depois sobe o Limpopo, corta o paralelo dos 20° para entrar no Valle do Zambeze; examina o Nyassa e a costa visinha de Moçambique; e termina a viagem agradável e instructiva, atravessando de novo o *negro continente* pela região dos lagos, subindo o rio Zaire, para nos deixar em Banana, onde podemos embarcar no paquete, chegando a casa contentes e illustrados — contentes, pela viagem alegre e sem incidentes temerosos de caçadas de leões e combates com os anthropophagos; e illustrados, com o conhecimento da geographia physica e medica da Africa central, por... quatorze tostões.

Esta é a impressão geral. Esmiuçando porém, vemos que o livro, além de agradável é completo. Na primeira parte faz-se o estudo climaterico da Africa, e apresentam-se e explicam-se as condições da sua insalubridade. Zonas thermicas, intemperies, distribuição das chuvas, humidade do solo, miasma tellurico, condições de aclimamento e acclimação, influencia da industria, o equipamento, o leito, o acampamento, os vestidos, acção dos alimentos, do trabalho, do somno, do repouso e hygiene sensorial, tudo é tratado com proficiencia e concisão, havendo para cada localidade os preceitos a seguir.

Na 2.ª parte cuida-se das doenças — febres, dyspepsias, hepatites, ulceras, mordeduras, picadas, venenos de animaes ou de frechas, hemorragias, fracturas, luxações, queimaduras, insolações, ophthalmias, scorbuto, variola, somnolencia, béríbéri, tudo tem menção especial, com esclarecimentos, para cada mal, dos seus symptomas, natureza e tratamento. O capitulo iv, que trata dos accidentes em marcha, é sobretudo curioso.

O explorador, o viajante, o homem de commercio, não caminham porém sós — quer viagem a pé, quer vão de machilla ou montados, trazem quasi sempre como companheiros fieis animaes de carga ou de cavallaria. Para estes de nada serviriam as indicações dadas até aqui: por isso lhe juntaram os auctores do livro uma 3.ª parte, onde se cuida da hygiene veterinaria, com a respectiva pathologia e therapeutica, dando nota das contusões, feridas e doenças dos pobres animaes, e o que melhor é, curando-as.

Como se esta somma de informações, dadas despretenciosamente e ao alcance de todos, não bastasse — e n'isto se vê o cuidado que houve na redacção da obra — juntaram-lhe os seus auctores a lista dos medicamentos os mais indispensaveis, e dos utensilios necessarios para a completa realisação dos preceitos recommendados, fechando o livro com um indice alphabetico das materias e das localidades.

Lembrar como necessario um volume tão interessante e tão pratico,

parece-nos superfluidade em que não cahiremos, agora sobretudo que tanto se pensa e lida em coisas africanas, discussões, viagens, explorações, colonias, empresas, jornaes, etc., tendo-se até creado uma palavra nova para representar os que se entregam a esta ordem de estudos — africanistas...

Diremos comtudo que a espantosa mortalidade dos colonos, viajantes, exploradores em Africa, provém muitas vezes, menos da insalubridade do clima do que do completo desprezo ou falta de conhecimento das prescripções hygienicas. Sem fallar n'esses milhares de trabalhadores obscuros que alli tem morrido, sem deixarem sequer memoria do proprio nome, e tratando só d'esses a quem a fama aureolou, diremos que, *d'entre os exploradores*, só DESDE O ALVÔR DO SEculo ACTUAL, *tem morrido mais de duzentos e quarenta*, desde o apaixonado Bruce até ao sabio e incansavel Nachtigal! Quantas vezes lhes não terá a ignorancia precipitado a morte? Quantas vezes lhes não terá a falta de um remedio apressado o fim? Quantas vezes lhes não terão peorado as doenças, pelo desprezo do tratamento, fundado na confiança do proprio vigor ou da propria mocidade?! Quantas?

Contra estas singulares aberrações, e contra esta ordem de abusos, protesta eloquentemente, e sem parecer fazel-o, o livro que apresentamos. Mais e melhor do que os livros que o precederam, elle deve ser o *vade-mecum* inseparavel de todos os que tiverem de viver ou viajar em Africa.

Não basta conhecer e seguir os *guias* para observações scientificas de Jackson, Herschell, Main, Beechey, Sabine, Owen, Neumayer, Issel, Ducom, Galton, Kaltbrunner e outros; é preciso tambem conhecer e seguir as indicações d'este precioso livro, porque sem a saude não se fazem boas observações — a mão treme, a vista vacilla, o corpo não é firme, a vontade é fraca...

E ai do explorador que assim estiver!...

CARLOS DE MELLO.

Ensaio sobre a moderna concepção do Direito, por ALBERTO SALLES. Sam Paulo. Typographia da Provincia, MDCCCLXXXV. 1 vol. in-8.º pequeno de v-267 pag.

De todos os ramos da Sciencia social é o Direito o que se acha mais atrazado, não só pela estabilidade tradicional dos seus principios, como pelo particularismo concreto das suas modificações transitorias impostas pela intervenção sem plano de governos, que á falta de doutrina cobrem a incoherencia da sua actividade com a revogação de todas as leis em contrario. A estabilidade tradicional verifica-se na coexistencia de fórmias de direito de uma época de occupação e subordinação militar com as fórmias da

egualdade perante a lei estabelecida pelo suffragio ; assim no direito civil temos a propriedade emphyteutica, com o laudemio e prestação de fôro a um senhor primitivo contradictando a livre transmissão e occupação da propriedade allodial. No direito das pessoas, temos fórmulas tradicionaes odiosas de um familismo primitivo, como a primogenitura, o principio dynastico, o abuso das terças, e privilegios de classe, como o reconhecimento do fôro commercial, do fôro militar, e certas fórmulas de direito ecclesiastico admittidas pelo beneplacito regio. O antigo direito local ou foraleiro ainda subsiste em muitas provincias de Hespanha a par da legislação unitaria do codigo civil. Emfim toda a legislação politica, civil, administrativa e penal da Europa resente-se dos elementos persistentes de um longo passado historico, como crustas sobrepostas pelos accidentes que levaram os povos uns contra os outros. Ha restos do direito romano imperial confundidos com restos de direito germanico barbaro ou senhorial, com vestigios theocraticos do direito canonico, entremeados com fragmentos de autonomia provincial, e tudo isto ligado absurdamente pela acção centralista do Estado. No meio d'este cahos, a sciencia do Direito confundiu-se com o conhecimento material da Legislação, e o juriconsulto desprezou completamente os principios theoreticos ou doutrinarios, para apoiar-se no artigo que melhor exprima a vontade ou o arbitrio do legislador. Advogados e doutores tornaram-se uns obcecados empiristas, incapazes de fazer progredir a sciencia que exploram. A necessidade de levar a ordem ou o espirito scientifico a este cahos surgiu entre os philosophos, como entre os Stoicos em Roma, e entre os eruditos da Renascença e os livres-pensadores que precederam a Revolução franceza. Procurou-se primeiramente a concepção abstracta ou geral do Direito, deduzida das legislações especiaes ; porém o criterio historico, que levaria á comprehensão do caracter relativo d'este facto social, não foi logo achado, dispendendo-se o esforço especulativo em divagações sobre a natureza humana e em principios absolutos gravados na consciencia. Platão fazia desaparecer o individuo diante da Communidade social ; os Stoicos consideravam a egualdade moral como principio que devia corrigir o particularismo do direito ; os Padres da Igreja aceitavam a egualdade perante Deus, ou o absolutismo do estado theocratico, e S. Thomaz, Dante, Macchiavelli, Bossuet e Bodin sustentavam a egualdade perante a lei positiva ou o Absolutismo do Poder. Chegadas as doutrinas theoreticas a este exagero pelos juriconsultos regalistas, nasceu uma doutrina de reacção, em que o individualismo se impunha contra o absolutismo da Auctoridade, pelas theorias da Rebelião, sustentadas por Buccanam, Milton, Humbert, Languet e Marianna. N'estes dois campos extremos apparece um esforço de conciliação entre a Auctoridade e a Liberdade primeiramente pela ideia de um Pacto social inicial, e pela logica da doutrina a hypothese de uma Delegação do Poder ; é assim que sob as bandeiras de Hobbes figuram como caudilhos d'esta transacção Spinosa, Rousseau e Kant. N'esta dispersão doutrinaria proveniente da falta do criterio objectivo

da historia apparecem os juriconsultos Romanistas da Renascença, que de Cujacio a Savigny definem a chamada *Eschola historica do Direito*, e os philosophos da Eschola escossea, que pelo impulso de Locke inspiram os Litteratos do seculo xviii, derivando o Direito de uma Obrigação correlativa. Sob estes principios já tão proximos da verdade dos factos, vemos Cujacio ser continuado por Vico, Domat, Montesquieu, Filanghieri e Savigny, e ao mesmo tempo Locke ter por seus continuadores Fergusson, Gibbon e Voltaire. Por isso que o Direito não é o unico elemento da ordem social, sem primeiramente se reduzir este complicado phenomeno a condições scientificas, era impossivel chegar a uma solução definitiva.

Augusto Comte tendo organizado a hierarchia theorica dos phenomenos cosmicos e biologicos, foi por este encadeamento objectivo levado á systematisação dos phenomenos sociaes, comprehendendo-os pelas suas dependencias anteriores, e classificando-os pelas condições staticas de existencia ou Ordem, e pelas condições dynamicas de manifestação e transformação ou Progresso. Os materiaes da historia do passado humano tornaram-se na sua mão um meio de experiencia, considerando-os na sua continuidade, prestando-se a *previsões*, isto é, ao principal character scientifico em qualquer classe de phenomenos. A Philosophia positiva, que nasceu da grande synthese objectiva dos factos accumulados pelas sciencias inductivas cosmologicas e biologicas, tornou-se completa ao constituir a nova sciencia da Sociologia, restituindo á intelligencia humana a normal preponderancia do criterio subjectivo. A applicação da Philosophia positiva a qualquer phenomeno social é sempre fecunda, porque no exame dos factos ainda os mais restrictos introduz as noções do conjuncto simultaneas com a subalternidade relativa; assim a par das forças individuaes, paixões, necessidades, interesses, opiniões e aspirações, mais ou menos egoistas e dispersivas, Comte comprehende um esforço de convergencia cujo destino é o Estado, primeiro rudimento do altruismo social. A Philosophia positiva tem antecedentes doutrinaes achados pela rasão humana em outras épocas e civilisações; ella continúa na Sociologia o criterio objectivo de Aristoteles, interrompido por tantos seculos por divagações subjectivas. Aristoteles, na sua *Politica*, parte d'este principio claro: « O Estado é evidentemente uma associação; e toda a associação organisa-se para conseguir algum bem... » Este pensamento, previsto por Platão, embora viciado por elle na *Republica*, e deturpado por João Jacques no *Contracto social*, encerra todas as soluções definitivas da concepção do Direito.

Como associação, o Estado formado por elementos individuaes, não pôde oblateral-os absorvendo-lhes a sua autonomia; d'aquí o principio supremo da egualdade civil, traduzido em algumas civilisações pela fórmula de *self-government*, ou pela expressão do Suffragio universal. Porém como a coexistencia dos individuos é mantida por esse accordo ou consensus superior realisado no Estado, as manifestações da liberdade de cada um são solidarias com a subordinação a esse conjuncto na fórmula da acquiescencia

moral de deveres civicos. O Direito é consequentemente a resultante de uma anterior Obrigação prestada ou reconhecida. A verdade d'este principio vê-se sobretudo nas applicações ao facto social. A correlação entre os Direitos e Deveres é a equação normal a que tende todo o progresso humano; as evoluções da Historia, emfim, as fórmulas particulares de cada Civilização, apresentam-se como o esforço de trepidação para chegar a esse equilibrio.

O que é o indivíduo com Direitos sem dependencia de nenhum Dever, vêmol-o no despota, essa monstruosidade de sociedades degradadas, sobretudo no periodo das hostilidades militares e dynasticas.

O que é o individuo com Deveres e sem nenhum Direito? é essa outra anomalia social do escravo, proveniente quer da conquista ou do trafico mercantil, como no mundo antigo ou na época feudal e das explorações maritimas. Todas as vezes que este desequilibrio se manifesta em qualquer sociedade, dá-se a revolução, como crise inevitavel para a fixação de uma ordem. A força de coacção para manter a equação entre os Direitos e os Deveres, acha-se representada nas sociedades pela realização da Justiça; e essa outra força defensiva ou de garantia contra a abusiva intervenção ou absorpção do Estado, convergencia de todos os Deveres, é propriamente o Suffragio politico. Sem o conhecimento dos Deveres sociaes, perturbam-se os elementos naturaes da Ordem; sem a pratica dos Direitos individuaes, ou o exercicio de todas as Liberdades, cessam as Condições do Progresso. Comte resumiu esta concepção em uma phrase synthetica de grande alcance: O Direito de cada individuo consiste em praticar o seu Dever; quer dizer que o progresso deriva exclusivamente da ordem. D'este modo cessa esse estúpido antagonismo entre o Individuo e o Estado, entre a Liberdade e a Auctoridade, nascido das falsas ideias de um Direito natural, originario ou absoluto, ou da concepção de um Estado-providencia, da velha tradição patriarchal ou theocratica. A concepção do Direito não pôde resultar de um exame da natureza physiologica ou psychologica do homem como individuo, mas sim do conjuncto humano nas diversas e progressivas fórmulas da sociedade. Portanto, tornado scientifico o conhecimento dos phenomenos sociaes, na Sociologia, pôde-se já determinar qual deve ser a nova concepção do Direito; tal foi o problema que se propôz o joven e intelligentissimo philosopho brasileiro Alberto Salles, no livro que nos serviu de base a estas considerações. Pondo de parte os processos criticos que este escriptor emprega para atingir a concepção positiva do Direito, transcrevemos a sua conclusão, que é o substractum do seu excellento livro: «a subordinação necessaria das actividades individuaes a um fim commum, só se effectua convenientemente pelo Direito, que desde então se pôde definir como a regulamentação feita pelo Estado das actividades individuaes, que se manifestam praticamente no seio do organismo social, de modo a subordinar-as constantemente ao phenomeno geral da cooperação e a fazer com que o bem-estar de cada um seja alcançado de perfeita harmonia com o bem-estar social.»

(pag. 91.) O livro de Alberto Salles está destinado a exercer uma acção profunda no estudo do Direito na civilização brasileira; infelizmente na Universidade portuguesa uma obra d'este caracter não provoca o minimo interesse, porque a faculdade de Direito limita-se a fazer bachareis para consumo da nossa degradada Pedantocracia constitucional.

THEOPHILO BRAGA.

Comitato Universitario Centrale

Roma, 16 / 2 1886

PER IL

MONUMENTO A GIORDANO BRUNO

IN ROMA

piazza Campo de' Fiori

Sede: — Via del Governo Vecchio, 119, p. p.

Egregio Signore Carrilho Videira,

Nel trasmetterle ricevuta della somma inviataci in L. 105 sentiamo il dovere di porgere i più vivi ringraziamenti sia a lei che a tutti i signori Redattori e Collaboratori della benemerita Revue des Etudes Livres per il generoso concorso al monumento del Martire Illustre.

Sarà nostra cura far pubblicare l'offerta e i nomi degli oblatori sui nostri giornali.

Nuovamente ringraziando coi sensi della più viva simpatia e considerazione.

P. il Comitato

Dott. Gior. Amici.